J.K. ROWLING
JACK E O
PORQUINHO
DE
NATAL
Autora
da série
HARRY
POTTER
ILUSTRADO POR JIM FIELD
Rocco
DIGITAL

SÉRIE HARRY POTTER

Harry Potter e a Pedra Filosofal
Harry Potter e a Câmara Secreta
Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban
Harry Potter e o Cálice de Fogo
Harry Potter e a Ordem da Fênix
Harry Potter e o Enigma do Príncipe
Harry Potter e as Relíquias da Morte

Livros complementares
Animais fantásticos & onde habitam
Quadribol através dos séculos
(Publicados em prol da Comic Relief e da Lumos)

Os contos de Beedle, o Bardo
(Publicado em prol da Lumos)

Estes três livros também estão disponíveis como:
Biblioteca Hogwarts
(Publicados em prol da Comic Relief e da Lumos)

Também de J.K. Rowling
Harry Potter e a Criança Amaldiçoada
(Baseada na história original de J.K. Rowling, John Tiffany
e Jack Thorne; uma peça teatral de Jack Thorne)

Animais fantásticos & onde habitam: Um roteiro original
Animais fantásticos: Os crimes de Grindelwald – Um roteiro original

O Ickabog

J.K. ROWLING

Ilustrado por Jim Field

Traduzido por Ryta Vinagre

Rocco
DIGITAL

Para David – J.K. Rowling

Por Sandy e Lola – Jim Field

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique aqui.

PARTE TRÊS: Descartável

PARTE QUATRO: Alguém-Se-Importa

PARTE CINCO: O Refugo dos Esquecidos

PARTE SEIS: A Cidade dos Saudosos

PARTE SETE: A Ilha dos Amados

PARTE OITO: O Covil do Perdedor

PARTE NOVE: Em Casa

PARTE UM

O Poto

O Poto

O Poto era um porquinho de brinquedo feito do mesmo tecido de uma toalha macia. Tinha feijõezinhos de plástico na barriga, por isso era divertido atirá-lo para lá e para cá. Os pés moles eram do tamanho certinho para enxugar uma lágrima. Quando seu dono, Jack, era bem pequeno, dormia toda noite chupando a orelha do Poto.

O Poto tinha esse nome porque, quando Jack começou a falar, disse "o poto" quando quis dizer "o porco". Quando novo, o brinquedo tinha um tom de rosa-salmão, com olhos pretos e brilhantes de plástico, mas Jack não conseguia se lembrar do Poto assim. Não tinha dúvida de que O Poto sempre foi como era agora: cinzento e desbotado, com uma orelha torta de tanto ser chupada. Os olhos do Poto caíram e por algum tempo deixaram buraquinhos na sua cara, mas aí a mãe de Jack, que era enfermeira, costurou botões pequenininhos no lugar das

contas de plástico perdidas. Quando Jack chegou da creche naquela tarde, O Poto estava deitado na mesa da cozinha, enrolado em um cachecol de lã, esperando que Jack tirasse o pequeno curativo que cobria os olhos dele. Mamãe até fez várias anotações médicas para O Poto: “OP Jones. Cirurgia para pregar botões. Cirurgiã: Mamãe.”

Depois da operação nos olhos, todo mundo começou a chamar O Poto de OP, para abreviar. Desde seus dois anos, Jack nunca ia para a cama sem OP, o que costumava criar problemas, porque quando chegava a hora de dormir, não se encontrava OP em lugar nenhum. Às vezes mamãe e papai demoravam um tempão para encontrar OP, que aparecia em qualquer canto: escondido dentro de um dos tênis do papai ou amassado em um vaso de flores.

– Por que você sempre esconde OP, Jack? – perguntava mamãe sempre que encontrava OP enroscado numa gaveta da cozinha ou escondido atrás de uma almofada do sofá.

A resposta era uma questão particular entre Jack e OP. Jack sabia que OP gostava de espaços confortáveis, onde pudesse se aconchegar e dormir.

OP gostava de fazer as mesmíssimas coisas que Jack fazia: engatinhar para debaixo de arbustos e dentro de esconderijos, e ser jogado no ar – Jack pelo pai, e OP por Jack. OP não se importava de ficar sujo nem de ser largado por acidente em uma poça, desde que ele e Jack se divertissem juntos.

Uma vez, quando tinha três anos, Jack colocou OP na lata de reciclagem. Quando ouviu mamãe dizer que a lixeira era para reciclagem, Jack pensou que tinha alguma coisa a ver com bicicletagem, então esperou que mamãe saísse da cozinha e largou OP ali, imaginando

que ele ia dar uma voltinha quando a lixeira estivesse tampada. Mamãe riu quando Jack explicou por que ficava espiando a lixeira para tentar ver as coisas se mexendo. Ela explicou que “reciclar” significava uma coisa muito diferente de andar de bicicleta. Todas as coisas da lixeira seriam levadas e transformadas em outras coisas, assim teriam uma nova vida. É claro que Jack não queria que OP fosse embora, e transformado em outra coisa, então nunca mais colocou OP na lata de reciclagem.

Todas essas aventuras deram a OP um cheiro interessante, e Jack gostava muito desse cheiro. Era uma mistura dos lugares onde OP estivera nas aventuras, incluindo a caverna escura e quente embaixo do cobertor de Jack, apenas com vestígios do perfume de mamãe, porque ela sempre abraçava e beijava OP também quando ia dar boa-noite a Jack.

De vez em quando, mamãe chegava à conclusão de que OP estava meio fedido e precisava de um bom banho. Na primeira vez que OP foi para a máquina de lavar, Jack se jogou no chão da cozinha, gritando de raiva e medo. Mamãe tentou mostrar a Jack o quanto OP estava gostando de rodar na máquina de lavar, mas foi só quando OP voltou para a caverna embaixo do cobertor de Jack naquela noite, macio, seco e com cheiro de sabão em pó, que Jack realmente perdoou a mãe. Logo se acostumou a ver OP indo para a máquina de lavar, mas sempre ficava ansioso pela volta do seu cheiro natural.

O pior de tudo que já aconteceu com OP foi quando Jack tinha quatro anos e o perdeu na praia. Papai já havia guardado as toalhas, e mamãe ajudava Jack a vestir o moletom quando o menino de repente se lembrou de ter enterrado OP em algum lugar, só não conseguia lembrar onde. Eles procuraram até o sol começar a se pôr e a praia ficar quase vazia; papai ficou muito chateado, e

Jack chorava e soluçava, mas mamãe dizia o tempo todo para não perder a esperança e cavava ao redor com as mãos. E então, justo quando papai dizia que eles precisavam ir embora sem OP, Jack meteu o pé descalço na areia e seus dedos bateram em uma coisa mole. Jack puxou OP dali, chorando de felicidade, e papai disse que OP nunca mais iria à praia de novo, o que Jack achou muito injusto, porque OP adorava a areia e foi justamente por isso que Jack o havia enterrado.

Mamãe e Papai

Pouco antes de Jack começar na escola, chegou uma carta informando a todos os pais que as crianças deviam levar o brinquedo de pelúcia preferido no primeiro dia de aula. Todo mundo da turma de Jack levou um ursinho, mas Jack, naturalmente, levou OP. Cada criança teve sua vez para ir à frente da sala e explicar qual era o nome do seu brinquedo de pelúcia e por que gostava dele. Quando chegou a vez de Jack, ele explicou por que OP se chamava OP e falou da operação nos olhos, e do dia em que ele o enterrou na praia e quase o perdeu para sempre. As histórias de OP e suas aventuras fizeram a turma rir, e todos aplaudiram quando Jack terminou de falar. OP era tranquilamente o brinquedo mais divertido e mais interessante, apesar de ser um dos mais surrados. Na hora do recreio, Jack e um menino chamado Freddie brincaram de pega-pega com OP. Pouco antes do final do

intervalo, Jack deixou OP cair numa poça. Naquela noite, OP teve de voltar para a máquina de lavar.

Se Jack tinha um dia ruim na escola – se tirava uma nota baixa, ou brigava com Freddie, ou se alguém tinha caçoado do vaso de argila torto de Jack –, OP o esperava em casa para enxugar uma lágrima com seus pés pequenos e macios. Não importava o que acontecesse com Jack, OP estava sempre presente, compreendendo e perdoando, com aquele cheiro reconfortante de lar, que sempre voltava, por mais que mamãe o lavasse.

Numa noite, logo que as aulas retornaram, Jack acordou com um barulho. Apalpou OP e o puxou para mais perto, no escuro.

Alguém estava gritando. A voz parecia um pouquinho a do papai. Depois teve um estrondo e uma mulher gritou: parecia a mamãe, mas não como Jack sempre a ouvia. Jack teve medo. Escutou por mais alguns instantes, apertando OP na boca e no nariz, e percebeu que OP também estava assustado.

Jack achava que talvez mamãe e papai estivessem brigando com um ladrão. Ele sabia do número que a gente precisa ligar para chamar a polícia, então saiu da cama no escuro e foi de mansinho ao patamar da escada. Ainda abraçado a OP, desceu a escada pé ante pé. Papai continuava a gritar e mamãe também. Jack não conseguia ouvir a voz do ladrão.

Depois a porta da sala se abriu com uma pancada e papai foi para o saguão de entrada. Não estava de pijama, vestia jeans e um pulôver. Papai não notou Jack na escada. Abriu a porta da frente, saiu e bateu a porta. Jack ouviu o barulho do motor do carro na entrada. Papai arrancou com o carro.

Jack entrou furtivamente na sala de estar. A luminária estava no chão, e mamãe sentada no sofá com o rosto

nas mãos, chorando. Quando ouviu os passos de Jack, ela levantou a cabeça, assustada, e aí chorou ainda mais do que antes. Jack achou que ela ia explicar o que tinha acontecido e que assim tudo ia melhorar, mas quando ele correu até ela, mamãe só o abraçou muito apertado, do mesmo jeito que ele abraçava OP quando estava magoado ou triste.

Mudanças

Depois disso, papai não morou mais com eles.

Separadamente, mamãe e papai explicaram a Jack que não queriam mais ficar casados. Jack disse que entendia. Disse que outras pessoas na escola tinham mães e pais que não moravam juntos. Ele via que os pais precisavam que estivesse tudo bem para ele nessa história toda, então fingiu que estava tudo bem.

Só que algumas noites, depois de mamãe dar um beijo nele e fechar a porta do quarto, Jack chorava no corpo mole de OP, que sabia e entendia tudo sem que precisassem contar. Sabia sobre o nó no peito de Jack. Seus pés enxugavam as lágrimas de Jack que não precisava fingir no escuro com OP.

Logo depois de Jack completar seis anos, papai o levou para comer um hambúrguer, deu a ele uma caixa grande

de Lego e explicou que conseguira um emprego em outro país.

– Mas posso falar com você o tempo todo – disse papai. – Você pode pegar um avião para me visitar. Vai ser divertido, não vai?

Para Jack, aquilo não parecia nem de longe tão divertido quanto ter o pai por perto para brincar com ele, mas não disse nada. Estava se acostumando a não dizer as coisas.

Depois, mamãe falou que talvez fosse uma boa ideia se eles se mudassem para mais perto da vovó e do vovô, que poderiam cuidar de Jack quando ela precisasse trabalhar até tarde. Mamãe tinha um emprego novo em um hospital grande e o vovô encontrara uma linda casa com jardim para eles, apenas a duas ruas de distância da casa do vovô e da vovó. A vovó e o vovô tinham um cachorro muito ranheta chamado Toby. Jack achava o-cachorro-Toby engraçado.

– Mas eu vou ter que sair da escola? – perguntou Jack, pensando no melhor amigo, Freddie.

– Sim – disse mamãe –, mas tem uma escola muito perto da nossa casa nova. Sei que você vai adorar.

– Acho que não vou, não – disse Jack.

Ele não queria se mudar nem queria uma escola nova. Mamãe parecia não entender: Jack não queria mais nenhuma mudança. Queria ficar com os amigos da escola na velha casa, onde ele e OP tiveram tantas aventuras.

A vovó e o vovô conversaram com Jack por telefone. Disseram o quanto estavam animados para que ele e a mamãe fossem morar perto deles e que seria divertido para todos brincar com o-cachorro-Toby no parque. Então Jack disse que estava tudo bem, mas não falou a verdade. A única pessoa que parecia entender era OP.

Jack sabia que OP também ia sentir falta de todos os seus esconderijos preferidos.

Algumas semanas depois da mamãe contar sobre a casa nova, Jack se despediu da professora e de Freddie. No dia seguinte, chegaram os homens da mudança e levaram tudo o que fazia a velha casa parecer um lar, e mamãe dirigiu com Jack e OP por uns 150 quilômetros.

Jack teve de admitir que a viagem foi divertida. OP ficou sentado no colo de Jack, e mamãe e Jack brincaram de o que é, o que é, e na metade do caminho pararam para comer uma pizza e tomar sorvete. Mamãe deixou Jack comprar dois caramelos na máquina automática, um para ele e outro para OP (mas, como explicou mamãe já no carro, Jack teria de comer o de OP por ele).

O menino não esperava por isso, mas gostou da casa nova. Seu quarto ficava ao lado do quarto da mamãe e tinha uma árvore alta na frente de sua janela. A vovó e o vovô chegaram cinco minutos depois com sacolas de comida para encher a geladeira. A primeira coisa que o-cachorro-Toby fez foi tentar arrancar OP da mão de Jack.

– Não, Toby, você sabe que OP é meu! – disse Jack. Ele meteu OP por dentro do suéter para que ficasse em segurança, mas com a cabeça de fora, de modo que OP pudesse ver o que estava acontecendo.

Os homens da mudança levaram toda a já conhecida mobília para dentro da casa. Mamãe e vovó guardaram todas as coisas da cozinha enquanto Jack, vovô, o-cachorro-Toby e OP exploraram o jardim. Havia muitos esconderijos interessantes e excelentes poleiros altos para OP, mas Jack o manteve por perto, porque não confiava que o-cachorro-Toby não tentaria tirar OP dele de novo.

Naquela noite, Jack abraçou OP na cama, respirando seu familiar cheiro reconfortante e eles concordaram, em

silêncio, que o dia da mudança não tinha sido assim tão ruim como Jack imaginava. Ainda não havia cortinas na janela de Jack, e OP e Jack viram as folhas esvoaçando contra o céu escuro do lado de fora, e então caíram no sono.

Holly Macaulay

Quando chegou a segunda-feira, mamãe pegou Jack tentando colocar OP na mochila da escola, escondido.

– Não, Jack – disse ela com gentileza. – E se ele se perder?

A ideia de OP se perdendo em uma escola nova em meio a estranhos era pavorosa, então Jack deixou OP no quarto. Mas, ao se aproximar dos portões da escola, ele se sentiu muito solitário e assustado.

– Sei que você terá um ótimo dia – disse mamãe, dando-lhe um abraço antes que o sinal tocasse e ele tivesse de entrar.

Jack não falou nada, a testa franzida pelo esforço que fazia para não demonstrar o medo que estava sentindo.

Todas as crianças da turma nova o encararam. Pareciam maiores do que os alunos de sua antiga turma. A professora falou com ele gentilmente e perguntou seu

nome. Depois pediu ao restante da turma que fosse à frente da sala, um por um, para mostrar o que tinham coletado para o tema da natureza. Jack não tinha nada, naturalmente, então ficou vendo os colegas mostrarem folhas, sementes e nozes à turma.

E então chegou a hora do recreio. Jack encontrou um canto onde ninguém o incomodaria.

Depois do recreio, a professora pediu a todos que pegassem seus livros de leitura. Ela deu um a Jack. Em seguida disse às crianças que aquele era um dia especial, porque alguns alunos mais velhos iam visitar a turma. Todo mundo teria um parceiro para ajudar na leitura.

A porta da sala de aula se abriu e entrou um monte de crianças maiores do último ano. Todas sorriam e algumas acenaram para crianças mais novas que conheciam. Jack ficou mais assustado do que nunca.

Uma garota alta se destacava dos demais. Tinha cabelo preto e comprido, que ela amarrou em um rabo de cavalo. Não escondia o riso com a mão, como muitas das outras meninas grandes. Ficou calmamente parada enquanto a professora convidava as crianças mais velhas a escolherem seus parceiros. Quando a garota alta olhou nos olhos de Jack, ele rapidamente passou a examinar os dedos.

As crianças grandes passaram a andar entre as carteiras e todos os colegas de Jack sussurravam, "Holly! Holly! Aqui, Holly!".

A menina sentada ao lado de Jack também sussurrava, "Holly! Holly!".

Quando viu que Jack a olhava, a menina ao lado dele explicou:

– Está vendo a garota de cabelo preto e comprido? É Holly Macaulay. Ela é uma ginasta muito boa. Apareceu

na televisão.

– Oi – disse uma voz muito acima da cabeça de Jack.

Ele levantou a cabeça. Holly Macaulay, que apareceu na televisão, olhava para ele.

– Você é novo aqui, não é? – perguntou ela.

Jack tentou dizer “sim”, mas sua voz não saiu. Todos o encaravam e os sussurros frenéticos de “Holly, Holly, Holly, aqui!” ficaram ainda mais altos.

Mas Holly Macaulay ignorou todos eles. Puxou uma cadeira e se sentou ao lado de Jack.

– Eu serei a *sua* parceira – disse ela.

Pode parecer estranho comparar um porquinho molenga com uma menina alta de onze anos que apareceu na televisão, mas não para Jack. OP tinha conquistado amigos para ele no primeiríssimo dia da escola antiga e Holly Macaulay fazia o mesmo para ele na escola nova. Depois de apenas uma hora com Holly sendo a sua parceira de leitura, Jack não era mais o menino novo e calado. Era o menino que foi escolhido por Holly Macaulay, o menino que Holly Macaulay chamou de “meu parceiro Jack” quando o viu na mesa de almoço lotada.

O restante da turma ficou impressionado. Eles agora queriam falar com Jack. Depois de comer seus sanduíches, um menino chamado Rory perguntou a Jack se queria jogar futebol. Rory conhecia um monte de piadas boas. Quando mamãe foi buscar Jack no final do dia, Rory puxou a mãe dele até a mãe de Jack e as duas combinaram de Jack ir brincar na casa de Rory naquela mesma semana.

OP ficou contente por Jack ter tido um primeiro dia tão bom na escola nova. Adorou ouvir sobre Holly Macaulay e Rory. É claro que Jack não precisou dizer nada em voz alta. Aconchegado debaixo da coberta, com as folhas

farfalhando do outro lado da janela, OP sabia e compreendia tudo sem precisar ouvir nada. Jack dormiu com o corpo cheio de feijões de OP encostado no rosto, seu cheiro familiar se misturando com o da tinta nova do quarto.

O OP de Holly

Durante todo aquele período letivo, Jack e Holly continuaram como parceiros de leitura. Quanto mais ele a conhecia, mais entendia por que a turma toda queria a amizade dela.

Além de ser muito inteligente, sempre tirar notas altas e ter uma voz boa para cantar solos na assembleia de alunos, Holly Macaulay era uma das melhores ginastas juvenis do país. Apareceu na televisão uma vez e no jornal duas vezes. Tinha a ambição de competir nos Jogos Olímpicos. Uma parte disso ela mesma contou a Jack, o restante ele soube pelos outros.

Holly não era vaidosa, apesar de ser famosa. Mostrou a Jack os hematomas que ganhou quando caiu da trave. A ginástica parecia um trabalho muito árduo. Holly contou a Jack que precisava vencer e continuar vencendo. Nem o segundo lugar era tão bom assim. Ela

não podia se dar ao luxo de perder se quisesse ir às Olimpíadas.

E então, um dia, Holly apareceu para a aula de leitura com uma cara estranha. Tinha os olhos vermelhos e inchados e, quando disse oi, parecia um sapo coaxando.

Mesmo gostando muito de Holly, Jack ainda estava meio tímido com ela.

– Você... Você perdeu? – sussurrou ele. Jack lembrou que Holly tinha tido uma competição de ginástica importante no fim de semana.

Ela fez que não com a cabeça.

– Eu não fui.

– Você ficou doente? – perguntou Jack.

De novo, Holly fez que não.

Eles leram outra página do livro de leitura de Jack. Depois, uma lágrima grande caiu no papel.

– Minha mãe abandonou meu pai – sussurrou Holly.

Protegida atrás do livro de Jack, ela contou tudo a ele.

A mãe de Holly disse a ela para fazer as malas e depois a levou de carro a um apartamento, enquanto o pai de Holly ainda estava trabalhando no hospital. Holly não sabia quando veria o pai de novo. Sentia saudades dele. Era ele que costumava levar Holly às competições de ginástica. A mãe explicara que não amava mais o pai de Holly.

– Os dois querem que eu more com eles – contou Holly aos sussurros a Jack. – Não sei o que fazer.

Quando acabou a hora da leitura e Holly voltou para sua própria turma, Jack ficou imaginando o que a fizera contar todos aqueles segredos a ele, coisas particulares. Talvez, pensou, ele fosse o OP de Holly. Apesar de não ter falado muita coisa, ele compreendia.

Mais Mudanças

Jack tinha se acostumado com o pai mandando cartões-postais de todas as diferentes cidades a que ele viajava a trabalho. Mamãe prendia os postais na geladeira, onde Jack sempre pudesse ver. Havia um com pontes por cima de um canal e outro de uma cidade bem no alto de montanhas cheias de neve. Jack falava com o pai por telefone, e mandou por mensagem fotos dos desenhos que fez na escola e seu certificado de Nível Quatro na natação. Jack adorava natação. Era um dos melhores da turma, então fez sua festa de aniversário de sete anos na piscina. Muitos colegas de turma foram, inclusive seu melhor amigo, Rory.

Antes que a escola entrasse em férias de verão, Holly Macaulay apareceu na televisão pela segunda vez. Ela foi à frente da assembleia de alunos para mostrar a todos

outra medalha de ouro, a escola inteira aplaudiu, e ela acenou e deu uma piscadela para Jack.

Mamãe e Jack foram passar as férias na Grécia, com a vovó e o vovô. OP foi também. Ele adorava o sol. Seu corpo pequeno e mole descoloriu até ficar num tom mais claro de cinza enquanto permanecia deitado na toalha ao lado de Jack na piscina, mas o menino se lembrou de não o enterrar na areia de novo.

Quando Jack voltou à escola no novo ano letivo, Holly Macaulay tinha se mudado para a Escola Grande. Ele sentia falta de vê-la, mas agora tinha muitos amigos.

Uma noite, a vovó e o vovô apareceram para cuidar dele, porque a mãe ia sair. Isso era estranho, porque mamãe não costumava sair à noite. Quando ele perguntou aonde ela ia, a mãe disse a Jack que ia jantar fora com um amigo. Ela estava bonita. Usava um vestido novo.

Depois disso, mamãe saía à noite uma vez por semana. Jack não se importava. Ele se divertia com a vovó e o vovô, que disputavam jogos de tabuleiro com ele, mas Jack tinha o cuidado de colocar OP em algum lugar alto quando o-cachorro-Toby passava a noite lá.

E então, em um fim de semana ensolarado, mamãe disse a Jack que seu amigo Brendan ia aparecer de carro e que os três passariam o dia fora.

– É com esse Brendan que você vai jantar? – perguntou Jack. Mamãe disse que era.

Brendan se revelou um homem simpático e de voz grave. Ele levou mamãe e Jack a um parque no campo onde havia uma área de recreação para crianças. Jack desceu no escorrega e escalou na rede de cordas, mas não estava lá se divertindo muito. Era estranho não ter a mãe para ele. Depois de Jack se cansar das brincadeiras, os três foram passear na beira do rio. Brendan mostrou a

Jack como fazer as pedras saltarem na água. Jack preferia muito mais que o pai o ensinasse.

Depois de Brendan levá-los para casa e se despedir, mamãe perguntou se Jack tinha gostado de Brendan. Jack disse que ele era bem legal.

Eles saíram muito com Brendan depois disso. Jack sabia que a mãe gostava de verdade de Brendan. Uma vez, ele voltou dos balanços e viu os dois de mãos dadas em um banco, mas mamãe rapidamente o soltou quando percebeu que Jack tinha visto.

Embaixo do cobertor, OP compreendeu tudo sem precisar ouvir nada. Ele sabia que Jack se sentia estranho ao ver Brendan segurar a mão da mãe, embora Jack gostasse um pouquinho mais de Brendan, agora que passara a conhecê-lo. OP compreendia que, na opinião de Jack, deveria ser o pai a ficar de mãos dadas com a mãe. OP compartilhava do medo que Jack tinha de Brendan não querer mais ser amigo da mamãe e ela ficar triste de novo. OP era o único para quem Jack realmente podia contar sobre o quanto desejava que as coisas parassem de mudar. Ele nunca precisava fingir com OP.

Não é o Pai de Jack

Jack sabia que Brendan – como mamãe – havia sido casado e que tinha uma filha. Em alguns fins de semana, Brendan não via mamãe porque a filha ia para a casa dele e ficava ocupado fazendo coisas com ela.

Um dia, mamãe anunciou que os quatro iriam ao cinema juntos: mamãe, Jack, Brendan e a filha dele, Holly.

– *Holly?* – perguntou Jack.

E, claro, lá estava ela: Holly Macaulay, agora mais alta do que nunca e parecendo muito mais velha do que Jack se lembrava. Aconteceu outra mudança também. Embora ele estivesse muito satisfeito por ver Holly, ela não pareceu satisfeita por ver Jack. Foi educada com mamãe, mas quando mamãe perguntava sobre a ginástica, Holly se limitava a dizer "sim" e "não". Ela não deixou que mamãe a ajudasse com nada, e quando mamãe

perguntou se ela queria ir ao banheiro, disse que tinha idade para ir sozinha, muito obrigada. Jack não gostou de como Holly foi grosseira com a mamãe. Era a primeira vez que ele via Holly sendo desagradável com alguém.

Falando sobre isso com OP na cama mais tarde (eles não estavam falando de verdade, é claro, mas dava no mesmo, porque OP compreendia tudo que Jack pensava), Jack supôs que Holly achasse estranho ver o pai com outra mulher. Mesmo assim, a mamãe era adorável. Holly não deveria falar com ela daquele jeito.

Quase um ano depois de Brendan ensinar Jack a fazer as pedras saltarem na água, mamãe disse que tinha uma coisa para contar a Jack. Ela parecia nervosa. Escondia a mão esquerda no colo.

– Brendan me pediu para casar com ele – disse ela.

– Ah – disse Jack.

Ele pensou um pouquinho.

– Ele vem morar com a gente?

– Sim – disse mamãe, ainda nervosa. – Você se importa, Jack?

Agora Jack gostava muito mais dele. Brendan o ensinou a jogar damas e o ajudava no dever de casa. Ao mesmo tempo, ele não entendia por que não podiam deixar as coisas como estavam.

– Eu vou ter de chamar ele de papai?

– Não – respondeu mamãe. – Seu pai é o “papai”. Pode continuar chamando Brendan de “Brendan”.

– A vovó e o vovô sabem? – perguntou Jack. No fundo, ele torcia para que a vovó e o vovô não ficassem contentes com isso, mas mamãe disse que eles gostavam muito de Brendan e estavam felizes.

– Holly vai ser minha irmã?

– Sua meia-irmã – disse mamãe. – Você gosta de Holly, não gosta?

– Gosto – disse Jack.

Era meio verdade. Ele nunca se esquecera de como Holly era boazinha quando ele começou na escola. Às vezes ela era muito divertida, mas em outras podia ser brusca e sarcástica. Mamãe disse que era porque Holly era uma adolescente.

Mamãe e Brendan se casaram em um cartório no final do verão. Jack teve de vestir um terno, porque foi ele que levou as alianças. Holly foi dama de honra e estava de vestido azul, com florezinhas no cabelo comprido.

Depois disso, todos eles foram a um restaurante. A mãe e o pai de Brendan também. Eles foram muito legais com Jack e se entenderam bem com a vovó e o vovô. Todo mundo parecia feliz, embora Holly não falasse muito.

– Ela tem uma competição importante na semana que vem – disse Brendan, abraçando Holly em seu vestido de dama de honra. – Nós todos vamos lá torcer por ela.

– “Nós” quem? – perguntou Holly.

– Judy e Jack também podem ir – disse Brendan. Judy era o nome da mãe de Jack.

– Não quero eles lá. – Holly tinha os olhos cheios de lágrimas. – Quero que você vá sozinho, como sempre.

Fez-se um breve silêncio à mesa e depois todos falaram alto ao mesmo tempo.

Muito mais tarde, naquela noite, um dos amigos de Brendan tocou piano e os adultos dançaram. Jack estava com sono. Queria sua cama e OP.

Depois Holly sentou-se ao lado dele à mesa. Falou em um tom de voz baixo e agressivo.

– Ele não é seu pai – disse ela. – É meu pai. Só porque ele mora com você não quer dizer que seja seu pai. Entendeu?

A expressão de Holly assustou Jack um pouquinho.

– Sim – disse ele. – Entendi.

O Anjo do Rolo de Papel Higiênico

Desse dia em diante, Holly passava fins de semana alternados na casa deles. Jack nunca sabia se ela seria a Holly boazinha ou a Holly má. Ele e mamãe nunca tiveram permissão para ver Holly na ginástica. Eles nem tinham permissão para perguntar a ela como foram as competições.

Quando estava de bom humor, Holly jogava videogame com Jack e futebol no quintal. Em outras ocasiões – em particular se tivesse perdido uma competição –, ela podia ser muito horrível. Uma vez, ela chamou Jack de bebê burro quando o viu aconchegado a OP. Jack ficou com vergonha e depois disso passou a esconder OP sempre que Holly vinha passar a noite.

Brendan disse a Jack que Holly precisava se esforçar duas vezes mais para vencer nas competições, porque

uma garota nova tinha se mudado para a região e ela era quase tão boa quanto Holly.

Jack tentava ao máximo não irritar Holly quando ela vinha passar o fim de semana, mas era difícil saber o que a faria explodir. Quando Jack teve gripe, ela gritou com ele por fungar durante seu programa televisivo preferido. Quando Brendan deu uma bronca nela, Holly saiu toda zangada da sala e bateu a porta. Brendan correu atrás dela. Depois de ficar sentado sozinho um pouco, Jack decidiu subir para o quarto. Enroscou-se na cama com OP, que concordou em silêncio que não era culpa de Jack ele ter fungado e que Holly tinha sido horrível.

Era quase Natal. Recesso escolar. Jack ficou animado porque tinha pedido uma bicicleta nova e Rory, o melhor amigo dele, também pedira. Havia um bom pedaço pavimentado no parquinho perto da casa de Rory, e ele e Jack tinham planos de disputar corrida nas bicicletas novas ali.

Quando mamãe pegou a caixa de enfeites de Natal naquele ano, ela mostrou a Brendan o anjo que sempre ficava no alto da árvore da família. Jack o fizera quando estava na creche. O corpo do anjo era um rolo de papel higiênico, as asas eram feitas de cartolina com glitter colado em cima e ele tinha uma barba de lã marrom.

– Anjos não têm barba! – disse Holly com desprezo, quando viu a criação de Jack no alto da árvore. Mamãe e Brendan estavam na cozinha quando Holly disse isso. – Por que alguém colocaria um rolo de papel higiênico em uma árvore de Natal? Minha mãe não colocaria as coisas que eu fiz quando era *bebê*. Ela sabe que me deixaria sem graça.

De repente, Jack se lembrou de que papai sempre dizia “e agora, dando o toque final”, e levantava Jack para colocar o anjo de rolo de papel higiênico na árvore, o

último dos enfeites. Por um momento, Jack quis tanto o pai de volta à casa que chegou a sentir uma dor no peito.

Aquela era a última vez que Jack veria Holly antes do Natal, porque a mãe de Holly ia levá-la para visitar alguns parentes no exterior. Jack ficou feliz. Se não podia ter o pai, pelo menos tinha mamãe, Brendan, vovó, vovô e o-cachorro-Toby de bom humor, já que Holly não ia bater portas nem obrigar adulto nenhum a tentar fazê-la feliz.

Um dia antes da véspera de Natal, a vovó apareceu para cuidar de Jack, porque tanto mamãe quanto Brendan estavam no trabalho. Tinha começado a nevar. Flocos passavam vagando pela janela enquanto Jack assistia a um filme natalino com OP no colo. As luzes da árvore de Natal piscavam no canto, o-cachorro-Toby dormia no chão e Jack estava relaxado e feliz. Ele não notou o táxi rodando do lado de fora da casa.

A campainha tocou. O-cachorro-Toby deu um pulo e latiu. Jack ouviu a vovó abrir a porta, depois uma exclamação de surpresa.

– Holly! O que está fazendo aqui?

Jack olhou a tempo de ver Holly arrastando uma mala para o saguão de entrada. Parecia furiosa e suas bochechas estavam molhadas de lágrimas.

– Pensei que a essa altura você estaria no avião! – disse a vovó.

– Eu não vou! – disse Holly. – Quero ver meu pai!

– Mas ele está no trabalho, querida – disse a vovó, desnorteada. – Onde está a sua mãe?

A Vovó espiou o jardim tomado de neve, mas não havia ninguém ali. Holly tinha ido para a casa deles sozinha.

– Eu não vou com ela! – gritou Holly, e foi a passos duros para a escada, arrastando a mala pesada, e

recusou-se a responder a qualquer outra pergunta da vovó.

A vovó telefonou para Brendan, que saiu do trabalho cedo, e depois a mãe de Holly chegou. O nome dela era Natalia. Jack não a conhecia. Ele foi se esconder no quarto, mas ainda assim conseguia ouvir o que todo mundo gritava. Parece que Holly tinha perdido uma competição de ginástica importante e a mãe dela lhe disse que era porque ela faltava aos treinos; Holly ficou com muita raiva e fugiu da mãe no aeroporto.

– Imagino que *você* tenha encorajado isso! – Ele ouviu Natalia gritando com Brendan.

Enfim Natalia saiu da casa, chorando. Holly se recusou a ir com ela, insistindo que queria passar o Natal com o pai. Agora Jack estava com muita fome, mas não quis descer antes de mamãe chegar.

Quando a mãe chegou em casa, Jack dormia profundamente na cama, com OP agarrado na mão.

A Véspera de Natal

Jack acordou na véspera de Natal abraçado a OP, como sempre. Por alguns minutos, continuou deitado bem quietinho, pensando na bicicleta nova que ia ganhar no dia seguinte, e foi ficando animado. Ele sabia que mamãe já teria saído para o trabalho e que ela precisaria trabalhar até tarde esta noite, mas ela teria todo o dia de Natal e o dia seguinte de folga.

Depois ele se lembrou de que Holly ainda estava ali. Ele mal teve tempo de imaginar que motivo ela ia achar para ficar com raiva hoje quando houve um estrondo enorme vindo do térreo e o-cachorro-Toby latiu. Jack se levantou e desceu para ver o que tinha acontecido.

Quando entrou na sala de estar, ele viu a árvore de Natal jogada no chão ao lado de uma cadeira virada. A vovó tentava pegar o-cachorro-Toby, que esquadrinhava

os enfeites em busca de todos aqueles de chocolate que ele não devia comer.

– Eu só estava tentando colocar meu enfeite na árvore! – dizia Holly, entre o lamento e o desafio. Ela segurava um enfeite que tinha feito na escola e que estivera tentando pendurar perto do topo. Pelo visto, ela havia perdido o equilíbrio, se pendurado na árvore e a puxado para baixo.

– Está tudo bem, querida – disse a vovó. – Não faz mal.

Mas *tinha* feito mal. Quando todas as bolas que não se quebraram foram recolocadas na árvore, eles perceberam que o anjo de rolo de papel higiênico tinha sumido. Por fim, o vovô encontrou alguns pedaços molhados de papelão e lã: o-cachorro-Toby tinha feito o anjo em pedaços.

– Esse maldito cachorro! – disse o vovô.

Jack sabia que mamãe ia ficar muito chateada. Ela adorava o anjo dele. Ninguém nem mesmo deu uma bronca em Holly.

– Já sei o que vamos fazer – disse a vovó, tentando manter as coisas animadas. – Vamos todos de carro até o centro escolher um anjo novo!

Holly não podia recusar, sabendo que o anjo havia sido devorado por sua culpa, mas Jack sabia que ela não queria ir de verdade. Ela ficou sentada de cara amarrada no sofá, mandando mensagens de texto aos amigos. Quando Jack subiu para vestir o casaco, ele escondeu OP no bolso. Sentia que precisava de conforto naquele momento.

O Anjo Novo

Holly ficou encurvada ao lado de Jack no banco traseiro, ainda trocando mensagens de texto por todo o caminho até o centro da cidade.

– Olha só toda essa neve! – disse a vovó, animada, enquanto flocos brancos começavam a se amontoar no para-brisa e o vovô ligava os limpadores. – Não seria lindo ter um Natal branquinho com neve?

Nem Jack nem Holly disseram coisa alguma.

As calçadas no centro estavam cobertas de uma lama de neve marrom. Música natalina tocava em todas as lojas e havia um vendedor de castanhas na esquina. Jack ficou de mãos dadas com a vovó, a outra mão no bolso, segurando OP. Multidões se apressavam em volta deles, todos fazendo compras de última hora.

Eles entraram em uma loja de departamentos movimentada. Não tinham restado muitos enfeites de

Natal, e estavam todos uma bagunça, porque os compradores os pegavam e largavam às pressas.

– Aqui está um lindo anjo! – disse a vovó, pegando o primeiro que viu.

Jack não gostou nada do anjo. Achou chique demais para a árvore deles. Trajava um vestido roxo berrante debruado de galões dourados e tinha grandes asas de plástico dourado. Jack achava que a mãe também não ia gostar. Ela adorava o anjo de rolo de papel higiênico dele com a barba de lã.

– O que acha dele, Holly? – perguntou a vovó, mas Holly deu de ombros grosseiramente e continuou olhando para o telefone.

A vovó não perguntou a Jack. Levou-os ao caixa e comprou o anjo. Depois eles voltaram para o carro pela lama gelada e em meio à multidão apressada.

No caminho para casa, Holly falou:

– Estou enjoada.

– Talvez você deva parar de mandar mensagens enquanto estamos no carro, querida – sugeriu a vovó.

Holly revirou os olhos e apertou o botão para abrir a janela. Uma rajada gelada encheu a traseira do carro e flocos de neve entraram em turbilhão.

– Estou com frio – disse Jack.

– Preciso de ar fresco! – Holly estourou.

Eles chegaram à estrada. Agora Jack tremia. Sentia-se infeliz e zangado. Por que tudo tinha que ser sempre do jeito que Holly queria?

– Vovó, estou com frio.

– Holly, feche um pouco a janela, por favor – disse a vovó.

Holly subiu a janela um pouquinho. Granizo e neve ainda eram soprados para dentro do carro.

– Ainda está escancarada – disse Jack.

Holly fez beicinho, imitando uma cara de bebê, e apontou para OP, que Jack tirara do bolso. O vovô a viu fazer isso pelo retrovisor.

– Já chega disso, mocinha – disse ele. – Feche a janela, por favor.

Holly amarrou a cara e subiu mais um pedacinho da janela. Depois virou-se para Jack, fez beicinho outra vez e fingiu ser um bebê enxugando as lágrimas.

Jack não acreditava que Holly realmente estivesse enjoada. Ela só queria ser chata. Estava estragando a véspera de Natal e provavelmente ia estragar o dia de Natal também, esbravejando com Jack e se fazendo de centro das atenções. Em silêncio, ela continuou a provocar Jack com a cara de bebê. O bolo de raiva na barriga de Jack, já duro e apertado, de repente ficou em brasa.

– Perdedora – cochichou ele.

Holly parou de fazer cara de bebê de pronto.

– Cala a boca – rosnou ela.

Jack não ligava por ter deixado Holly com mais raiva ainda. Ela estava estragando tudo. Ela era grossa com a mamãe, a vovó e o vovô. Ela veio passar a noite quando ele não a queria. Era culpa dela que o-cachorro-Toby tivesse comido seu anjo barbudo. Ele queria castigá-la por estragar o Natal e sabia exatamente como fazer isso. Não havia nada que Holly odiasse mais no mundo do que perder.

– Perdedora – disse Jack, mais alto.

– Jack – falou o vovô asperamente do banco do motorista –, espero que não tenha dito o que acho que você disse.

Jack não respondeu. Ele sabia que agora Holly estava prestes a chorar, e ficou feliz com isso. Estava cansado de ser atormentado por ela. Não se importava com a paz.

Não tinha jantado na noite passada por causa de Holly. Estava cansado de pisar em ovos perto dela.

De repente ela apertou o botão da janela, abrindo-a toda de novo, e assim soprou uma ventania gelada dentro do carro.

– Holly... – começou a vovó.

– Eu vou vomitar! – disse Holly. Jack sabia que ela ia fazer isso por vingança. Então ele fez algo que vira as pessoas fazerem na escola, insinuando que a colega era uma perdedora: um sinal de negativo com o polegar direito.

Ele lhe mostrou o dedo e encarou feio Holly.

Sem que Jack tivesse a chance de impedi-la de tão rápido que foi, Holly se curvou para a frente, tirou OP do colo de Jack e o jogou pela janela aberta. Por um breve segundo Jack viu OP congelado contra o céu cinzento, com os pezinhos abertos; depois ele foi varrido de vista.

Perdido

O grito de Jack foi tão alto que o vovô deu uma guinada perigosa no carro.

– Ela jogou OP pela janela! – berrou Jack. – *Ela jogou OP pela janela!*

Mas o vovô não podia parar no meio da estrada. Eles seguiram com o carro pelo que pareceram séculos até ele poder encostar. Os braços de Holly estavam cruzados, sua expressão era fria e impassível. Parecia que ela não se importava com nada do que tinha feito. Depois que eles pararam, o vovô saiu do carro e voltou pelo caminho que eles fizeram, desaparecendo na neve, na esperança de resgatar OP.

– O vovô vai encontrá-lo – disse a vovó, mas Jack não acreditava nela. Ele tentou sair do carro para procurar ele mesmo por OP, mas a vovó o fez ficar ali dentro. Jack começou a gritar e chorar. Precisava ter OP de volta. OP

era o único em todo o mundo que sabia de tudo, que sempre se importava e nunca mudava. Ele precisava de OP, *tinha* de ter OP, e OP precisava de Jack, porque só os dois se entendiam e agora OP estava jogado na estrada, acreditando que Jack o havia abandonado para sempre. O menino chutou as costas do banco do motorista, ainda gritando de fúria, e tentou esmurrar Holly.

– Jack! – disse a vovó, chocada. – Calma! Vamos encontrar OP!

Uma viatura policial reduziu e estacionou atrás deles. O policial saiu e foi perguntar à vovó por que eles tinham parado. A vovó explicou e o policial se afastou de novo. O vovô ainda não tinha voltado. Carros passavam zumbindo, mais neve caía e Jack olhava pelo vidro traseiro, soluçando. Não conseguia se livrar da imagem de OP voando pela janela do carro, pequeno, mole e assustado enquanto dava uma cambalhota pelo ar. O vovô precisava encontrá-lo. *Tinha* de encontrá-lo.

Mas quando o vovô voltou para o carro, fez que não levemente com a cabeça ao olhar nos olhos da vovó, depois virou-se para Jack.

– Eu sinto muito, amiguinho. Acho que ele se foi.

Depois disso, Jack gritava e chorava alto demais para ouvir qualquer coisa que alguém dissesse. Não suportava sentir o carro levando-o para longe do lugar onde OP estava caído, perdido e aturdido, se perguntando por que Jack não voltava para ele. Eles foram para casa com Jack esmurrando a porta do carro, pedindo para sair, assim poderia voltar e encontrar OP.

Quando chegou em casa, Jack tentou voltar pela rua até a estrada. O vovô o agarrou e o levou para casa meio arrastado, meio carregado. Depois de entrar, Jack correu para o quarto e começou a atirar objetos por toda parte. Pegou todos os brinquedos que conseguia alcançar na

estante e os jogou pelo quarto. Rasgou os pôsteres nas paredes. Tirou as gavetas. Ele até virou a mesa.

A vovó subiu até lá.

– Jack, pare com isso! PARE COM ISSO! Você é sempre um menino tão bonzinho!

Em resposta, Jack pegou a lixeira e a atirou na janela. Torceu para que o vidro se quebrasse, mas não quebrou.

– Já chega, rapazinho! – o vovô rugiu, aparecendo na soleira atrás da vovó. – Você precisa se acalmar, já!

Não sobrara muita coisa para atirar ou quebrar, então Jack se jogou de cara para baixo na cama e se recusou a se mexer ou a falar. Por fim, a vovó e o vovô o deixaram em paz.

Por toda a vida de Jack, quando ele ia dormir, estendia a mão para OP. Parecia sentir OP naquele momento: seu corpinho flácido, a barriga cheia de feijões, os pés surrados, tão bons para enxugar lágrimas. Ele até podia sentir de leve o cheirinho sujo familiar de OP.

– Eu vou te encontrar, OP – Jack jurou para o travesseiro ensopado do choro. – Vou voltar quando todos eles estiverem dormindo.

Depois de uma hora, quando tinha chorado tudo que podia, Jack ficou deitado na cama do quarto destruído enquanto ouvia os barulhos na casa. Ainda tinha esperanças de ouvir a porta de entrada se abrir. Se a vovó telefonou para a mamãe no trabalho e contou o que aconteceu, ela certamente viria para casa cedo. Mamãe entendia o quanto OP era importante. Ela o ajudaria a procurar. Mas a porta de entrada não se abriu.

O vovô apareceu e bateu na porta do quarto de Jack a uma da tarde, perguntando se queria almoçar. Ele gritou um “não”. Pouco tempo depois, a vovó veio à sua porta e perguntou se ele queria ver o anjo novo no alto da árvore. Jack gritou um “não” mais alto ainda. Depois ele

ouviu a porta da frente se abrir e fechar. Por um momento de felicidade, achou que a mamãe tinha chegado mais cedo, como era sua esperança, mas em vez disso ouviu alguém se afastando pela calçada tomada de neve. Não ligava para quem fosse, ou por que estava indo embora. Não ligava mais para o Natal. Só o que importava para ele era OP.

O Porquinho de Natal

Estava quase na hora do chá quando Jack ouviu o portão do jardim guinchar e passos no caminho até a porta. Torcendo para ser a mamãe, o menino deu um salto e olhou pela janela, mas eram só o vovô e Holly.

Logo depois disso, houve outra batida na porta do quarto de Jack e ela se abriu.

– Jack – disse o vovô. – Holly tem uma coisa que quer dar a você.

O rosto de Holly estava inchado e molhado do choro. Jack se sentou na cama, encarando o saco de papel pardo na mão de Holly. Só podia pensar em uma coisa que compensaria o que ela fizera. Eles devem ter voltado à estrada em busca de OP. Devem tê-lo encontrado.

Pelo tempo de uma batida do coração, Jack pensou que tinha sido exatamente isso o que eles fizeram,

porque quando Holly pôs a mão dentro da sacola, ele ouviu o chacoalhar de feijões de barriga.

E então a esperança se foi. Holly retirou um porquinho novo em folha. Era do mesmo tamanho de OP e feito do mesmo tecido atoalhado, mas era gorducho e parecia convencido, com a pele rosada e olhos pretos e brilhantes que pareciam besourinhos.

– Ele é igualzinho, olha só – disse o vovô. – A Holly está pedindo desculpas, Jack. Ela comprou com o próprio dinheiro para você.

– *Me desculpe*, Jack – sussurrou Holly. – Eu peço *mil desculpas de verdade*.

Como Jack não respondeu, o vovô disse em um tom de falsa alegria:

– Ele é um Porquinho de Natal. Não é mesmo? – Ele pegou o porco da mão de Holly e o fez agitar o pé roliço para Jack. – Viu só, Jack? Ele gosta de você. Agora, por que não desce conosco, hein? Vamos tomar um chá e ver um filme. Vamos pendurar nossas meias juntos. E não se esqueça da bicicleta nova, Jack! Papai Noel deve estar colocando no trenó dele agora! Vamos lá, amiguinho. Vamos descer, levar o Porquinho de Natal e vamos ser amigos.

Jack saiu devagar da cama e estendeu a mão para o Porquinho de Natal. Como Jack esperava, ele era horrível: liso e escorregadio, em vez de áspero e gasto. Jack detestou seus olhos pretos e brilhantes e as orelhas cor-de-rosa empinadas, que deviam ser tortas e cinzentas.

– Esse é meu bom garoto – disse o vovô.

Ao ouvir essas palavras, Jack teve seu pior ataque de birra até então. Eles pensaram que um porquinho novo em folha podia ser igual a OP, o que mostrava o pouco que entendiam. OP era o único OP no mundo e esse porco novo não era nada... *Nada.* Jack jogou o Porquinho

de Natal no chão e o pisoteou, depois o apanhou, segurou por um pé e bateu sem parar no guarda-roupa, por fim segurando sua cabeça e tentando arrancá-la.

– Jack! – gritou o vovô. – Já chega, Jack!

Holly saiu correndo do quarto. Jack atirou o Porquinho de Natal no guarda-roupa, depois se jogou de novo na cama, gritando e esmurrando o travesseiro. Nada que o vovô dissesse ou fizesse o convenceria a descer. Ele não ligava se não ia pendurar sua meia. Não queria ser um menino bonzinho. Não queria uma bicicleta nova. A única coisa no mundo que ele queria era OP.

Mais tarde, muito mais tarde, ele ouviu um tumulto no térreo da casa. Pelo que Jack entreouvia, o-cachorro-Toby tinha puxado a árvore de novo atrás dos últimos pedaços de chocolate e parece ter mastigado o anjo novo também. Jack ficou feliz. Se não estivesse tão triste e com tanta raiva, até daria risada. Ele queria poder rasgar tudo do Natal, assim talvez todos entendessem como ele se sentia sabendo que OP estava perdido e jogado na estrada.

A vovó subiu e o fez vestir o pijama antes de dormir. Jack só obedeceu para ela não se dar conta do que ele planejava. Foi para a cama no quarto que ele tinha feito o máximo possível para destruir, com os pôsteres ainda rasgados no chão, as gavetas ainda fora da cômoda e o Porquinho de Natal prostrado na pilha bagunçada ao pé do guarda-roupa, e fingiu que ia dormir. Enfim, a vovó saiu.

A neve rodopiava contra o céu que escurecia do lado de fora da janela e Jack esperou que a casa caísse em completo silêncio. Normalmente, ele estaria muito empolgado. Teria pendurado a meia com a mamãe e deixado uma cenoura para a rena Rudolph – mas não nesta véspera de Natal. Ficar empolgado com qualquer

coisa assim era trair OP, que era mais importante do que tudo do Natal junto.

Depois que todos estivessem dormindo, Jack ia se levantar, se vestir, sair escondido da casa, voltar à estrada e encontrar seu mais antigo amigo.

A Noite dos Milagres e das Causas Perdidas

Jack entendeu que tinha dormido porque acordou num breu. Tinha gente falando no quarto. Ele supôs que a vovó e o vovô tivessem ido ver se estava tudo bem com ele. Jack ficou de olhos fechados, porque queria que os avós pensassem que ele ainda dormia.

– Isso nunca foi feito – disse uma voz preocupada. – Não sei se será possível.

– É claro que é possível – disse uma segunda voz. – Tudo depende do menino, se ele tem coragem para tanto.

– Ele é muito corajoso, mas isso é perigoso demais – disse uma terceira voz, que era velha e rouca. – Já passei por isso muitas vezes. Sei do que estou falando.

– Também já passei por isso. – Uma quarta voz. – A maioria de nós já esteve lá uma vez ou outra.

– Eu não – disse uma quinta voz, que era lenta e grave.

– Bom, é claro que *você* não foi – disse a primeira voz. – Você é grande demais. Estou falando sobre nós, as Coisas pequenas.

Nenhuma dessas pessoas tinha uma voz conhecida. Jack começava a sentir medo. Quem era essa gente? Não queria abrir os olhos, ou os estranhos veriam que ele estava acordado.

– Se vai ser feito, deve ser feito esta noite – disse a segunda voz. – Vou acordá-lo.

Nisso, todo um coro de vozes murmurou em reprovação, mas Jack ficou mais preocupado com a estranha sensação de que algo subia pelo lado da cama. Ele sentia algo puxando o edredom: era pequeno, como um gatinho. Também ouvia o chacoalhar de... feijões de barriga. E então, antes que ele pudesse decidir o que fazer, algo cutucou seu rosto.

Apavorado, Jack deu um tapa e empurrou a criatura para longe. Ouviu um barulho quando ela bateu no guarda-roupa. A voz grave e lenta disse "Ai" e a segunda voz disse, "Já estou ficando farto de apanhar!".

Jack tateou à procura do interruptor da luminária e a acendeu. Piscando, olhou o quarto. Não tinha ninguém ali. O Porquinho de Natal estava jogado ao pé do guarda-roupa.

No íntimo, Jack sabia que tinha batido no Porquinho de Natal. Mesmo assim, não estava preparado para ver o brinquedo se levantar, colocar as patas nos quadris e dizer: "Se bater em mim mais uma vez, seu menino horrível, não vou te ajudar."

Jack ficou tão surpreso e assustado que não conseguiu se mexer. Lembrou-se de a mãe uma vez ter dito que o jeito de descobrir se você está sonhando é se beliscar. Ele experimentou na própria perna. Doeu.

– Você sabe falar! – sussurrou Jack.

– Mas ele não é inteligente? – disse o Porquinho de Natal, irritado.

– Jack é mesmo inteligente – disse a voz rouca, que vinha de um velho carrinho Matchbox amassado que antigamente pertencera ao pai de Jack. O capô se mexia para cima e para baixo quando ele falava, e seus faróis tinham se transformado em olhos. – Pare de ser irritante com ele. Ele passou por muitos problemas que você desconhece.

– Também passei por problemas – disse o Porquinho de Natal. – Caso você tenha esquecido, ele tentou arrancar minha cabeça. E estou oferecendo minha ajuda a ele... com algumas condições, é claro.

Como se já não fosse estranho ver um porquinho de pelúcia e um carrinho de brinquedo conversando, Jack agora notava que muitos outros objetos no quarto tinham criado olhos e bocas, como o carrinho. O guarda-roupa tinha grandes olhos castanhos onde ficavam os nós da madeira e uma boca no lugar da fechadura. A lixeira tinha dois olhinhos em hastes de metal, meio parecidos com os de um caramujo. Em algumas Coisas até brotaram braços: de metal fino na lixeira, e molengas e felpudos em seu tapete. Era *meio* emocionante, mas era principalmente apavorante.

– Precisa avisá-lo do quanto será perigoso – dizia o carrinho Matchbox ao Porquinho de Natal. – Se não, ele não terá como saber com o que está concordando.

Houve um burburinho no quarto quando todas as Coisas concordaram.

– Eu não sabia – disse Jack, encontrando, enfim, a própria voz. – Não sabia que as Coisas podiam... falar.

O que ele realmente queria dizer era: eu não sabia que vocês podiam *sentir*. Ele tinha sido muito rude com essas

Coisas mais cedo, e mais ainda com o Porquinho de Natal.

– Só podemos falar na Terra dos Vivos esta noite, porque é uma noite especial – disse o Porquinho de Natal. – Sabe que noite é, não sabe?

– É a véspera do Natal – respondeu Jack.

– Exatamente – confirmou o Porquinho de Natal. – E isso quer dizer que existe uma chance... só por uma noite, não podemos fazer isso em nenhum outro momento... de conseguirmos seu porco de volta.

– Eu sei como – disse Jack, puxando de volta o edredom, que era uma das poucas coisas no quarto em que não tinha brotado olhos e que não estava falando. – Eu vou até a estrada.

– Isso não vai dar certo – disse o Porquinho de Natal. – Agora OP está na Terra das Coisas Perdidas e, se quiser salvá-lo, terá de encontrá-lo lá e voltar para casa com ele.

– Não existe esse lugar, a Terra das Coisas Perdidas – disse Jack com desdém. – Você está inventando.

Nisso, a maioria das Coisas no quarto começou a falar ao mesmo tempo: a caixa de lenços de papel, seus dois chinelos e até o abajur que ele tinha trazido para a casa nova, de seu antigo quarto. Era extremamente perturbador e assustador, e Jack não sabia se tinha mais medo de que todo aquele barulho das Coisas acordasse a vovó e o vovô, que o impediriam de sair atrás de OP, ou das Coisas em si.

– Vou explicar! – grasnou o carrinho Matchbox e, embora fosse uma das menores Coisas no quarto, todas as outras Coisas se calaram, talvez porque ele fosse uma das mais velhas.

O carro avançou nas rodas enferrujadas e falou diretamente com Jack:

– É para a Terra das Coisas Perdidas que as Coisas vão quando você as perde – disse ele. – É um lugar estranho e terrível, governado por suas próprias leis peculiares. Estive lá muitas vezes, porque você e seu pai me perdiam com frequência.

– Me desculpe! – disse Jack, nervoso. Era verdade que ele costumava esquecer onde tinha brincado pela última vez com o carrinho no jardim, e era por isso que estava lascado e enferrujado.

– No fim, você sempre me achava – disse o carro –, e assim, graças a deus, o Perdedor nunca me apanhou.

– Quem? – perguntou Jack.

– O Perdedor – repetiu o carrinho. – Ele governa a Terra das Coisas Perdidas. É por causa dele que as Coisas caem dos bolsos quando você acha que estão bem guardadas. É ele que confunde sua mente para que você se esqueça de onde colocou a caneta. O Perdedor gostaria de sugar para seu reino, e para sempre, cada Coisa que pertence aos humanos. Ele odeia os vivos e odeia as Coisas deles, que ele tortura e devora.

– O Perdedor vai comer OP? – sussurrou Jack, aterrorizado.

– Não se OP obedecer às leis da Terra das Coisas Perdidas – disse o carrinho. – São aqueles que desafiam a lei que o Perdedor pode pegar e comer. Infelizmente, o Perdedor faz as leis e às vezes ele trapaceia.

– Preciso resgatar OP! – disse Jack prontamente. – Como se chega nessa Terra das Coisas Perdidas?

– Você não pode... Ou, pelo menos, não sozinho – disse o Porquinho de Natal. – Você é humano e lá é uma terra de Coisas. Pelo menos é assim que costuma funcionar. Mas a véspera de Natal é uma noite de milagres e de causas perdidas. Se você ama OP a ponto de arriscar sua vida, então estou disposto a te levar comigo para a Terra

das Coisas Perdidas, e veremos se conseguimos trazê-lo para casa.

– Eu amo OP assim – disse Jack imediatamente. – Eu o amo a ponto de fazer qualquer coisa.

– Muito bem, então – disse o Porquinho de Natal. – Vou ajudar você, com uma condição. Depois que encontrarmos OP e o trouxermos para casa, quero que você me devolva à menina que me comprou.

– Por quê? – perguntou Jack.

– Porque eu gosto dela – disse o Porquinho de Natal. – *Ela* não pisou em mim.

O velho carrinho Matchbox ia dizer alguma coisa, mas o Porquinho de Natal o olhou feio e o carro ficou em silêncio.

– Ela só vai me aceitar de volta se souber que você está feliz com OP. E então? Negócio fechado?

– Fechado – disse Jack prontamente. Ele não gostava do Porquinho de Natal, mas sabia que precisava dele.

– Você precisa trocar o pijama por alguma outra roupa – disse o Porquinho de Natal – e calçar seus chinelos.

Mas Jack não ia receber ordens de um porco novato e, de todo modo, era esquisito demais colocar os pés em Coisas que piscavam para ele, por isso ele falou:

– Estou confortável assim. Agora me leve para a Terra das Coisas Perdidas.

Encolhido

No momento em que disse essas palavras, Jack teve uma sensação estranha na boca do estômago. Era como se ele descesse, e com rapidez, em um elevador. Ao mesmo tempo, a cama e os lençóis abaixo dele cresciam com tal velocidade que ele perdeu o chão de vista. Em pânico, tentou se levantar, mas tropeçou em uma dobra do lençol e caiu de cara no colchão.

Vários segundos depois, Jack percebeu que a cama não tinha crescido nada. Ele é que tinha encolhido. Quando conseguiu se levantar de novo, viu que as dobras nos lençóis pareciam montes gigantes de neve. Era muito assustador pensar que se podia encolher desse jeito, apenas dizendo algumas palavras, e Jack ficou muito feliz que o edredom não tivesse ganhado vida, porque ele poderia matá-lo sufocado, se assim quisesse.

A voz do Porquinho de Natal o chamou do chão.

– Escorregue pelo canto do edredom! – disse ele. – Vem, é bem fácil!

Não era verdade; porém, Jack fez o melhor que pôde e, depois de uma descida assustadora, que envolveu uma baita queda ao chão no final, ele enfim pousou ao lado do Porquinho de Natal. Agora eles tinham exatamente a mesma altura: vinte centímetros.

– Bom, adeus a todo mundo – disse o Porquinho de Natal, e partiu a passos firmes para a porta do quarto de Jack. – Foi um prazer conhecer vocês.

Algumas Coisas no quarto tentaram chamá-los de volta.

– Pense! – disse um pequeno tubarão de plástico que Jack tinha comprado no Aquário Marinho da Cidade, batendo as barbatanas no chão. – Pense no que está fazendo, Porquinho!

– Já pensei, obrigado – disse o Porquinho de Natal, recostando-se na base da porta, que se abriu.

– Nunca nenhuma criança viva entrou na Terra das Coisas Perdidas! – lamentou um robozinho que Jack ganhara de brinde com um hambúrguer em certa ocasião e que ele mais cedo tinha jogado na parede.

– Para tudo há uma primeira vez – disse o Porquinho de Natal, enquanto ele e Jack seguiam para o patamar.

– Jack, ele não está te contando a... – começou uma calça que tinha caído de uma das gavetas de Jack, mas o Porquinho de Natal colocou os pés entre a porta, onde havia uns centímetros de espaço, e puxou, fechando-a.

– Que Coisas chatas você tem – disse ele a Jack. – Vamos.

Pensando que tinha sido grosseiro com o Porquinho de Natal, e que ele e Holly se mereciam, Jack acompanhou o porco até o alto da escada e o imitou quando ele começou a descer a sequência de degraus. Os corrimões

eram altos como arranha-céus agora que Jack estava tão pequeno. Lançavam sombras assustadoras sobre o menino e o porco enquanto os dois iam para baixo.

– Por que a escada não fala? – perguntou Jack, enquanto caía de um degrau ao seguinte. – Por que meu edredom não fala?

– Algumas Coisas não estão despertas o bastante para conseguir falar, nem mesmo na véspera de Natal – disse o Porquinho de Natal. – Seu edredom é novo?

– É – respondeu Jack.

– Então ainda não tem muitos sentimentos seus nele. É isso que desperta as Coisas. Serem usadas e conseguirem absorver os sentimentos humanos. Coisas como escadas e paredes são subestimadas pelos humanos, então dificilmente chegam a despertar.

– Mas *você* é novo – disse Jack. – E você está bem desperto.

Meio desperto demais, pensou Jack consigo mesmo, mas não ia dizer isso em voz alta.

– Sou um caso especial – disse o Porquinho de Natal, e Jack achou isso arrogante; o tipo de comentário que OP nunca faria, porque OP nunca foi exibido.

– Agora precisamos decidir onde fica o melhor lugar para se perder – disse o Porquinho de Natal. – É mais difícil do que você pensa tentar se perder de propósito. Alguma ideia?

– É só isso que temos de fazer para chegar lá? – perguntou Jack. – A gente tem de se perder?

– Claro, mas será complicado, porque eu espero que você conheça muito bem esta casa.

– Pode ser mais fácil no jardim – disse Jack. – Ainda mais agora que estou pequeno. Podemos arrastar uma cadeira até a porta dos fundos, subir até a tranca e abrir.

– Boa ideia – disse o Porquinho de Natal. Eles tinham acabado de chegar ao pé da escada. – Para que lado?

Jack levou o Porquinho de Natal pelo corredor escuro até a cozinha. O corredor parecia imenso para quem mede apenas vinte centímetros. Uma vantagem era o vão grande que havia embaixo da porta da cozinha. Ele e o Porquinho de Natal ficaram de bruços e se espremeram por ali.

– Excelente – disse o Porquinho de Natal. – Agora, se conseguirmos empurrar a cadeira até a...

Mas não terminou a frase. Uma fera gigantesca de quatro patas tinha surgido na frente deles: um monstro de dentes amarelos, pelo desgrenhado e olhos reluzentes. Com um latido grave, o monstro se lançou na direção do Porquinho de Natal, derrapando no linóleo e quase capturando o porco entre as mandíbulas perigosas.

– Fuja, fuja! – gritou o Porquinho de Natal, correndo para a porta. Jack foi atrás dele, o hálito fedorento do cachorro-Toby quente em sua nuca, as garras raspando o chão. Juntos, Jack e o Porquinho se atiraram de barriga e mergulharam por baixo da porta que dava para o corredor.

– Você devia ter dito que havia um cachorro! – falou ofegante o Porquinho de Natal, enquanto ele e Jack ficavam deitados de bruços, recuperando o fôlego.

– Eu esqueci! – disse Jack. – Ele não costuma dormir aqui!

O-cachorro-Toby gania e arranhava a porta do lado da cozinha, tentando alcançá-los.

– Então terá de ser pela porta da frente. – O Porquinho de Natal se levantou e se espanou. – Vamos.

Mas neste momento o-cachorro-Toby se atirou com tanta força na porta da cozinha que ela se abriu.

Jack e o Porquinho de Natal voltaram pelo corredor, o-cachorro-Toby escorregando e derrapando no piso de madeira atrás deles. Ele os perseguiu até a sala de estar escura, então Jack e o porco se jogaram embaixo do sofá.

O focinho preto e brilhante do cachorro-Toby apareceu no vão do sofá, tentando farejar os dois. Ele ganiu alto. Jack teve medo do cachorro-Toby não desistir enquanto soubesse que eles estavam ali embaixo.

– Se engatinharmos até atrás da árvore – cochichou Jack para o Porquinho de Natal – podemos sair de fininho da sala enquanto ele pensa que ainda estamos aqui embaixo, e finalmente chegamos à porta da cozinha.

O Porquinho de Natal concordou. Segurando a barriga para os feijões ficarem em silêncio, ele seguiu Jack para o espaço do outro lado do sofá, onde ficava a árvore de Natal. As lâmpadas de pisca-pisca eram a única iluminação na sala. Jack agora era tão pequeno que os

embrulhos embaixo da árvore se agigantavam no escuro como casas desconjuntadas.

O-cachorro-Toby ainda farejava e arranhava do outro lado do sofá. Lenta e cautelosamente, Jack rastejou e passou a escalar os presentes. Um deles estava embrulhado com uma fita vermelha, o que era maravilhoso, porque dava um lugar para apoiar os pés, mas outro, forrado de um papel azul com desenho de flocos de neve prateados, foi rasgando enquanto Jack se agarrava: dentro havia uma imensa caixa nova de Lego, e Jack teve certeza de que era presente do papai. As luzes de pisca-pisca acima, que pareciam tão pequenininhas quando ele e a mãe as colocaram na árvore, agora eram imensas e ofuscavam a vista. Lentamente, ele escalou para o alto do monte de presentes até chegar ao maior deles, embrulhado em um papel dourado e brilhante. Ele conseguiria andar direito em cima deste último, e então conseguiria sair debaixo da árvore – mas ele escorregou! O papel era tão liso e brilhante que os pés de Jack deslizaram e, sem conseguir encontrar algo para se segurar, ele caiu em uma fresta, que parecia uma ravina escura como breu, agora que ele só tinha vinte centímetros de altura. Jack tentou sair de novo, mas caía entre os presentes gigantescos com laterais de embrulho liso.

– Onde você está? – sussurrou o Porquinho de Natal, mas um segundo depois ele também derrapou no pacote dourado e escorregadio e caiu em cima de Jack.

– Ah, não! – disse Jack, enquanto eles ouviam o-cachorro-Toby correndo para a árvore. – Por que você tem que chacoalhar?

– Qual é o caminho para a cozinha? – gritou o Porquinho de Natal, com os rosnados do cachorro-Toby cada vez mais altos.

– Não sei! – disse Jack, desesperado. – Estou perdido!

PARTE DOIS
Extraviada

Embaixo da Árvore

Ao falar “perdido”, tudo que estava embaixo dos pés de Jack sumiu. Ele caía, ou melhor, afundava lentamente – descendo pelo lugar onde deveria estar o chão. Era como se estivesse preso em alguma substância turva que não conseguia sentir, nem ver. As luzes da árvore sumiram: tudo era de uma escuridão completa.

– Porquinho de Natal? – Jack chamou, em pânico.

– Estou aqui – disse a voz do Porquinho de Natal, no escuro. – Não se preocupe! É assim que você entra na Terra das Coisas Perdidas! Vai ter luz daqui a pouco!

E lá estava, em alguns segundos Jack conseguia enxergar o Porquinho de Natal de novo. Como Jack, ele flutuava para baixo. O ambiente ficou cada vez mais iluminado até Jack notar que ambos afundavam através da própria coluna de luz dourada. Acima deles havia dois buracos redondos em um teto de madeira que Jack

pensou ser o chão do mundo deixado para trás – o mundo *dele*, onde vivia mamãe, onde existia tudo que ele conhecia.

Descendo, descendo, eles continuavam, e agora Jack percebeu que ele e o Porquinho de Natal não eram as únicas Coisas que afundavam nas colunas de luz. Havia milhares e milhares delas. Sem peso, Jack conseguiu girar ao redor de si mesmo, e para todo lado que olhava via mais Coisas afundando.

Mais perto de Jack havia uma colher de chá, uma bola de Natal vermelha e brilhante, um apito para cachorro, um par de dentaduras, um fantoche, uma moeda brilhante, uma longa guirlanda, uma câmera, uma chave de fenda, uma passagem de avião, alguns óculos escuros, um pé de meia, um ursinho de pelúcia e um rolo de papel de embrulho com desenho de renas.

– É de se pensar que isso não seria possível, não? – disse o papel de presente a Jack. Uma das renas em sua superfície falava e piscava. – É a terceira vez que ela me perde esta noite! Rolei para baixo do radiador... Ela está em pânico... Deixou os embrulhos para a última hora, como sempre!

O rolo de papel mal tinha dito estas palavras quando mudou de direção e começou a subir em vez de descer, em direção ao buraco no teto. Enquanto saía de vista, o rolo de papel gritou:

– Oba, ela me achou! Boa sorte! Espero ver vocês Lá em Cima logo!

Jack não respondeu porque estava assombrado demais com tudo que acontecia à sua volta, em particular o que podia ver no chão, abaixo. No início, pensou que olhava um carpete de muitas cores diferentes, mas, à medida que afundava, percebeu que o carpete na verdade eram milhões de Coisas. Assustado, ele correu os olhos pelo

chão à procura do Perdedor, mas não sabia como ele era, nem se estava ali ou não. Quanto mais Jack afundava, mais alto o barulho ficava: as Coisas no chão falavam e tiniam e tilintavam e farfalhavam, até que o som ficou quase ensurdecedor.

À medida que o ambiente se iluminava ainda mais, Jack notou que estava dentro de um prédio gigantesco, parecido com um depósito, com paredes de tijolos imensamente altas e muitos buracos pontilhando o teto de madeira. As Coisas que tinham chegado no chão, as bolas de borracha e os diários, os clipes de papel e as fitas métricas, as câmeras, canetas e bolsas, todas tagarelavam em seus grupos. Jack ficou tão fascinado com tudo que via que ficou surpreso ao chegar ao chão. Os pés descalços tocaram o piso de madeira aquecido e o Porquinho de Natal pousou ao lado dele, em um caminho entre uma massa de chaves tilintantes e um exército de guarda-chuvas farfalhantes.

– Precisamos de um bilhete – disse o Porquinho de Natal, vigorosamente. – Vamos lá.

O Porquinho de Natal levou Jack pelo caminho entre as chaves de um lado e os guarda-chuvas do outro. Passaram por uma faca, um espeto e uma agulha de tricô comprida. Jack sabia que todas eram importantes, porque cada uma dessas Coisas usava um chapéu preto e bicudo com um “P”, que de algum jeito ficava equilibrado no topo de cada uma das Coisas, mesmo enquanto elas pulavam. As Coisas de chapéu patrulhavam as margens do caminho, cuidando para que as outras Coisas continuassem em seus grupos, mantendo assim a passagem livre para as Coisas que tinham acabado de chegar.

– Aqueles são os Reguladores de Perdas – disse o Porquinho de Natal em voz baixa a Jack –, as Coisas que

já estiveram aqui me falaram deles. Eles são os serviçais do Perdedor. Eles impõem as leis dele e, em troca disso, não são devorados.

Agora um par de brincos de diamantes pousava na frente de Jack e do Porquinho de Natal. Cintilavam tanto que Jack teve de estreitar os olhos para vê-los.

– Quem é o encarregado daqui? – gritou um dos brincos, num tom grandioso.

– Somos muito valiosos! – gritou o gêmeo. – Exigimos assistência!

– Acalmem-se, mocinhos – disse uma bola de tênis rouca, quicando ao lado de Jack e do Porquinho de Natal. A bola parecia ter sido mastigada por um cachorro e era muito fedida. – Já passei por isso muitas vezes, foi sim. Parece uma bagunça, mas eles são organizados.

Os brincos ficaram ofendidos por terem sido abordados por um objeto tão sujo.

– Creio que estamos no lugar errado! – exclamou o primeiro brinco, cintilando ao se virar em busca de ajuda.

– Para onde vão as Coisas *preciosas*? – exclamou o irmão.

Mas ninguém respondeu. À direita deles, as chaves ainda gritavam para buracos distantes no teto, dizendo coisas como: “Estou em seu outro casaco, idiota!”, ou “Você me deixou na fechadura de novo!”. Os guarda-chuvas pareciam mais calados e mais tristes. Jack ouviu um guarda-chuva preto dizer: “Espero que dessa vez seja o fim. Ele me deixou no trem. Provavelmente vai comprar um novo...”

Um abridor de latas de chapéu preto agora se aproximava, andando em pernas de metal. Tinha uma caixinha pendurada no pescoço e braços de metal pouco abaixo do cabo.

– Bilhetes! – gritou o abridor de latas. – Recém-chegados, peguem seus bilhetes aqui!

– Deixe que eu vou falar – disse o Porquinho de Natal a Jack, mas antes que ele pudesse pedir um bilhete, os brincos de diamante passaram a sua frente aos empurrões.

– Estamos no lugar errado! – disse o primeiro brinco.

– Para onde vão as Coisas *importantes*? – perguntou o segundo.

– As joias e bijuterias ficam por ali, perto da parede esquerda – disse o abridor de latas, apontando. – Mas primeiro vocês precisam de bilhetes. Tomem... – Ele destacou dois bilhetes azuis da caixinha pendurada no pescoço e entregou a cada um dos brincos. – Parede esquerda – repetiu, porque os brincos não tinham se mexido.

– Acho que você não entendeu – disse o primeiro brinco. – Somos feitos de *diamantes verdadeiros*.

– Não pode nos colocar com um bando de miçangas de plástico comuns – disse o segundo brinco. – Certamente existe um lugar para os valiosos, não?

– Sigam para sua área de espera – vociferou o abridor de latas. – Diamantes ou plástico, é tudo a mesma coisa por aqui. Logo saberemos o quanto vocês valem Lá em Cima.

Claramente ofendidos, os brincos foram chacoalhando até a parede esquerda.

O Regulador de Perdas deu um bilhete azul à bola de tênis também.

– Brinquedos de cachorros por ali, entre os tênis e os livros escolares.

Ela quicou para longe. O abridor de latas depois se virou para Jack e o Porquinho de Natal.

– Vocês também chegaram agora?

– Sim, nós nos perdemos juntos – disse o Porquinho de Natal. – Caímos do bolso de nosso dono.

– Crianças! – O abridor bufou, destacando mais dois bilhetes azuis e entregando a Jack e ao Porquinho de Natal. – Elas são responsáveis por metade das Coisas aqui embaixo, aquelas ferinhas descuidadas. Quando faz silêncio, podemos ouvi-las chorando Lá em Cima. Deviam segurar melhor seus Ursinhos se não querem que o Perdedor os apanhe, não é verdade?

– Acho que sim – disse o Porquinho de Natal.

– Uma bela fabricação – acrescentou o abridor de latas, olhando para Jack. – Ótimos detalhes.

– Obrigado – disse Jack, nervoso.

– Os brinquedos das crianças vão por ali, para a parede à frente – acrescentou ele. – Vocês precisarão de uma carona... Fica longe demais para ir a pé.

Ele soltou um assovio estridente e um antigo patim veio zunindo pelo caminho na direção deles. Era do tamanho de um carrinho de golfe, comparado a Jack e ao Porquinho de Natal. Eles entraram, ambos com altura suficiente para enxergar por cima do topo.

O patim partiu para o lugar onde os brinquedos esperavam e Jack sentiu um solavanco de empolgação: a qualquer momento ia ver OP de novo!

Extraviada

Eles passaram acelerados por cartas de baralho, sapatinhos de bebê, protetores labiais e estojos de lápis perdidos, tudo isso enquanto milhares e milhares de Coisas perdidas desciam flutuando pelos fachos dourados de luz vindos dos buracos no alto.

Ao se aproximarem do meio do depósito, Jack viu um relógio imenso com quatro lados, posicionado em uma pilastra alta, para que cada Coisa pudesse vê-lo de onde estivesse na enorme construção. Ou pelo menos Jack pensou que fosse um relógio, mas depois notou que só possuía um ponteiro e não tinha números. As cores do arco-íris corriam em volta do mostrador e seu único ponteiro estava prestes a sair do amarelo para o verde.

– Pensei que a Terra das Coisas Perdidas fosse assustadora – disse Jack ao Porquinho de Natal.

O imenso depósito certamente era barulhento e perturbador, mas Jack não estava com medo.

– Ainda não fomos lá fora – disse o Porquinho de Natal.

– Mas não precisamos sair – disse Jack. – Você ouviu o abridor de latas. OP estará junto à parede da frente, com todos os outros brinquedos.

– Não estará – disse o Porquinho de Natal. – Ele está perdido há muito tempo. As chaves da loja onde fui comprado me contaram. Elas vêm muito por aqui. Este lugar é chamado de Extraviada. É para onde as Coisas vão quando ainda não foram perdidas para valer. Um humano pode ter deixado uma Coisa em algum lugar por uns minutos e esquecido onde deixou, por exemplo. As Coisas têm permissão de ficar uma hora em Extraviada, para que tenham a chance de ser encontradas antes que precisem se mudar para o reino do Perdedor.

– OP está lá fora, onde o Perdedor está? – perguntou Jack, a empolgação desaparecendo em um segundo.

– Sim – disse o Porquinho de Natal. – Mas não se preocupe. Desde que ele obedeça à lei, ele vai estar seguro.

– Mas meu carrinho Matchbox disse que o Perdedor faz as leis e que trapaceia!

– É verdade, ele faz isso mesmo – disse o Porquinho de Natal –, mas OP é um porco inteligente e sensato. Tenho certeza de que ele não faria nenhuma besteira.

– Como *você* sabe que OP é inteligente e sensato? – perguntou Jack.

– Porque somos irmãos – disse o Porquinho de Natal.

– Mas você nem o conhece!

– Não importa. Ele é meu irmão e eu sou irmão dele. Somos iguais.

– Vocês não são nada iguais – disse Jack, caso o Porquinho de Natal estivesse prestes a sugerir que eles

fossem para casa e Jack ficasse com ele e não com OP.

– Não – disse o Porquinho de Natal. – Eu me esqueci: existe algo em mim que te dá vontade de arrancar minha cabeça.

– Já pedi desculpas por isso – disse Jack.

– Não pediu, não – retrucou o Porquinho de Natal.

– Tudo bem, então eu *peço desculpas* por isso.

Depois eles ficaram um tempo sem falar nada. O patim os levou por um grande campo de livros de biblioteca, suas páginas sibilando numa conversa de como foram perdidos.

– Acho que estou vendo os brinquedos! – disse Jack por fim.

À frente deles, atulhados em uma área imensa, do tamanho de cinco campos de futebol, estavam bonecas, dinossauros de plástico, miniaturas de carros, cordas de pular, ioiôs, cards de jogos, peças de quebra-cabeças e dominós: todo tipo de brinquedo que se podia imaginar. Embora o Porquinho de Natal tivesse dito que OP não estaria ali, Jack ainda torcia para ver suas orelhas tortas e seus olhos de botão, mas não havia sinal dele em lugar nenhum.

– O que nós precisamos – disse o Porquinho de Natal, enquanto o patim reduzia de velocidade – é encontrar dois brinquedos dispostos a trocar de bilhetes conosco.

– Por quê? – perguntou Jack.

– Porque assim vamos ter permissão de entrar na Terra das Coisas Perdidas sem precisar esperar uma hora – explicou o porco. – Deve ser fácil. Todo mundo aqui quer ficar o máximo que puder, porque o Perdedor não pode tocar neles em Extraviada.

O patim parou para que eles descessem e partiu em disparada de novo. Perto do lugar onde estavam, havia um monstro de duas cabeças que escondia o choro com

as mãos. O monstro era marrom e cheio de caroços, e uma princesa de plástico, de vestido rosa e tiara, o consolava.

– Não acredito que ele não me encontrou! – O monstro soluçava. – E agora acho que ele está dormindo, sonhando com os brinquedos novos que vai ganhar de Natal, e eu... eu serei devorado pelo Perdedor!

– O que é isso, ânimo – disse a princesa. – Ainda há tempo para ele encontrar você.

– Peça àqueles dois para trocar de bilhetes – cochichou o Porquinho de Natal a Jack –, mas não diga por quê. Eles vão achar muito estranho que a gente queira sair de Extraviada. Vai... Você parece outro boneco articulado, então eles vão confiar em você.

– Que motivo darei para a troca? – perguntou Jack, nervoso.

O Porquinho de Natal pensou bem, torcendo o focinho.

– Diga à princesa que você a acha muito bonita – sugeriu – e que quer protegê-la do Perdedor, por isso está disposto a trocar os bilhetes para que ela fique a salvo por mais tempo.

Jack ficou vermelho.

– Não vou dizer isso!

– Então digo eu – falou o Porquinho de Natal, impaciente. Ele puxou o bilhete da mão de Jack e caminhou até a princesa e o monstro de duas cabeças, chacoalhando os feijões na barriga ao caminhar. – Princesa – Jack ouviu o Porquinho de Natal dizer –, meu amigo notou a aflição do seu amigo. Como um nobre jovem boneco articula...

Neste momento um Boneco de Molas pulou de sua caixa, inesperadamente, o que levou muitos brinquedos a gritarem de susto. Jack ficou feliz, porque graças a isso não pôde ouvir as coisas constrangedoras que o

Porquinho de Natal dizia à princesa de plástico. Pouco depois o Porquinho de Natal voltava para ele trazendo dois bilhetes verdes em vez de azuis. Por cima do ombro do Porquinho de Natal, Jack viu o monstro de duas cabeças mandando beijos para ele. Ele sentiu o rosto arder e virou a cara.

– A princesa disse que não precisava de proteção e que estava ansiosa por uma aventura – disse o Porquinho de Natal –, mas o monstro a fez trocar conosco. Ele queria te beijar, mas eu disse que você é tímido demais.

– Que bom – resmungou Jack, pegando o bilhete novo.

– A gente deve sair a qualquer momento com esses bilhetes – disse o Porquinho de Natal. – Arrá!

Com o pé, ele apontou o relógio estranho na pilastra. O ponteiro se movia do amarelo para o verde. Agora Jack percebeu que quando o ponteiro do Cronômetro chegava a uma nova cor, todo mundo que tivesse um bilhete naquela cor tinha de sair de Extraviada.

– Vamos – disse o Porquinho de Natal, enquanto uma multidão de Coisas com bilhetes verdes saía de seus cercados e se arrastava para a parede da frente. Todas pareciam nervosas.

O Porquinho de Natal endireitou os ombros.

– É aqui que começa a verdadeira jornada. Está pronto?

– Pronto. – Jack fez que sim.

As Três Portas

Os milhares de portadores de bilhetes verdes formaram filas desorganizadas. Teve muita cotovelada e muito empurra-empurra. Muitas Coisas ainda olhavam esperançosas para os buracos de descoberta no teto, torcendo para serem apanhadas em um facho de luz dourada e transportadas de volta à Terra dos Vivos. Reguladores de Perdas de chapéu preto as empurravam com gargalhadas cruéis.

– Agora é tarde demais... Está na hora da Alocação!

– O que isso quer dizer? – perguntou Jack baixinho ao Porquinho de Natal.

– Não sei bem – disse o Porquinho de Natal –, mas acho que tem a ver com qual parte da Terra das Coisas Perdidas nós iremos.

Eles se juntaram à fila atrás de um magnífico anel de safira.

– *Dá* para acreditar? – dizia ele em voz alta a quem quisesse ouvir. – Ela me tirou para lavar as mãos e *me deixou na pia*!

Jack olhou ansioso para a frente da fila. No início, não conseguia ver o que tinha ali, mas sua fila andava rapidamente e ele logo percebeu que eles iam na direção de uma longa fileira de mesas onde mais Reguladores de Perdas estavam sentados, entre eles uma ratoeira, um saca-rolhas e um grampeador. Depois das mesas havia três portas gigantescas: a primeira era de madeira simples, do tipo que se encontra em um celeiro ou em uma latrina externa. A segunda era de aço reluzente, do tipo que se vê em um cofre ou numa caixa-forte. A última era feita de ouro brilhante e tinha lindas gravuras de ramos enrolados e flores. Muitas das Coisas nas filas apontavam para esta terceira porta com uma expressão ansiosa.

Uma por uma, as Coisas que chegavam à frente das filas eram chamadas para se sentar a uma das mesas. Os Reguladores de Perdas lhes faziam perguntas e depois, quando terminava a entrevista, o Regulador de Perdas carimbava o bilhete e ordenava que fossem para uma das portas.

– Estou preocupado – disse de repente o Porquinho de Natal.

– Com o quê? – perguntou Jack.

– Com o jeito de conseguir fazer você passar pelos Reguladores de Perdas sem que eles percebam que você é humano – disse o Porquinho de Natal.

– O abridor de latas não percebeu – disse Jack.

– Mas não era tarefa dele descobrir sobre você, ou decidir para onde será mandado – disse o Porquinho de Natal. – Rápido, precisamos pensar em uma história. Em que fábrica você foi feito?

– Eu... não sei – disse Jack, tentando, sem conseguir, pensar em um nome que parecesse de uma fábrica.

– Digamos que na fábrica Dingledown, em Birmingham – disse o Porquinho de Natal. – Era a minha fábrica, e eles faziam bonecos articulados e porquinhos de pelúcia. Agora, como você era chamado?

– Jack.

– Os bonecos articulados não são chamados de Jack! Vamos dizer... Vamos dizer que você é o Menino-Pijama, com o poder sobre o sono e os sonhos.

– Não quero ser o Menino-Pijama – disse Jack. – Parece idiota.

– Então diga que você se chama Jack e veja o que vai acontecer! – cochichou o Porquinho de Natal energicamente, enquanto eles se aproximavam ainda mais da frente da fila. – Agora, como você se perdeu?

– Eu caí do bolso de um menino – disse Jack, imitando o que o Porquinho de Natal tinha dito antes ao abridor de latas.

– E onde está agora? – perguntou o Porquinho de Natal.

– Estou aqui, falando com você – respondeu Jack.

O Porquinho de Natal cobriu a cara com as patas.

– Teremos sorte se não nos jogarem direto ao Perdedor. – Ele retirou as patas e disse: – Sua parte Vivificada é que foi sugada para cá, para a Terra das Coisas Perdidas. Você precisa dizer ao Regulador de Perdas onde está seu corpo de plástico, entendeu? Lá na Terra dos Vivos!

– O plano é seu! – disse Jack, assustado e meio irritado, porque eles agora estavam perto do começo da fila. – Me fala o que devo dizer, rápido!

Mas nessa hora uma agitação enorme estourou atrás deles.

O Prisioneiro

Dois Reguladores de Perdas – um perfurador de papel e um garfo – arrastavam uma Coisa pequena e enlameada por entre as duas filas, usando os braços fortes e finos que tantas Coisas pareciam desenvolver na Terra das Coisas Perdidas. Seu prisioneiro estava tão sujo que era impossível ver o que realmente era, embora parecesse peludo.

– Por favor! – gritou o prisioneiro, com voz aguda. – Por favor, me dê um bilhete, me deixe ficar uma hora! Ah, por favor, por favor, me dê uma chance! Alguém pode me querer... Ah, me deixe tentar...

Quando os Reguladores de Perdas chegaram a Jack e o Porquinho de Natal, Jack viu o que era o prisioneiro choroso: um coelhinho de pelúcia azul que parecia ter ficado na lama durante dias, talvez semanas. Jack não conseguia entender por que os Reguladores de Perdas

eram tão agressivos com o coitado do coelho. O garfo o cutucava com força para ele andar mais rápido e, sempre que o coelhinho gritava de dor, o perfurador ria, abrindo-se e se fechando de modo que rodelinhas de papel voavam dele como confete. Eles arrastaram o prisioneiro, passando direto por duas mesas de Reguladores de Perdas, e foram em direção ao que parecia ser uma tampa de bueiro de metal no chão, uma que Jack não tinha visto antes.

– Você pertence ao Perdedor, isso mesmo! – disse o perfurador de papel. – Agora pare de fazer cena na frente de todas essas Coisas decentes que têm donos Lá em Cima!

– Por que o estão tratando desse jeito? – cochichou Jack para o Porquinho de Natal, que se limitou a sacudir a cabeça, aflito.

– É porque ele está sujo? – perguntou Jack, pensando no velho e encardido OP. E se OP tivesse sido tratado desse jeito quando chegou em Extraviada?

– Deixe o coelho para lá – disse o Porquinho de Natal, parecendo determinado de repente. – Esta é sua chance, Jack. Engatinhe.

– O quê? – disse Jack.

– Passe engatinhando pelos Reguladores de Perdas enquanto todo mundo está olhando o coelho. Encontrarei você do outro lado!

Agora Jack entendia: todo mundo estava hipnotizado pelo prisioneiro e seus captores, até mesmo os Reguladores de Perdas em suas mesas. Jack caiu de joelhos, engatinhou pelo anel de safira e passou pelo espaço entre duas mesas, na direção de um grupo de Coisas que já tinham sido Alocadas e estavam paradas na frente da porta de madeira. Estas Coisas estavam interessadas demais no destino do prisioneiro para notar

Jack se juntando a elas. Levantando-se, ele se virou para ver o que acontecia com o coelhinho.

– Por favor! – ele guinchava. – Ah, por favor, me dê uma chance...

– Não existem chances para Coisas como você – rosnou o garfo, enquanto o coelhinho lutava. – Ninguém quer você. Ninguém liga se você se perdeu. Você é Excedente.

O perfurador de papel puxou de lado a pesada tampa de bueiro e revelou um buraco escuro. O coelho soltou gritinhos assustados enquanto o garfo o cutucava para cada vez mais perto da beira. Por fim, o coelhinho escorregou e caiu. Eles ouviram seu grito de terror esmorecer, como se ele escorregasse em uma rampa, depois o grito foi silenciado pelo perfurador de papel batendo a tampa de metal na entrada do túnel.

Os dois Reguladores de Perdas endireitaram os chapéus pretos e saíram aos saltos, parecendo cheios de si. Lentamente, todas as Coisas que viram esta cena horrível recomeçaram a falar.

Um pente de plástico se colocou ao lado de Jack e cochichou:

– Não foi pavoroso?

Ele tinha uma aparência estranha, com um olho de cada lado, e falava por um espaço entre os dentes.

– Sim – disse Jack –, foi horrível.

Ele achava que um deles devia ter tentado ajudar o coelhinho, em vez de assisti-lo sendo jogado na rampa. Ele queria ter feito alguma coisa, mas assim poderia ser reconhecido como um menino de verdade e talvez fosse obrigado a sair da Terra das Coisas Perdidas antes de conseguir encontrar OP.

– É nojento como eles tratam os Excedentes – disse uma pilha parada ao lado do pente, mantendo a voz

baixa para não ser ouvida por nenhum Regulador de Perdas.

Agora o Porquinho de Natal tinha chegado à frente da fila mais próxima. O Regulador de Perdas saca-rolhas, que tinha mandado o anel de safira esperar ao lado da porta dourada, tinha uma voz alta, então Jack conseguiu ouvir tudo que se passou entre ele e o porco.

– Nome? – perguntou Saca-rolhas.

– O Porquinho de Natal.

– Onde você foi feito?

– Na Fábrica Dingledown, em Birmingham.

– Data e local de Vivificação?

– Esta tarde – disse o Porquinho de Natal –, na Loja de Brinquedos Pendleton.

– E já perderam você? Tsc-tsc – disse o saca-rolhas.

Ele examinou uma longa lista à sua frente.

– Natal, Natal, Natal, Natal... Ah, sim, aqui está você. Porquinho de Natal... Ah, meu deus, parece que ninguém gosta muito de você, não é mesmo?

– Sou um Substituto – disse o Porquinho de Natal.

– Ah – disse o saca-rolhas com um sorriso malicioso, virando-se na cadeira. – Sim. Substitutos às vezes dão certo, às vezes não. No seu caso, vejo que é um “não”. Mas você ainda é novo em folha, então, se alguém o encontrar, deve achar utilidade para você. Um bazar de caridade, espero. Porta de madeira.

E então o Porquinho de Natal correu para se juntar ao grupo de Jack ao lado da porta de madeira, que agora se abria.

Coisas Equinas

Eles foram atingidos por uma rajada gelada de vento enquanto saíam. Para surpresa de Jack, porque era noite quando ele deixou a Terra dos Vivos, o sol começava a se pôr do lado de fora do depósito. A neve caía de um céu estranho, que parecia feito de madeira pintada, embora fosse muito, mas muito mais alto do que qualquer teto na Terra dos Vivos. Jack via alguns buracos de descoberta distantes no céu de madeira, mas não tantos quanto os que havia no teto de Extraviada.

A terra ao redor deles era desolada e vazia: um descampado de pedra que se estendia ao longe, ali só cresciam algumas moitas de cardo. Entre o solo árido e a neve em turbilhão, era o lugar mais hostil que Jack já vira na vida.

Por cima do ombro, ele olhou a parede de Extraviada e viu, para seu espanto, que a porta por onde tinham

acabado de passar havia sumido. Depois lhe ocorreu que não tinha mais como voltar, a não ser que ele achasse OP. Jack começava a ter medo de que a Terra das Coisas Perdidas fosse ainda mais estranha e mais complicada do que ele pensava. Por exemplo, o que as Coisas que passaram pelas outras portas veem quando chegam do outro lado? E mais importante: por qual porta OP tinha passado?

E então Jack ouviu o barulho de cascos. Ele e o restante do grupo – que, tirando o pente e a pilha, incluía uma régua pequena de plástico, uma borracha no formato de urso panda, alguns cadarços e dois hashis – viraram-se para ver a aproximação de várias Coisas em forma de cavalo. Havia pôneis de plástico, um unicórnio rosa de pelúcia, um cavalo de cerâmica e um grande burro de vime carregando cestos de frutas de plástico de cada lado da sela, o maior do grupo. À frente de todas essas Coisas diferentes cavalgava outro Regulador de Perdas: uma tesoura de cozinha usando dois chapéus pretos, um para cada haste. Estava montada, com as pontas para baixo, em um cavalo de madeira com rodas que guinchavam.

– Rápido, andem! – estalou a tesoura. – Não! – acrescentou ela incisivamente a Jack e ao Porquinho de Natal, que iam para dois dos pôneis de plástico. – Vocês são maiores. Podem ficar com o burro.

E, assim, Jack e o Porquinho de Natal subiram no burro, que soltou um gemido e disse:

– Cuidado com meu vime. *Pode* arrebentar, sabia?

A maioria das outras Coisas teve muita dificuldade para montar nos cavalos. O pente, a pilha, a régua e os hashis ficavam escorregando, e a tesoura acabou por instruir os cadarços a amarrá-los.

Assim que todos conseguiram montar, soou uma sirene, feito um gemido, de trás da parede de Extraviada.

– Ah, meu deus – disse Tesoura, assustada. – Isso não é bom.

– O que significa? – perguntou Pente, que parecia em pânico.

– Significa – disse Tesoura – que alguma Coisa está onde não deveria.

Jack e o Porquinho de Natal trocaram um olhar preocupado. Jack tinha certeza de que o Porquinho de Natal pensava o mesmo que ele: de algum jeito, os Reguladores de Perdas souberam que Jack estava ali, embora ele tenha evitado o interrogatório.

– O Perdedor vai aparecer? – sussurrou a régua, que tremia.

– Talvez – disse Tesoura. – Se uma Coisa desobedeceu às regras, o Perdedor vai querer pegá-la para comer. Quando você desobedece às regras, vira Excedente, os Excedentes são comidos, sempre foram e sempre serão. Esta é a lei.

Tesoura lançou um olhar afiado ao grupo de Coisas em seus cavalos.

– Todos vocês foram Alocados corretamente, não foram? – perguntou ela.

Todos assentiram e disseram “sim”.

Tesoura esporeou o cavalo de madeira. Suas rodas estridentes começaram a girar e todos eles partiram por uma trilha nevada que levava aos arredores do descampado.

– Bom, se estiverem mentindo, vamos descobrir logo – disse Tesoura numa voz sinistra.

O Burro de Vime

– Por que ainda é dia? – Jack cochichou ao Porquinho de Natal quando eles partiram, o burro de vime rangendo ao andar. – Estava escuro quando saímos de meu quarto.

– O tempo é diferente na Terra das Coisas Perdidas – o Porquinho de Natal respondeu, cochichando. – Dizem que uma hora na Terra dos Vivos corresponde a um dia inteiro na Terra das Coisas Perdidas.

A neve caía forte e logo os ombros do pijama de Jack estavam frios e molhados, embora isso não o preocupasse tanto quanto a possibilidade de o Perdedor estar prestes a sair do escuro. Porém, não aconteceu nada além de a pilha ter escorregado um pouco de seu pônei de plástico e os cadarços que a amarravam terem se apertado.

Apesar de o céu ter aquela aparência pintada esquisita, escurecia lentamente enquanto eles

cavalgavam pela beira do descampado. Logo a noite caía. Jack só sabia que Tesoura ainda estava à frente deles porque ouvia o guincho das rodas do cavalo que ele usava. Jack cochichou ao Porquinho de Natal:

– Para onde acha que estamos sendo levados?

– Não sei – disse o Porquinho de Natal –, mas por enquanto vamos obedecer às ordens. Todas as Coisas que conheci me disseram que infringir as leis do Perdedor é o jeito mais rápido de ser devorado. Ele mora ali – acrescentou o Porquinho de Natal, apontando com uma das patas para o descampado amplo e pedregoso. – Aquilo lá é o Refugo dos Esquecidos.

– Por que “Esquecidos”? – perguntou Jack.

– Porque nenhum humano se importa com o destino deles – disse o Porquinho de Natal, olhando fixamente a paisagem desolada. – É para onde vão os Excedentes... As Coisas que não são amadas, que são indesejadas e inúteis. Elas não conseguem abrigo nenhum. Só ficam vagando no Refugo, até o Perdedor apanhá-las.

– Bom, é certo que OP não está nesse Refugo – disse Jack. – Ele é mais amado e querido do que qualquer coisa aqui embaixo, assim espero.

– Não, ele não pode estar lá – concordou o Porquinho de Natal, desviando os olhos do Refugo para a trilha de terra à frente. – Se tivermos sorte, ele estará no lugar aonde vamos. Deve ser um lugar para Coisas baratas, pelo jeito de nosso grupo.

– OP não é barato – disse Jack prontamente. – Ele é muito valioso.

– Ele é valioso para *você*, mas nós, os porcos, não somos caros – disse o Porquinho de Natal. – Só espero que ninguém ache estranho quando o gêmeo idêntico dele aparecer.

– Ah, não se preocupe com isso – disse Jack. – Você não é nada parecido com OP. Ele tem uma cor diferente. Os olhos caíram e, no lugar deles, ele tem botões. As orelhas são tortas e ele tem um cheiro melhor.

O burro de vime rangeu e se balançou. A pilha gemeu quando voltou a escorregar de lado do pônei e os cadarços a amarraram ainda mais apertado.

– Como assim ele tem um cheiro melhor? – perguntou o Porquinho de Natal.

– Sei lá... Ele tem o cheiro do OP, é só isso.

– E como é o meu cheiro? – perguntou o Porquinho de Natal.

– De loja de brinquedos e carpete – respondeu Jack. – É um cheiro de nada.

– Muito obrigado – disse o Porquinho de Natal.

Depois disso houve silêncio, a não ser pelo *clip-clop* de cascos de barro e plástico, o rangido do burro de vime e os guinchos das rodas do cavalo de Tesoura. Por fim, Tesoura gritou:

– Bem-vindos ao lar!

Do escuro, agigantou-se uma placa de madeira danificada em que estava escrito com uma tinta descascando:

BEM-VINDOS A

DESCARTÁVEL.

PARTE TRÊS

Descartável

Descartável

– Ah, não... Ah, não... Que pena! – exclamou Pente. – Somos descartáveis!

– Não está reclamando, está? – disse Tesoura num tom ameaçador. – Porque pelo menos você terá um teto sobre sua cabeça. Existem muitos que não têm. Se preferir ser Excedente, podemos providenciar!

– Não – sussurrou Pente, apavorado –, não prefiro ser Excedente.

– Então pare de choramingar – esbravejou Tesoura.

A cidade em que eles entravam agora era composta por construções baixas de madeira e todas pareciam frágeis e arejadas demais. Alguns lampiões fracos iluminavam a rua nevada. Tesoura levou o grupo a um poste, onde desmontou, amarrou todas as montarias e soltou a pilha, o pente, a régua e os hashis.

– Olá! – disse uma voz animada atrás deles, e todos se viraram e viram um par de óculos saindo de uma construção com portas de vaivém que tinha a placa de “SALOON”. Os óculos usavam um chapéu de caubói preto com um “P” e pareciam muito mais simpáticos do que qualquer Regulador de Perdas que eles tinham conhecido até então.

– É um prazer ver vocês, amigos! – Radiante, ele fez as almofadas de seu nariz agitarem-se como um grande bigode. – Sou o xerife Lentes! Me diga uma coisa, Tesoura: ouvi um boato de que a sirene de emergência disparou em Extraviada uma hora atrás. É verdade?

– É verdade, sim – confirmou Tesoura. – Algumas Coisas estavam onde não deveriam.

– Pelas minhas dobradiças, isso vai significar problema! – disse o xerife com ansiedade, e, do nada, pegou um trapo, limpou as lentes, depois o fez desaparecer magicamente de novo enquanto olhava mais atentamente o grupo. – Muito que bem, vou levar esse pessoal para dentro e fazer as apresentações a eles. Quer uma dose de óleo para lubrificar antes de partir, Tesoura?

– Sem tempo – respondeu Tesoura.

– Mas você pode congelar, cavalgando nestas condições.

– Hmm... Tem razão, ponto pra você – disse Tesoura, agora olhando o bar.

– E você tem duas pontas! – disse o xerife, rindo calorosamente da própria piada. – Entendeu? Entendeu?

Ele olhou esperançoso para o grupo. Ninguém riu. Pente fungou.

– Então venham comigo, amigos! – disse Lentes, e entrou no bar à frente do grupo. Tesoura foi atrás dele,

seguido por Jack. Deu arrepios na nuca de Jack ouvir as pontas afiadas de Tesoura batendo no chão.

O bar era iluminado por um solitário e bruxuleante lampião a óleo. Cortinas de veludo roídas por traças cobriam as janelas e o piso de madeira era manchado. Uma velha luva de jardinagem tocava uma música triste em um piano de brinquedo no canto. No teto, havia outro buraco de descoberta e, bem abaixo dele, ocupando dois assentos, estava uma antiga lancheira de latão.

– Aquela ali é Digital, ao piano – disse Lentes, e Digital, a luva, acenou o polegar e voltou a tocar sua música triste –, e esta aqui é Lancheira, sentada embaixo do buraco de descoberta.

A lancheira não disse nada, só continuou olhando o buraco escuro no teto, como se desejasse que um facho de luz aparecesse e a levasse de volta à Terra dos Vivos. Jack entendia por que ela queria sair daquele lugar sombrio. Ele olhou o ambiente para ver se OP estaria sentado em um dos cantos escuros, mas ele não estava ali. Talvez, pensou Jack, estivesse dormindo em uma das casas em ruínas pelas quais eles passaram na rua. Ele se perguntava quando conseguiria escapulir para procurar, quando Lentes falou:

– Muito bem, então, por que não puxamos todos uma cadeira e ficamos à vontade?

Todos se sentaram. A corrente de ar que passava pelas portas vaivém era gelada e Jack agora fazia o máximo para não tremer. Ele queria ter feito o que o Porquinho de Natal havia sugerido em seu quarto e levado um moletom de capuz e algum sapato, mas não ia dizer isso ao porco.

– Então, bem-vindos a Descartável! – disse o xerife. – Não temos muito nesta cidade, mas o que temos, nós dividimos! Ora, eu entendo – ele olhou o pente que

fungava – que alguns de vocês não estejam muito felizes por estarem aqui...

– Como *alguma* Coisa pode ficar feliz ao se encontrar em Descartável!? – disse Pente, caindo aos prantos. – Quer dizer que nossos donos não se importam conosco!

Os hashis se curvaram um pouco – parecia que as Coisas na Terra das Coisas Perdidas ficavam muito flexíveis, além de terem bocas, olhos e braços – e o panda de borracha suspirou.

– Mas isso não é verdade, senhor! – disse Lentes com firmeza. – Se ninguém se importasse, você teria sido empurrado para a Rampa do Refugo em Extraviada!

– Eu pe... pensei que era especial para ele! – Pente soluçava, ignorando Lentes e puxando um único fio de cabelo preto de entre os dentes. – Ficamos juntos por a-anos... Eu pensei que... que ele se importava!

– Ora essa, amigo, anime-se – disse o xerife com gentileza. – Somos baratos, as Coisas velhas sabem como é isso. Ninguém fica de coração partido quando desaparecemos. É fácil nos substituir. Mas isso não faz de nós uns inúteis, não senhorrr! – continuou Lentes. – Ainda existe esperança... Muita esperança! Ora essa, qualquer um de vocês pode ser encontrado a qualquer momento!

– Eu nunca fui usada – disse Pilha, com um jeito melancólico. – É de se pensar que valho mais para a família do que isso. Afinal de contas, é Natal. Pensei que eu teria um emprego vitalício dentro do carrinho de controle remoto novo da menina.

– Ora, agora você sabe, Pilha! – lamentou-se Pente. – Você não vale nada para eles! *Nenhum* de nós vale nada!

– O que você precisa é de uma boa noite de sono, senhor! – disse o xerife, recolhendo os braços e convidando Pente a se levantar também. – Todo mundo ficará melhor depois de descansar. Agora corram ao

quarto 16. Subam a escada, o primeiro à direita. Andem logo, sejam bons camaradas.

Pente deu a impressão de que queria discutir, mas naquele momento um grito horrível ecoou na rua. Digital, a luva de jardinagem, parou de tocar o piano. Lentes, Tesoura e até Lancheira viraram-se bruscamente para o lado do Refugo.

– O que foi isso? – guinchou Pente.

– É melhor ignorar o que acontece no Refugo – disse Tesoura, que agora bebia seu copo de óleo junto ao balcão. – Façam o que mandarem e, se vocês tiverem sorte, nunca descobrirão o que provoca esses gritos.

Ajustes

Depois que Pente sumiu no andar de cima, Lentes disse:

– Digital, por que não toca para nós algumas canções natalinas para animar o ambiente?

A luva de jardinagem começou a tocar “Pequena vila de Belém”, mas não ajudou muito. Jack sabia que todas as Coisas – como ele – ainda pensavam no grito.

– Agora – disse Lentes aos recém-chegados remanescentes –, as regras aqui são simples. Fiquem dentro dos limites da cidade... e mantenham o ânimo! Nunca se esqueçam, a qualquer momento vocês podem ser encontrados... ou Ajustados!

– Ajustados? – repetiu Pilha. – O que isso significa?

– Significa que seu valor Lá em Cima mudou – disse o xerife. – Pense em seu caso, Pilha. Ninguém acha que precisa de você agora. Mas digamos que eles abram a traseira do carro de controle remoto da garotinha no

Natal e vejam que não tem pilhas suficientes sem você! É aí que você se torna muito mais importante para eles. Vão começar a procurar por você com mais afinco e, enquanto estão procurando, você será transferida para Alguém-Se-Importa... a cidade vizinha... porque tornou-se muito mais importante para seus donos. Em Alguém-Se-Importa você tem sua própria casinha, talvez até com um jardim! Mas se vocês acabarem ficando em Descartável para sempre, amigos, então espero que me ajudem a fazer desta cidade a mais feliz e vibrante da Terra das Coisas Perdidas!

Agora Jack tinha certeza de que OP devia estar em Alguém-Se-Importa. Eles precisavam sair de Descartável o mais rápido possível e ir para lá.

– Muito bem, é hora de todos irem para suas camas, acabou a noite – disse Lentes. – Infelizmente alguns de vocês terão de dividir um quarto, porque estamos meio apertados em Descartável...

– Ninguém está tão apertado quanto eu! – ecoou uma voz ofegante. Todos se viraram para ver quem falava, mas não havia mais ninguém no bar.

– É você, Nala? – disse Lentes, sorrindo para a lancheira, que parecia muito sem graça.

– Sim! – disse a voz ofegante, que Jack agora percebia que vinha de dentro da caixa de latão. – Posso sair um pouco? *Por favor?* Está muito escuro aqui dentro e tem cheiro de sanduíche de ovo!

– Não! – falou rispidamente Tesoura do balcão. – Fique onde está! As Coisas que são perdidas dentro de Coisas que são perdidas devem ficar perdidas nas Coisas em que foram perdidas. É esta a lei!

Jack olhou para o Porquinho de Natal, mas ele não parecia ter entendido mais do que o próprio Jack.

– Mas é horrível aqui dentro! – a voz gemeu.

– Não será para sempre! – a lancheira falou com a própria barriga.

– Rá! – disse Tesoura, com um sorriso maldoso. – Não se iluda. Deve haver uma lancheira nova e bonita esperando embaixo da árvore de Natal por sua dona agora mesmo. Cor-de-rosa, com unicórnios na tampa, espero. Você acha que ela vai se incomodar de procurar por uma lata velha como você, depois que ganhar algo bonito, novo e de plástico?

Com um soluço de choro, Lancheira saltou das duas cadeiras e subiu fazendo barulho pela escada para os quartos, enquanto a voz ofegante dentro dela dizia, “Ai! *Ai!* Você está me sacudindo aqui!”.

– Isso não foi gentil, Tesoura – disse Lentes em voz baixa.

– Gentil? – cuspiu Tesoura. – É a verdade. As Coisas precisam conhecer seu lugar. É assim que ficamos longe de problemas.

E despejou as últimas gotas de óleo no parafuso que mantinha suas duas partes unidas, depois saiu do bar nas pontas afiadas, em direção à neve que caía aos turbilhões.

Lentes suspirou, depois disse a cada nova Coisa o número do quarto em que iam dormir. Uma por uma, as Coisas subiram a escada, até que só ficaram Jack e o Porquinho de Natal.

Agora Lentes parece ter percebido a presença deles pela primeira vez.

– Em geral não recebemos coisas novas como você em Descartável – disse ele, olhando com curiosidade para o Porquinho de Natal. – Qual é a sua história, Porquinho?

– Ah, nós nos perdemos juntos – respondeu ele. – Nós dois caímos do bolso do nosso dono, um menino.

– Que menino não procuraria por dois brinquedos tão bons como vocês? – perguntou o xerife, espiando do Porquinho de Natal para Jack. – E você é o que, afinal? – perguntou ele, encarando o rosto de Jack.

– Sou um boneco articulado – disse Jack. – O Menino-Pijama, com o poder de fazer dormir e sonhar. Tenho meu próprio desenho animado – acrescentou ele, para se fazer de importante.

– Seu próprio desenho animado, é? – disse Lentes, ainda encarando Jack. – Ora, ora. O nível de detalhes é extraordinário. Então vocês dois caíram do bolso de seu dono?

– Nosso dono é um menino muito mimado – disse o Porquinho de Natal. – Ele não liga para os brinquedos dele porque tem muitos. Para ele, um porco de pelúcia é como qualquer outro porco de pelúcia, um boneco articulado é igual ao seguinte. Ele até é famoso por jogar as Coisas dele no chão e pisar nelas – acrescentou o Porquinho de Natal, olhando de lado para Jack, que fechou a cara.

– Céus, ouvi falar que existem crianças assim – disse Lentes com tristeza. – No meu tempo, as crianças tinham menos brinquedos e davam valor a eles. Nos velhos tempos, nunca víamos espécimes tão refinados como vocês aqui.

“Vou levar vocês a seu quarto”, continuou Lentes. “Não se importam de dividir, uma vez que os dois já se conhecem, não é?”

Ele os levou para cima e por um corredor escuro e sem janelas, com portas numeradas de cada lado. Ao passarem pelo número 23, a porta se abriu numa fresta e a Lancheira de latão espiou para fora.

– Estou sendo Ajustada? – sussurrou ela.

– Acredito que não, Lancheira – disse Lentes. – Em geral não ouvimos falar de Ajustes assim tão tarde da noite.

A lancheira suspirou e fechou a porta.

– Pobre Coisa – disse Lentes em voz baixa, enquanto eles continuaram pelo corredor. – É difícil se acostumar à vida aqui.

– Xerife Lentes – disse Jack de súbito; ele precisava ter certeza absoluta de que OP não estava ali, então ignorou o olhar de alerta que o Porquinho de Natal lançava –, já viu outro porco de brinquedo aqui em Descartável? Ele tem mais ou menos a altura deste porco, mas tem botões nos olhos e as orelhas são tortas.

– Um porco com olhos de botão e orelhas tortas? – Lentes parou no escuro para olhar Jack de novo. – Não, filho, não posso dizer que vi algum porco que combine com esta descrição.

Jack ficou decepcionado, mas não surpreso de verdade. Lentes abriu a porta rangente do quarto 20.

– Durmam bem, amigos – disse ele.

Mas olhou para Jack de um jeito desconfiado ao fechar a porta depois de entrarem.

O Plano

No momento em que Lentes saiu, o Porquinho de Natal rodeou Jack.

– Por que você perguntou a ele sobre OP?

– Porque é por isso que estamos aqui... para encontrá-lo! – disse Jack.

– Não está óbvio que ele não pode estar em Descartável? Por que você quer chamar atenção para nós desse jeito? E que negócio foi aquele de dizer que tem seu próprio desenho animado? – acrescentou o Porquinho de Natal, com raiva.

– Bom, Menino-Pijama é um nome idiota – falou Jack, igualmente irritado –, e precisa ter um motivo para uma fábrica fazer um boneco articulado. Por que alguém ia fazer um menino de pijama de plástico?

– Só espero que Lentes não avise ao Perdedor que tem um boneco articulado por aqui, agindo como um garoto

de verdade que perdeu um porquinho de pelúcia! – disse o Porquinho de Natal. – Se os Reguladores de Perdas começarem a perguntar a outros brinquedos se já ouviram falar do Menino-Pijama e seu desenho animado, estamos numa tremenda enrascada. Não podemos fazer *mais nada* que chame a atenção enquanto pensamos em um plano.

Jack não conseguiu pensar em uma boa réplica para isso e se sentou na cama de casal, o que fez as molas do colchão rangerem, e olhou o quarto. Era iluminado por uma única vela e o papel de parede descascava. Teias de aranha se estendiam pelo buraco de descoberta no teto. Claramente fazia muito tempo que ninguém era encontrado neste quarto. Enquanto isso, o Porquinho de Natal fora até a janela rachada e olhava a rua tomada de neve.

Jack estava preocupado demais com OP para dormir, então depois de um tempo ele se levantou e se juntou ao Porquinho de Natal na janela. A neve ainda caía densa na rua escura. Tesoura e os cavalos tinham ido embora.

– Porquinho de Natal? – chamou Jack, depois de um longo silêncio.

– Hmm? – respondeu o Porquinho de Natal.

– O que quer dizer “Vivificação”? É como o despertar de que você me falou?

– É isso mesmo – disse o Porquinho de Natal, ainda olhando a rua escura e nevada.

– E acontece quando o sentimento humano é passado para as Coisas?

– Não é realmente passado – disse o Porquinho de Natal. – Os sentimentos aparecem dentro da gente. A Vivificação é o que nos transforma de tecido, feijões e pelúcia, ou metal, madeira e plástico em... algo mais. Uma Coisa pode levar anos para ser completamente

Vivificada... mas às vezes acontece de imediato. Foi o que aconteceu comigo, hoje, na loja de brinquedos. Holly e seu avô discutiam qual porquinho levar para você e, quando eles me escolheram, eu fui Vivificado. Foi quando comecei a significar alguma coisa. A Vivificação é quando nós entendemos verdadeiramente para que fomos feitos.

– Por isso você quer pertencer a Holly? – perguntou Jack. – Porque ela escolheu você?

– Sim – disse o Porquinho de Natal, depois de certa hesitação. – É por isso que...

Mas nesse instante, barulhos na rua fizeram os dois voltarem a olhar pela janela.

– Tem alguém chegando! – disse Jack, assustado. Ele podia ver mais chapéus pretos no final da rua. Será que vinham para encontrar a Coisa que não deveria estar ali?

Três novos Reguladores de Perdas – uma navalha, um cinzel e um canivete – seguiam pela rua, cada um deles dirigindo um trenó ou uma carruagem de jeito engraçado: um chinelo velho puxado por um camundongo movido a corda, uma caixa de sapatos arrastada por um cachorro de pelúcia e um carrinho de madeira com rodas, puxado por dois enfeites de elefante, um de mármore e o outro de bronze. Três passageiros – uma passagem de ônibus, uma chave e um passaporte – estavam sentados em cada um dos veículos, atrás do Regulador de Perdas que os conduzia. Jack e o Porquinho de Natal viram as carruagens pararem abaixo do lampião na frente da taberna, e o xerife Lentes saiu para recebê-los.

Lenta e cuidadosamente, o Porquinho de Natal abriu a janela. Ela rangeu levemente, mas por sorte os recém-chegados faziam barulho demais na rua para ouvir, e agora Jack e o Porquinho de Natal conseguiam escutar o que diziam Lentes e os Reguladores de Perdas.

– Olá, amigos! – exclamou Lentes. – Estava esperando vocês uma hora atrás!

– Fomos detidos... Há um posto de controle novo – disse o canivete, que usava um chapéu preto felpudo. – Não soube? Parece que tem uma Coisa aqui embaixo que *não deveria estar de jeito nenhum na Terra das Coisas Perdidas*

– Por meus parafusos, não me diga! – Lentes arquejou. – Quando foi a última vez que *isso* aconteceu?

– Nem me lembro de *um dia* ter acontecido – disse Canivete. – Viu alguma Coisa agindo de um jeito estranho, Lentes?

– Bom, deixe-me ver – disse Lentes devagar. – Engraçado você dizer isso... eu estava falando agora mesmo com uma dupla de brinquedos que achei ter uma atitude meio esquisita.

Jack e o Porquinho de Natal se olharam, com medo.

– Então é melhor entrar em contato com Algemas imediatamente – recomendou com severidade Canivete. – O Perdedor vai comer você e eles também, se descobrir que são eles as Coisas que não deveriam estar aqui. Mas então... aqui estão. Três novos cidadãos para Descartável, de Alguém-Se-Importa. Ei, vocês três! – gritou ele grosseiramente para os passageiros sentados nos veículos. – Saiam daí!

– Ora, ora – disse Lentes, enquanto a passagem de ônibus, a chave e o passaporte desceram para a rua, onde ficaram unidos com um ar infeliz. – Não precisa tratá-los com tanta aspereza só porque eles foram Ajustados.

– Estou com pressa – estourou Canivete. – Para esses três, é a história de sempre. Todos foram substituídos Lá em Cima, então o problema que causavam acabou. Mas recebi uma ordem para Ajustar três dos seus. Tome...

Ele entregou sua lista a Lentes.

– Pokinho – Lentes leu em voz alta. – Hmm. Tive um pressentimento de que não ficaria conosco por muito tempo. Digital... Ah, meu deus – disse Lentes com tristeza –, vamos sentir falta dela no piano. E... benditas sejam minhas almofadas de nariz... Lancheira também?

– A mãe percebeu que o inalador perdido da filhinha está dentro dela – disse Canivete. – A menina tem asma. A mãe agora quer encontrar aquela lancheira.

De repente Jack segurou o braço macio do Porquinho de Natal.

– Que foi? – cochichou o Porquinho.

– Podemos nos esconder dentro da Lancheira e ir para a cidade vizinha!

– E se eles abrirem a Lancheira no posto de controle? – disse o Porquinho de Natal.

– Eu... não sei – admitiu Jack, com medo da perspectiva –, mas e se Lentes denunciar a gente a Algemas?

O Porquinho de Natal pensou por alguns segundos, o focinho enrugado, depois disse:

– Tudo bem... mas me deixe falar e *não* mencione ter um desenho animado! Pegue o cobertor daquela cama – acrescentou –, está frio lá fora. Eu te falei, você devia ter vestido algo mais quente.

– Eu estou bem – Jack disse irritado, mas quando o Porquinho de Natal lhe deu as costas, Jack tirou o cobertor da cama e o seguiu.

Lancheira

Jack e o Porquinho de Natal saíram do quarto e voltaram pelo corredor escuro, o porco com a mão firme na barriga para abafar o barulho de seus feijões, até que eles chegaram à porta de número 23. Jack bateu de leve e a velha Lancheira a abriu.

– Podemos entrar? – perguntou o Porquinho de Natal.

– Naturalmente – falou Lancheira com educação, embora estivesse surpresa.

O quarto de Lancheira era escuro e maltratado como aquele que os dois deixaram, e ainda menor. Dava para os fundos do bar, de frente para as muitas casas baixas de madeira de Descartável. A neve ainda caía pesada do lado de fora da janela.

– Uma boa notícia! – disse o Porquinho de Natal a Lancheira. – Os Reguladores acabaram de chegar. Se

você puder provar que tem um inalador aí dentro, vão tirar você de Descartável!

– Ora essa, é claro que posso provar! – exclamou alegremente Lancheira, deixando a tampa se abrir. E claro que dentro dela estava um inalador melancólico, que disse numa voz ofegante:

– Se *eu* sou o motivo para sermos Ajustados, por que eu não posso...?

Mas Nala não terminou a pergunta, porque o Porquinho de Natal tinha pulado para dentro da lancheira ao seu lado e tapou sua boca com as patas. Jack também se espremeu ali. Era muito apertado e ele sentia cheiro de sanduíche de ovo.

– Isso é *extremamente* grosseiro! – disse Lancheira num tom escandalizado, acima deles. – Não podem simplesmente entrar sem serem convidados!

– Feche sua tampa! – disse o Porquinho de Natal, feroz. – Ou vamos dizer a eles que você se ofereceu para nos contrabandear para a cidade vizinha e você será jogada no Refugo por ajudar Excedentes!

– Saiam daí! Saiam daí! – gritou a lancheira, pulando e tentando desalojá-los, mas Jack e o Porquinho de Natal se agarraram lá dentro. – Vou dizer a eles que vocês pularam para dentro e tentaram me *obrigar* a contrabandear vocês!

– Vai ser a nossa palavra contra a sua! – disse o Porquinho de Natal. – E tem mais, se não nos ajudar, meu amigo boneco articulado aqui vai quebrar essa Coisa, e se Nala estiver quebrada, você *nunca* será Ajustada! O Menino-Pijama tem dedos extraordinariamente bons, sabia? Perfeitos para quebrar Coisas!

Embora toda a ideia de ficar dentro da lancheira tenha sido de Jack, ele agora sentia medo e culpa. Não conseguia deixar de ter pena dela e *definitivamente* não

queria quebrar o inalador. Ele também ficou impressionado ao ver como o Porquinho de Natal era mau com essas pobres Coisas, mas antes que pudesse falar houve uma batida na porta.

– Lancheira? – era a voz do velho Lentes, do corredor.

De pronto, Lancheira fechou a tampa com uma pancada, deixando Jack e o porco espremidos no escuro com o inalador.

– Sim? – eles ouviram Lancheira falar numa voz trêmula.

– Boas novas. Você está sendo Ajustada!

– Oh – veio a voz abafada de Lancheira. – Hmm... que maravilha.

– Você está bem, querida? Não me parece assim tão satisfeita.

– Não, eu... eu estou. Só vou... só vou sentir sua falta, Lentes.

– Ora, ora – disse o xerife, que parecia comovido. – Que meiga! Mas é melhor você se apressar! A Equipe de Ajuste está atrasada!

A tampa da lancheira era meio torta, o que era uma sorte, porque deixava entrar ar suficiente para Jack respirar, para não falar de um raiozinho mínimo de luz. Espremidos na lata escura, Jack e o Porquinho de Natal sentiram a lancheira descer a escada até o bar.

O fundo da lancheira de latão fazia tanto barulho no piso de madeira que Jack se sentiu seguro para cochichar com o Porquinho de Natal, que ainda tapava a boca do inalador com as patas.

– Não precisava ameaçá-la daquele jeito!

– Quer encontrar OP ou não?

– É claro que quero – disse Jack –, mas você foi horrível!

– Diz o menino que tentou arrancar minha cabeça – comentou Porquinho de Natal.

– Pare de repetir isso! Eu *já pedi* desculpas!

A lancheira continuava andando e Jack entendeu que tinham chegado à rua quando ouviram a voz do canivete, bem próxima.

– Você aí, Lancheira... vai na minha carroça, porque você é maior. Venha cá, Cinzel... me ajude a subir com ela.

– Não, não, eu consigo! – disse Lancheira, parecendo assustada. Jack deduziu que ela não queria que nenhum dos Reguladores de Perdas sentisse o quanto estava pesada, quando só deveria ter um inalador dentro dela. A lancheira deu vários pulinhos, depois, por fim, conseguiu pousar com um estrondo dentro da carroça de madeira.

– Me desculpem pelo atraso! – veio uma nova voz. – Estou tão feliz por ir embora! Não que você não tenha sido gentil, Lentes... *muito* gentil... mas não terei saudades de dividir um quarto com Lenço. Ele não se lava desde que chegou aqui.

– Pobre coitado – disse o xerife com tristeza. – Ele desistiu. Algumas Coisas desistem, quando os anos passam e elas não são encontradas. Bom... Boa sorte, Pokinho! Adeus, Digital! Adeus, Lancheira! Vamos sentir falta de vocês!

– Até mais, Lentes – exclamou Canivete. – Não se esqueça de entrar logo em contato com Algemas a respeito daqueles brinquedos!

A carroça de madeira andou. Jack ouvia os passos dos dois elefantes pesados esmagando a neve, o zumbido do camundongo de corda e o latido ocasional do cachorro de pelúcia.

– Agora eu vou te soltar – cochichou Porquinho de Natal para Nala. – Mas se gritar ou nos entregar, vamos

garantir que você seja jogada no Refugo com a gente!

Nala soltou um leve suspiro, o que parecia ser seu jeito de concordar, e Porquinho de Natal a largou. Soltou um longo suspiro ofegante, depois cochichou:

– Vocês dois são muito rudes e malvados, mas também é bom ver algo além do interior dessa lata, então olá e bem-vindos.

As três carroças avançaram pelo que pareceu pelo menos uma hora, e Jack estava ficando muito cansado do cheiro de sanduíche de ovo quando eles ouviram uma voz do alto.

– PAREM!

A carroça de madeira sacolejou até parar. Jack e o Porquinho de Natal se entreolharam, e Jack sabia, pela expressão dos olhinhos de plástico preto do porco, que ele também sentia medo.

– Documentos! – disse uma voz áspera.

Eles ouviram um farfalhar de papéis.

– Um card de Pokémon, Pokinho, o dono percebeu que pode ser valioso... confere – disse a voz cruel. – Uma luva de jardinagem, Digital, o dono não conseguiu achar outras tão confortáveis... confere. Uma lancheira e a dona se lembrou de que tem um inalador dentro dela.

Algo bateu com força na lateral de Lancheira, que soltou um gritinho de dor.

– Está aí dentro, inalador? – rosnou a voz.

– Sim! – gritou o objeto.

– *Confere* – disse a voz cruel. – Muito bem, podem prosseguir. Mas fique de olhos bem abertos, Canivete. Estamos em alerta máximo. Já soube que tem uma Coisa aqui embaixo que não deveria estar aqui?

– Soube. Já tem uma descrição? – perguntou Canivete.

– Ainda não – respondeu a voz cruel. – Mas nunca vi o Perdedor tão furioso.

– Você o viu? – falou Canivete, nervoso.

– Ah, sim – afirmou a voz cruel. – Ele me disse, “A noite dos milagres e das causas perdidas não dura para sempre. Depois que terminar, achado não é roubado”.

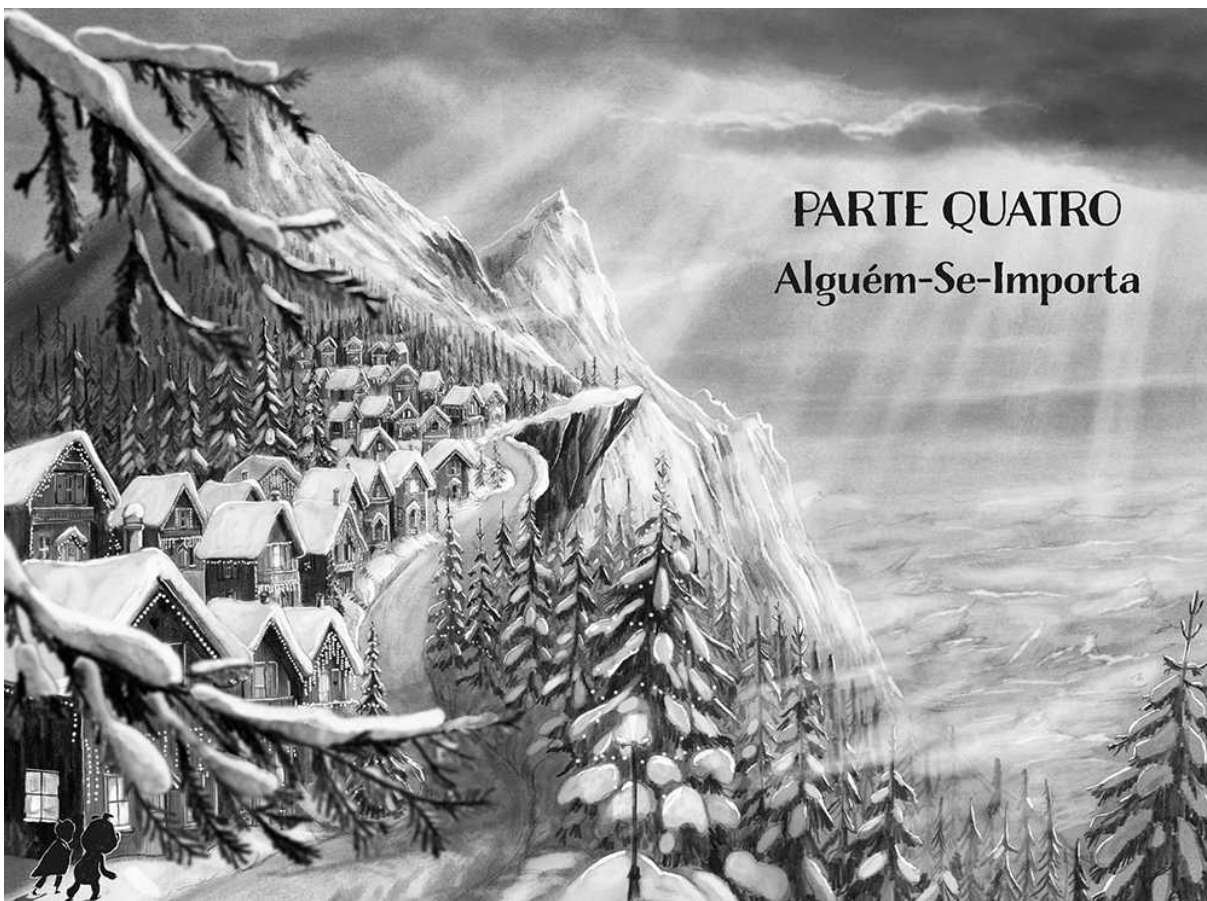
– O que isso significa? – perguntou Canivete.

– Não sei – rosnou a voz cruel. – Mas fique atento a qualquer Coisa que tenha uma atitude estranha.

Depois disso, a carroça de madeira voltou a rodar.

– Ele me *amassou* – queixou-se a lancheira com o canivete.

– Bom, você conheceu Martelo – disse Canivete. – Nunca olha quando pode bater! – ele elevou a voz para se dirigir aos três passageiros: – Vocês podem se colocar à vontade e dormir, se conseguirem. Temos um longo caminho pela frente.

A carroça agora subia uma encosta. Jack, que se viu obrigado a ir para o fundo da lancheira, conseguiu se enroscar num canto, enrolou-se no cobertor que tinha levado de Descartável com o rosto encostado na cabeça macia do Porquinho de Natal. Não era como se enroscar com OP, mas era mais confortável do que se encostar na parede de metal frio.

PARTE QUATRO

Alguém-Se-Importa

Alguém-Se-Importa

Jack acordou sobressaltado. Algo macio o cutucava e ele percebeu, depois de um momento, que era a pata do Porquinho de Natal de novo. A carroça ainda estava em movimento. Um raio de luz forte caía pelo amassado na tampa de Lancheira. O inalador ainda dormia profundamente, fazendo barulhinhos ofegantes.

– Hora de sair! – cochichou Porquinho de Natal no ouvido de Jack. – Canivete disse agora mesmo que estamos quase em Alguém-Se-Importa! Vamos sair de mansinho da lancheira, depois pulamos da traseira da carroça.

– E se formos vistos?

– Bom, então, teremos que correr com a maior velocidade possível. Pronto?

– Tudo bem – Jack cochichou, de repente com muito medo.

– Lancheira? – chamou o Porquinho de Natal, cutucando a lateral da lancheira. – Está acordada?

– Sim – ela respondeu num sussurro.

– Deixe-nos sair, por favor, e não se esqueça: se contar a alguém que nos viu, vamos contar a eles que você nos ajudou!

A tampa de Lancheira se abriu. Segurando a barriga para evitar que o barulho dos feijões entregasse os dois, o Porquinho de Natal saiu da lancheira para a forte luz do sol e Jack foi atrás dele, deixando para trás o inalador, que cochilava.

Por sorte, a carroça de madeira era a última da fila de veículos e como Canivete, que conduzia, estava de costas, ninguém viu Jack e o Porquinho de Natal saírem de dentro da lata.

– Sei que você não queria ajudar, mas obrigado mesmo assim, Lancheira! – sussurrou o Porquinho de Natal e deu um tapinha de leve na tampa.

– Vocês foram muito grossos – respondeu a lancheira aos sussurros –, mas tomara que o Perdedor não pegue vocês. Boa sorte!

Lenta e cuidadosamente, Jack e o Porquinho de Natal saíram da traseira da carroça de madeira, deixaram-se cair na neve macia, depois correram e ficaram fora de vista atrás de um bosque de abetos ao lado da estrada.

Olhando em volta, Jack viu que a carroça os levara ao alto de uma montanha, e dali eles podiam ver a larga extensão do Refugo dos Esquecidos. Descartável não era mais visível e Jack também não via nada se mexendo no Refugo. Ele supôs que o Perdedor tivesse comido todos os recém-chegados, ou então que as pobres Coisas estivessem escondidas em moitas de cardo.

Virando-se para as três carroças, ele as viu desaparecer na cidade, que ficava empoleirada bem no

topo da montanha. Uma placa lustrosa e pintada perto do esconderijo de Jack e do Porquinho de Natal brilhava ao sol. Nela estavam escritas as palavras:

BEM-VINDO A ALGUÉM-SE-IMPORTA.

– Vamos esperar até que eles saiam de vista – disse o Porquinho de Natal. – Depois entramos escondidos na cidade e procuramos um brinquedo que talvez conheça OP...

Depois que as carroças desapareceram, eles correram pela estrada e entraram em Alguém-Se-Importa.

A cidade nova não era nada parecida com Descartável. Tudo era limpo e bem-cuidado. As casas cobertas de neve eram todas aconchegantes, arrumadas e bonitas, como se fossem feitas de biscoito de gengibre, e as portas de entrada eram pintadas em cores diferentes. As ruas tinham sido varridas e luzes multicoloridas de Natal brilhavam em outros abetos.

Apesar do frio e de tremer no pijama, Jack sentiu o ânimo se elevar. Ele podia imaginar OP morando em uma daquelas casinhas. Sem dúvida, parecia um lugar adequado para as Coisas que eram amadas.

– Vamos tentar por aqui – disse o Porquinho de Natal, apontando para uma transversal.

Era mesmo a cidadezinha mais bonita que Jack vira na vida. Pelas janelas nevadas das casas, ele viu de relance relógios de cuco e lareiras rugindo, tapetes grossos e poltronas confortáveis. As Coisas pelas quais passaram – uma gravata escolar e alguns livros didáticos, uma caneta-tinteiro e um velho botão – pareciam muito mais alegres do que aquelas em Descartável. Jack tinha certeza de que estas Coisas deviam ser valiosas Lá em Cima, na Terra dos Vivos, para serem enviadas a morar

em um lugar tão aconchegante e bonito, mas ele não conseguia ver nenhum brinquedo.

Por fim, ele localizou uma peça de xadrez preta que conversava com uma grande e antiquada agenda de endereços com uma capa decorada com rosas.

– Vamos perguntar à peça de xadrez se ela viu OP! – disse Jack ao Porquinho de Natal.

– Hmm – disse o Porquinho de Natal. – Não sei bem. Uma peça de xadrez não é exatamente um brinquedo.

– É a Coisa mais próxima disso que vimos – disse Jack.

– Bom, está certo – disse o Porquinho de Natal. – Mas não...

– Não falo que tenho um desenho animado, já sei, já sei! – disse Jack.

E então eles foram para uma soleira para esperar pelo fim da conversa entre a peça de xadrez e a agenda de endereços.

– ... em *cinco minutos*, sr. Cavalo, está bem? – a agenda de endereços dizia, em uma voz que soava por toda a rua. – *Impertinente* sr. Cavalo, não permitirei que perca outra! Estamos começando na Praça Principal e *não* aceito um não como resposta! A excursão terminará na Prefeitura, onde o prefeito muito *amavelmente* concordou em nos mostrar tudo! Cinco minutos, sr. Cavalo, não se esqueça, ou ficarei muito aborrecida!

Rindo alegremente, a agenda de endereços partiu, deixando para trás a peça de xadrez. Assim que ela desapareceu, a peça de xadrez pulou para o outro lado, com tal velocidade que Jack e o Porquinho de Natal tiveram de correr para alcançá-la.

– Com licença? – disse Jack.

– Sim? – falou ofegante a peça de xadrez, parando. A parte superior tinha o formato de uma cabeça de cavalo.

– Viu um porquinho de brinquedo? – perguntou Jack. – Ele tem o mesmo tamanho deste porco, mas é cinzento, as orelhas são tortas e os olhos dele são de botões.

– Não, não vi nenhum porco assim. Não temos muitos brinquedos em Alguém-Se-Importa – disse a peça de xadrez. – Agora me dê licença, por favor, estou tentando não ser laçado em outra das excursões de Genda.

Com estas palavras, soltou um leve gemido e saiu pulando de novo, desaparecendo em um dos chalés cobertos de neve e batendo a porta depois de entrar.

Genda, a Agenda de Endereços

Jack ficou muito decepcionado ao ouvir que não havia muitos brinquedos em Alguém-Se-Importa. Para onde OP teria sido mandado, então? Mas, antes que ele e o Porquinho de Natal pudessem conversar sobre isso, um assovio alto fez os dois pularem. Jack teve medo de que o assovio fosse algum alarme para avisar aos cidadãos de Alguém-Se-Importa que alguma Coisa estava onde não deveria. Porém, o apito foi seguido do som inconfundível de um trem a vapor se aproximando.

– Que interessante – disse o Porquinho de Natal, torcendo o focinho. – De onde o trem vem? Vamos dar uma olhada.

Jack e o Porquinho de Natal foram correndo na direção do barulho do trem e chegaram bem a tempo de vê-lo entrar em uma pequena estação no meio da cidade. O

trem era azul-royal e dourado, e depois que ele parou em outra nuvem de vapor, as portas se abriram e de lá saíram várias Coisas, inclusive um relógio de pulso de ouro, uma taça de prata e uma medalha de bronze arrastando uma fita puída.

– Olha, é ela de novo – disse o Porquinho de Natal, apontando um pé. – Aquela agenda de endereços.

E era ela mesma parada ali, com sua capa com desenho de rosas e as páginas manuscritas sibilando com o vapor do trem.

Ela falava a plenos pulmões, assim como antes, "Que *maravilha* ver vocês todos! Vocês estão com sorte! *Bem* a tempo de uma das famosas excursões de Genda! Um jeito *tão* maravilhoso de saber tudo sobre Alguém-Se-Importa! Venham comigo, venham comigo, venham!".

Jack sabia que as Coisas novas pensavam que tinham de obedecer a Genda, embora ela não estivesse com um chapéu de Reguladora de Perdas, e assim passaram a andar atrás dela.

– Acho que precisamos ir atrás deles – disse o Porquinho de Natal – e tentar descobrir de onde veio o trem... mas vamos ter cuidado. Tem alguma coisa naquela agenda de endereços que não me agrada.

E assim eles seguiram Genda e as Coisas que tinham acabado de sair do trem até uma pracinha, onde outro conjunto de Coisas esperava pelo início da excursão. Jack viu o card de Pokémon, Digital e Lancheira entre eles, todos com um jeito animado, agora que viam em que cidadezinha linda iam morar.

– Permitam-me que me apresente! – exclamou Genda, farfalhando na frente do grupo. – Meu nome completo é Agenda de Endereços, mas podem me chamar de Genda! Como moradora *antiga* de Alguém-Se-Importa e amiga pessoal e íntima do caro prefeito, gosto de realizar essas

pequenas excursões para ajudar todos a se sentirem em casa! Venham comigo, por favor, e se tiverem alguma pergunta, não *hesitem* em fazer!

Ela partiu para uma nova rua e todos a seguiram. Jack e o Porquinho de Natal se viram andando ao lado do relógio de ouro que tinham visto naquele momento saindo do trem.

– Acabaram de chegar? – perguntou o relógio enquanto rolava com eles.

– Sim – disse o Porquinho de Natal.

– Não vi vocês no trem.

– Não – disse o Porquinho de Natal. – Fomos Ajustados de Descartável.

– Ah – disse Relógio. – Isso explica tudo.

O relógio de pulso tinha dizeres gravados no verso, Jack notou: *Para Bob, com amor, de Betty*.

– Está olhando minha inscrição? – perguntou o relógio a Jack.

– Hmm... sim – disse Jack, esperando que não fosse grosseria olhar a inscrição de uma Coisa.

– Huu – o relógio de pulso suspirou. – Bom, Betty e Bob não se amam mais, disso eu sei. No momento em que me contaram que eu estava sendo Ajustado, pensei, "eles se separaram". De ouro maciço, eu sou sim, e Bob ficou muito aborrecido quando me perdeu pela primeira vez. Mas algo deve ter mudado Lá em Cima. Bob claramente não sente tanto a minha falta como na primeira vez, ou eles não teriam me feito sair de...

– Sem conversa aí atrás! – exclamou Genda –, ou não se beneficiarão plenamente de minha excursão! Agora estamos passando por um chalé *deveras* bonito, um dos melhores da cidade... e por acaso este é meu! – disse ela, com uma gargalhada. – E aqui, à esquerda, a residência de um marcador de livro banhado em prata

deveras encantador. É *tão* importante ter vizinhos bem-nascidos e cultos! O ocupante anterior era um cronômetro sujo e antiquado! – acrescentou ela, com um estremecimento. – *Que* impressão medonha dava aos recém-chegados, ver *aquela Coisa* assim que chegavam!

"Agora, para aqueles de vocês que vieram para cá diretamente de Extraviada", continuou Genda, levando-os a uma esquina, "devo explicar que existem duas cidades na Terra das Coisas Perdidas: Descartável e Alguém-Se-Importa!"

Os ponteiros no mostrador do relógio se apertaram com essas palavras, o que lhe conferiu uma expressão desnorteada.

– Não, senhora – ele disse a Genda, do fundo da multidão –, creio que está mal informada. Medalha, Taça e eu fomos mandados para cá de...

– *Só existem duas cidades na Terra das Coisas Perdidas!* – exclamou Genda, parando subitamente e virando-se para ficar de frente para a multidão, que parou tão de repente que alguns esbarraram uns nos outros, e a taça de prata tombou e teve de ser ajudada a se erguer por um par de luvas felpudas. – *Duas cidades!* – Genda repetiu, carrancuda para todos eles. – Uma para as Coisas Boas, outra para as Más! Descartável é para objetos *sem valor*, aqueles que podem ser facilmente substituídos, cuja perda mal é notada na Terra dos Vivos! Mas Alguém-Se-Importa é para Coisas *especiais*. Cada Coisa em Alguém-Se-Importa gerou inúmeros problemas a nossos humanos quando fomos perdidas. Somos valiosos. Somos *importantes*. Eu, por exemplo – continuou Genda –, passei cinquenta anos inteiros sob posse de uma dama Lá em Cima! Ela escreveu os nomes, endereços e telefones de sua família e dos amigos em

mim. Era o único lugar em que ela guardava essas informações importantes!

Genda folheou as páginas e todos viram a letra apertada e sinuosa da senhorinha.

– *Imagine* o problema criado quando ela me perdeu!

Em vez de aparentar tristeza, Genda soltou uma gargalhada incontrolável.

– OP sem dúvida não está aqui – cochichou Jack ao Porquinho de Natal. – Não nesse lugar para Coisas que ficam felizes em deixar os donos tristes!

Uma voz baixa de repente falou no ouvido de Jack, dando-lhe um susto:

– *Uma coisa devo lhe pedir, caro amiguinho, me entenda:*

por favor, não nos julgue a todos pela horrível Genda.

Jack procurou ao redor. Uma folha de papel suja com olhos e uma boca desenhada no alto tinha se juntado à excursão.

Enquanto todos voltavam a andar, Jack perguntou ao papel:

– Quem é você?

– *Meu nome é Poema. Vê as linhas escritas que trago?*

Abriu-se ligeiramente para mostrar as palavras por toda a folha.

– *E como sou em verso, meu discurso é rimado*.

– Ah – disse Jack. – Acabou de chegar aqui também?

– *Não, estou aqui há séculos, mas hoje pensei*

Em me juntar à excursão. Pagarei

Caro por isso, porque, pois sim,

Não há ninguém que Genda odeie como a mim.

– Por que ela odeia você? – perguntou Jack.

– *Porque ela é muito má e dissimulada*

E não receio dizer isso, então fui banida.

E que, naquele exato momento, Genda, que tinha parado na frente de uma construção com uma pequena torre de relógio e portas duplas de madeira polida, virou-se para falar com o grupo outra vez e prontamente localizou Poema escondida ao fundo.

– Poema! – gritou ela. – Vá embora agora, querida, o prefeito *disse* que você não tem mais permissão de acompanhar minhas excursões!

– *Ah, perdoe a invasão, minha memória é lastimável!* – disse Poema, sorrindo para Jack.

"*Adeus, cara e sincera Genda! Você é por demais amável!*"

Poema se afastou. Genda pregou de novo o sorriso largo na cara florida e disse:

– Uma dicazinha aos recém-chegados: devem evitar Poema... Ela é louca, *deveras* louca. E mora com alguém ainda mais louco que ela! Venho tentando fazer com que ambos sejam Ajustados para Descartável, mas até agora não tive sorte. Agora vou bater na porta da Prefeitura e, se tivermos *muita* sorte, o caro prefeito nos mostrará...

Mas antes que Genda conseguisse bater, um ralador de queijo quadrado saiu intempestivamente pelas portas duplas e quase a derrubou. Usava um elegante chapéu de três pontas preto de prefeito e atrás dele vinha um sortimento de Reguladores de Perdas que pareciam meio diferentes do tipo habitual. Todos usavam balaclavas pretas, com o costumeiro distintivo "P" na testa. Embora a maior parte do rosto estivesse escondida, ainda era fácil ver que tipo de Coisas eram. Uma era uma lupa, a outra uma rede e a terceira era uma imensa bota de biqueira.

– Ah, não – cochichou o Porquinho de Natal. – É a Equipe de Algemas!

– Problemas! – gritou o prefeito, que brandia uma folha de papel. – Os boatos são verdadeiros! Existem Coisas aqui embaixo que não deveriam estar aqui! Acabo de receber uma descrição: um porco de pelúcia e um boneco articulado de pijama!

O Prefeito Ralador de Queijo

O prefeito mal tinha terminado de dizer “pijama” quando o Porquinho de Natal agarrou o braço de Jack e o puxou de lado para uma viela. Não havendo lugar nenhum onde se esconder, o Porquinho de Natal tirou a tampa de uma lixeira prateada e reluzente com o brasão do prefeito e ele e Jack pularam para dentro, recolocando a tampa sobre as cabeças. Jack estava tão assustado que precisou de um momento para notar como a lixeira vazia estava limpa: pelo visto, até o interior das lixeiras era polido regularmente em Alguém-Se-Importa.

– Acalmem-se, acalmem-se! – eles ouviram o prefeito gritar, porque a multidão começara a falar alto depois de seu anúncio. Quando o silêncio voltou, o prefeito disse: – Agora, escutem bem! Esse porco e o boneco articulado estão infringindo a lei, e quando a lei é infringida, o

Perdedor tem uma desculpa para agir contra a lei também! Dez anos atrás, neste mesmo dia, o Perdedor entrou em Alguém-Se-Importa com o pé na porta, chutando a frente das casas e levantando telhados, e isso não vai acontecer de novo, não no meu mandato!

– P-por que ele veio aqui da última vez? – disse uma voz apavorada, que Jack reconheceu como a de Lancheira.

– Porque a prefeita anterior tinha infringido a lei! – gritou o ralador de queijo. – Prefeita Tesoura de Picotar, era esse o nome dela! Ela sentia pena de Excedentes, então deixou que alguns escapulissem do Refugo e se escondessem em nossos sótãos! O Perdedor soube o que ela estava fazendo e correu para a cidade, destruindo as casas! Ele pegou todos os Excedentes e os comeu, e também devorou algumas Coisas que não tinham feito nada de errado, e a última Coisa que ele pegou foi a Tesoura de Picotar e a levou para seu covil, e lá foi ela gritando, e nunca mais foi vista! Foi assim que me tornei prefeito – rugiu o ralador de queijo –, e a partir desse momento, a lei tem sido cumprida! Uma vez por semana os Reguladores de Perdas e eu realizamos uma busca *completa* nesta cidade, para garantir que não haja nenhuma Coisa que não deveria estar aqui! Muito bem, todos devem ir diretamente para casa, e sem embromação! Genda dirá aos recém-chegados quais são seus lares... Fiquem dentro de casa até que eu libere a todos!

Jack e o Porquinho de Natal continuaram espremidos na lixeira, que era muito apertada, ouvindo a multidão se dispersar.

– E se o relógio de ouro contar a eles que nos viu? – cochichou Jack. – Ou Poema? Ou *Lancheira*?

– Então estaremos enfiados até o pescoço em problemas – respondeu aos cochichos o Porquinho de Natal. – Mas todos parecem boas Coisas. Com sorte, não vão contar nada.

Depois de alguns minutos, a marcha das Coisas indo para casa tinha desaparecido. Agora só o que restavam eram as vozes do prefeito e da Equipe de Algemas.

– Eles não fariam a burrice de vir diretamente para o centro da cidade – disse o prefeito confiante. – Sugiro nos espalharmos e trabalharmos de fora para dentro.

A Equipe de Algemas concordou e os dois ouviram eles se afastarem, chamando outros Reguladores de Perdas para ajudar na busca. O barulho mais alto vinha da bota de biqueira, que fazia um barulho metálico ameaçador a cada passo que dava.

– O nome daquela bota é Esmaga – cochichou o Porquinho de Natal no ouvido de Jack. – Uma de suas meias me contou sobre ele. É um queridinho do Perdedor. Esmaga tem permissão de pisar em todas as Coisas quando as apanha. Depois disso, mesmo que elas sejam encontradas, estão quebradas demais para ter alguma utilidade.

Jack desejou ligeiramente que o Porquinho de Natal não lhe tivesse contado isso.

– Você ouviu o que o relógio ia dizer antes de Genda o impedir? – continuou o Porquinho de Natal.

– Sim – disse Jack. – Ele veio de uma terceira cidade.

– Isso faz sentido – disse o Porquinho de Natal –, porque...

– Tinha três portas em Extraviada!

– Exatamente – disse o Porquinho de Natal.

– Então OP deve estar na última cidade! – disse Jack.

– Sim, deve estar – concordou o Porquinho de Natal. – Sabe de uma coisa, acho que nossa melhor esperança é

entrar de fininho no trem e nos esconder, e deixar que ele nos leve até a outra cidade. Mas vamos esperar até anoitecer. Não temos chance se sairmos agora.

E assim eles esperaram a noite cair.

Por fim, quando pensaram que já estava bem escuro, eles tentaram sair da lixeira, mas de algum modo ficaram entalados. Depois de muitas contorções, Jack conseguiu sair, em seguida teve de puxar com muita força as patas do Porquinho de Natal até ele se soltar e os dois caíram em uma pilha de neve, o Porquinho de Natal por cima de Jack.

– Obrigado – disse ofegante o Porquinho de Natal. – Me desculpe por isso. Meus feijões se acomodaram.

– Está tudo bem – disse Jack, que agora estava com frio e molhado de novo. Ele se levantou, espanou-se todo e os dois partiram na direção da estação, com o cuidado de andar nas sombras.

Caminharam apenas uma curta distância quando de repente a voz do prefeito surgiu estrondosamente de alto-falantes em cada esquina. "Atenção, todas as Coisas! Atenção, todas as Coisas! Acreditamos que os Excedentes porco e boneco articulado tenham ido para o centro da cidade sob o manto da escuridão! Tranquem suas portas! Fechem as janelas! Qualquer um que ajudar os Excedentes será entregue ao Perdedor!"

Para onde quer que Jack e o Porquinho de Natal olhassem, os feixes de luz das janelas acortinadas, que brilhavam como joias, foram escurecidos, e eles ouviram os estalos de centenas de ferrolhos sendo puxados. Quando o prefeito Ralador de Queijo soltou o alerta pela segunda vez, um sonoro silêncio caiu sobre a cidade de Alguém-Se-Importa. As Coisas que moravam ali de repente ficaram com medo demais até de falar dentro das próprias casas.

A respiração de Jack formava uma nuvem de névoa no ar gelado enquanto a dupla chegava cada vez mais perto da estação. Tremendo, ele percebeu que tinha deixado o cobertor na lixeira do prefeito, mas só o que importava era sair de Alguém-Se-Importa, que agora não parecia mais um lugar amistoso e aconchegante.

A estação estava à vista, do outro lado da rua, quando eles ouviram uma voz áspera que vinha do alto. O Porquinho de Natal puxou Jack para uma soleira escura e Jack prendeu a respiração, assim a névoa não entregaria sua posição.

– Vocês quatro... acompanhem Lupa à zona oeste. Vocês... vão com Rede e deem uma busca no leste. O restante, venha comigo.

Jack ouviu os Reguladores de Perdas partirem para lados diferentes, e de novo o barulho mais alto de todos era o passo da gigantesca bota de biqueira chamada Esmaga.

Quando, enfim, os sons morreram mais uma vez, Jack e o Porquinho de Natal saíram de mansinho de seu esconderijo e foram para a estação.

Mas todas as esperanças de Jack se frustraram: o trem de brinquedo tinha partido.

– Ah, não... E agora? – cochichou Jack batendo os dentes.

– Agora – disse uma voz ameaçadora bem atrás deles – é hora de *esmagar*.

Esmaga

Jack e o Porquinho de Natal se viraram e, a um só tempo, Jack notou que Esmaga, a bota de biqueira, os havia enganado: pisara no mesmo lugar para fazê-los pensar que tinha ido embora. A bota veio saltando para mais perto e logo estava tão próxima que Jack via que dois dos buracos do cadarço tinham se transformado em olhos pequenos e cruéis. Enquanto as tachas na sola brilhavam ao luar, Jack pensou de repente em mamãe. Se fosse pisoteado e quebrado por Esmaga, nunca mais a veria. Sem se dar conta do que estava fazendo, Jack estendeu a mão e segurou a pata do Porquinho de Natal.

– Espere! – o Porquinho de Natal pediu a Esmaga, segurando a mão de Jack.

– Pelo quê? – zombou a bota, saltando para mais perto.

– Pelo... pelo que está prestes a acontecer! – respondeu o Porquinho de Natal.

– E o que é? – rosnou Esmaga.

– A coisa – disse o Porquinho de Natal – que vai mudar tudo! Você não vai querer perder! Espere... Espere só...

E então, para completo espanto de Jack, um facho de luz dourada veio do céu de repente e deixou Esmaga sob um holofote. A bota ficou imóvel, depois tentou escapar da luz, mas foi em vão: a coluna dourada começou a arrastá-la para cima, na direção da Terra dos Vivos.

– Como você fez isso? – disse Jack ofegante ao Porquinho de Natal.

– Não fiz! – disse o porco, tão assustado quanto Jack. – Mas às vezes dá certo esperar!

– Esmaga foi encontrado! – eles ouviram um dos Reguladores de Perdas gritar de uma rua vizinha.

– Eles estão aqui! – gritou a bota, lutando furiosamente para escapar da coluna de luz que a carregava cada vez mais para o alto, sobre os telhados cobertos de neve. – Eles estão *aqui*, bem ao lado da estaç...

Mas a voz foi tragada pelos outros Reguladores de Perdas, que gritavam os parabéns ao velho amigo.

– Muito bem, Esmaga!

– Vamos sentir saudades, velho camarada!

– Pisa fundo, amigo!

– Deixem para lá as despedidas afetuosas! – gritou a voz ralada do prefeito. – Continuem a busca... Temos Excedentes a apanhar!

Jack e o Porquinho de Natal tinham começado a correr para a rua escura mais próxima quando uma luz fraca apareceu à esquerda deles. Uma porta se abriu e uma voz apressada disse:

– *Rápido! Entrem... Vão me agradecer pelo favor!*

Podemos esconder vocês...

Poema e Pretenso

Sem parar para pensar se seria sensato obedecer à voz ou não, Jack e o Porquinho de Natal correram pela porta aberta, que se fechou logo depois que entraram.

– ... *do pavoroso Ralador!* – concluiu Poema.

O corredor da casa era mal-iluminado. As linhas escritas por Poema quase não eram visíveis.

– Você não vai nos entregar ao Perdedor, vai? – cochichou Jack.

– *Então me toma por hipócrita?*

Vocês precisam de ajuda, eu abri minha porta!

– Desculpa – disse Jack. – Eu não queria...

– Estamos muito agradecidos – o Porquinho de Natal garantiu a Poema.

Poema sorriu.

– *Não faz mal, meus caros. A suspeita é de bom senso!*

Agora, na sala de visitas...

Eles seguiram Poema a uma pequena sala de estar.

– *... conheçam o Pretenso.*

Jogado em uma cadeira ao lado do fogo estava a Coisa mais estranha que Jack viu na Terra das Coisas Perdidas. Na realidade, não conseguia distinguir se era uma Coisa, uma pessoa ou um fantasma. Tinha a forma e a aparência de um adolescente (mas reduzido ao tamanho de Jack e do Porquinho de Natal) e era possível enxergar através dele. Tinha medalhas de ouro penduradas no pescoço e um beijo de batom na bochecha; estava vestido como um astro do rock, de jaqueta de couro preta e botas pontudas. Quando viu Jack e o Porquinho de Natal, esta estranha Coisa deu um salto e disse:

– Oi! Meus amigos da antiga escola me chamavam de Rebelde. Tenho uma namorada que mora em outra cidade. Ela é muito bonita. A gente se beija muito. Estas são as medalhas que ganhei no caratê. Eu poderia matar vocês agora mesmo com minhas próprias...

– *Não é hora para isso, Pretenso! Poupe-nos de suas fábulas!* – disse Poema severamente.

"*Estas Coisas fogem do Perdedor e seus crápulas!*"

Pretenso amarrou a cara.

– Você, falando de mentiras! Você é completamente inventada!

– *Os grandes poemas dizem a verdade... suas lorotas, arte é que não são!* – disse Poema numa voz cheia de dignidade. Virando-se para Jack e o Porquinho de Natal, acrescentou:

"Ele não consegue deixar de mentir, mas tem muito bom coração!"

Pretenso ficou carrancudo e chutou a borda do tapete.

– Eu *poderia* matar alguém com minhas próprias mãos, se quisesse – resmungou ele, amuado. – Eu *poderia.*

– *Sentem-se perto do fogo, sequem-se e tenham calor* – disse Poema a Jack e ao Porquinho de Natal, ignorando o companheiro de moradia.

“E então Pretenso e eu estaremos a seu dispor.”

– É muita gentileza de sua parte – disse o Porquinho de Natal.

– Sim, é mesmo – disse Jack. – Obrigado.

O menino ficou com a poltrona mais próxima do fogo e estendeu as mãos e os pés enregelados às chamas. Sendo feita de papel, Poema ficou bem distante do fogo, mas Pretenso arriou na poltrona e disse:

– Poema me contou que conheceu vocês dois em uma das excursões de Genda. Eu *detesto* aquela agenda de endereços. Ela é uma mentirosa ainda pior do que eu!

– *Pretenso, o que disse tem grande exatidão* – disse Poema, aprovando.

“De ouvi-la, é de se pensar que só tem informação
De Descartável e Alguém-Se-Importa.
É constrangedor, ela mente à exaustão!”

– Então *existe* outra cidade, além de Descartável e Alguém-Se-Importa? – perguntou Jack.

– Claro que sim! Aquela depois da porta dourada!
Que Genda conhece, é a verdade comprovada.
Mas Genda se considera uma majestade...
A Coisa mais importante que se viu nesta cidade!
E não pode existir, diz ela aos curiosos,
Um lugar maravilhoso, a Cidade dos Saudosos.

Jack e o Porquinho de Natal se entreolharam, animados.

– A Cidade dos Saudosos, foi o que disse? – perguntou o Porquinho de Natal.

– De fato. Nós a conhecemos, era nosso lar,
De Pretenso e meu... acho que vou chorar.

Dos olhos de Poema escapou uma única lágrima, que deixou um risco de tinta no papel.

– Por que vocês não estão mais lá? – perguntou Jack.

Poema aproximou-se um pouquinho da lareira e se alisou para mostrar a eles os muitos riscos e correções em todo o seu corpo.

– Como podem ver, sou um rascunho incipiente,

Tentativa imperfeita de minha poeta inteligente!

E quando me perdeu, ah, quanta fúria dolorosa!

"Preciso dela!", bradou, "Aquela página preciosa!"

Graças a minha perda não conseguia mais escrever!

E assim me pus pela porta dourada a correr

E num trem azul-royal eles me colocaram,

E com muita gentileza me trataram,

Pois minha falta era por demais sentida – mas logo isso mudou.

Ela tentou mais uma vez, minha poeta reorganizou

Minhas palavras, as rimas, minha métrica... por fim

Ela entendeu ter feito poema melhor do que a mim.

Os Reguladores apareceram e para cá fui destinada,

Aqui ficarei para sempre, pois sei ser o meu fardo

Ter me tornado mera curiosidade.

Minha poeta não chora mais de saudade.

Enquanto Poema enxugava os olhos de tinta, Pretenso suspirou e falou:

– Poema e eu somos amigos desde que nos conhecemos na Cidade dos Saudosos. O *meu* dono era um adolescente. Teve de se mudar para uma escola nova, a quilômetros de todos os velhos amigos. Ele se sentia sozinho e com medo de um valentão, Kyle Mason, então ele me fez. Fingiu que sabia lutar caratê, tinha uma namorada e um apelido bacana na velha escola... mas os outros adolescentes logo viram a verdade. Ele não *quis* me perder: foi obrigado a isso. Me perder, no início,

deixou *ele* perdido. Ele sentia minha falta tremendamente, então fui enviado à porta dourada em Extraviada, do mesmo modo que Poema.

“Mas conforme o tempo passava, meu dono sentia menos a minha falta. Aos poucos, ele percebeu que era melhor dizer a verdade e ter as pessoas gostando dele por quem realmente era. Foi quando fui Ajustado e enviado a Alguém-Se-Importa. Um dia, arrisco-me a dizer, ele terá vergonha de ter tido a mim e, quando esse dia chegar, eu serei jogado no Re...”

– O que foi isso? – disse o Porquinho de Natal, e Pretenso se calou. De alguns chalés dali, vieram gritos e pancadas.

– Epa – disse Pretenso. – Estão dando uma busca nesta rua.

O Túnel

– Precisamos chegar à Cidade dos Saudosos! – disse Jack. – Porque...

– *Não nos diga por quê, é mais seguro não ouvir* – disse Poema.

“Quanto menos soubermos, menos chances de trair.”

– O trem vai voltar logo? – perguntou o Porquinho de Natal.

– Vai levar horas – disse Pretenso. – Sua melhor chance é atravessar o Refugo dos Esquecidos a pé, mas isso é muito perigoso. O Perdedor tem seu covil no meio do Refugo, e ele caça Excedentes à noite. É claro – acrescentou ele, empertigando-se – que se eu fosse com vocês, podia dar um golpe mortal de caratê nele...

– *Agora não, Pretenso, o tempo deles se esgota* – disse Poema. Virando-se para Jack e o Porquinho de Natal de novo, falou:

“Vocês só têm uma esperança: uma amiga devota,
Alguns a chamam de doida, mas é leal e corajosa,
E muitas são as Coisas que ela salvou, bondosa.
Pois agora que estamos a salvo aqui, devo confessar,
Não são os únicos Excedentes que ajudamos a ocultar.
Às vezes, a Coisas que do Refugo demos abrigo
Precisavam de um descanso de correr do perigo!
Às vezes também ajudamos Coisas a fugir,
É loucura uma Coisa perseguida persistir
Nesta cidade, com nosso horrendo prefeito,
Que governa pelo medo e não se importa com o direito.
Assim encorajo-os a se fiarem em minha amiga,
Pois é uma Coisa que toda minha confiança abriga.”

– Quando você diz que sua amiga é “doida”... – começou Jack, preocupado.

– Meio louca... mas os dois precisam de uma boa guia.
Sem ela, vocês não têm chance. Muitos tentaram um dia.

– Então, por favor – disse o Porquinho de Natal, enquanto o barulho dos Reguladores de Perdas ficava cada vez mais próximo e mais alto –, apresente-nos a sua amiga!

Poema gesticulou para que Jack e o Porquinho de Natal a seguissem.

Pretenso se levantou também e foi atrás deles até o quarto de Poema.

– Eu *poderia* ir com vocês... e poderia conseguir a ajuda de minha namorada!

– Apenas tire aquele tapete e abra o alçapão – disse Poema a Pretenso com severidade.

“Feche-o quando passarem. Sabe sua função:
Pense no que você mais gosta quando a campainha tocar!

Finja nunca ter visto as Coisas que estão a procurar!"

Pretenso abriu o alçapão embaixo do tapete. Poema deixou-se cair no buraco – sendo tão leve, não tinha como se machucar – enquanto Jack e o Porquinho de Natal desceram a escada interna.

– Boa sorte! – disse Pretenso a eles. – E eu *tenho* uma namorada, e ela é muito mais bonita que a de Kyle Mason!

O alçapão se fechou com um baque e Jack, o Porquinho de Natal e Poema partiram por um túnel estreito que descia, íngreme, levando ao pé da montanha que eles subiram mais cedo na carroça de madeira.

– Quem fez este túnel, Poema? – perguntou o Porquinho de Natal.

– *Uma colher de prata maciça, ou assim as Coisas relatam* – respondeu.

"Aconteceu há muito tempo, tais fatos me antedatam,
Julgava muito inferior a ela esta cidadezinha,
E assim à noite cavou e cavou, sozinha.
Desprezou o aviso de amigos cautelosos,
Seu único objetivo: a Cidade dos Saudosos.
Ela nunca entendeu que não é seu preço
Que no reino dos Perdidos tem seu apreço,
Mas se você alguma vez tocou um coração humano,
E como neles doeu quando partiu por engano."

– E a colher conseguiu chegar à Cidade dos Saudosos? – perguntou Jack, esperançoso.

– Chegou ao Refugo dos Esquecidos,
Logo os planos tolos de Colher foram frustrados,
Veio o Perdedor a caçar pela planura,
A colher de prata teve sua desventura.

O trio continuou a descer o túnel íngreme em silêncio por um bom tempo, até que finalmente chegaram a uma

porta na pedra, ao lado da qual havia uma corda grossa pendurada.

– Agora toquem o gongo. A velha Bússola está bem ao lado,

Ela sempre atende às convocações de meu chamado.

O Porquinho de Natal puxou a corda e um sininho soou do outro lado da porta. Depois de alguns minutos, eles ouviram algo parecido com uma roda de metal girando pela pedra. O Porquinho de Natal abriu uma fresta da porta e Jack ouviu uma voz calorosa dizer, “Mais fugitivos, hein, Poema?”.

– Ajude-os a atravessar o Refugo, velha amiga valorosa.

Sem você, eles se arriscam a uma sina pavorosa.

– Claro que ajudarei, claro que sim! – disse a voz alegre. – Sabe o quanto gosto de aventuras! Querem ir à Cidade dos Saudofffos, imagino? A maioria das Coifffas quer ir para lá. Ora, a cidade mais linda, não é verdade?

– Sim, gostaríamos de ir para lá – confirmou o Porquinho de Natal.

– Bom, posso levar vocês aos portões – disse a voz –, mas não posso colocá-los lá dentro. Isso serve?

– Sim, está ótimo – declarou Jack.

Ele e o Porquinho de Natal saíram do túnel escuro e entraram no Refugo dos Esquecidos, ao pé da montanha. A neve caía mais densa que nunca.

Jack virou-se para Poema.

– Obrigado, Poema.

Ela se inclinou para sussurrar uma última palavra no ouvido de Jack.

– O Perdedor odeia a véspera de Natal e seu condão,

Jura que depois da meia-noite vocês nunca partirão.

– O quê? – disse Jack, assustado.

Mas Poema já havia fechado a porta.

PARTE CINCO
O Refugo dos
Esquecidos

A Bússola

A bússola, que ficava equilibrada em sua borda de bronze, possuía a metade da altura de Jack e do Porquinho de Natal. Tinha o vidro rachado e, em vez de apontar para o norte, como deveria fazer, seu ponteiro estava pendurado e meio torto.

Jack ficou tão preocupado com o que Poema sussurrou que, em vez de dizer “olá” a ela, virou-se para o Porquinho de Natal:

– Poema disse que depois que for meia-noite Lá em Cima nunca conseguiremos sair da Terra das Coisas Perdidas!

– É, também ouvi esse boato – disse Bússola, antes que o Porquinho de Natal pudesse responder. – O Perdedor pensa que se conseguir impedir vocês dois de serem encontrados antes da meia-noite vai ficar com vocês para todo o sempre. Não sei por quê, já que não é

assim que tudo costuma funcionar. Perdido é perdido e achado é achado, não importa quando isso acontece.

Mas Jack tinha uma sensação medonha de que sabia por que o Perdedor acreditava nisso e viu, pela expressão do Porquinho de Natal, que ele também sabia. Se a véspera de Natal era a noite do ano em que um menino de verdade podia entrar na Terra das Coisas Perdidas, não seria também a única noite em que um menino podia *voltar* à Terra dos Vivos? Mas como não podia falar nada disso sem revelar a Bússola que era humano, Jack ficou em silêncio.

– E então, como vocês se chamam? – perguntou Bússola, olhando de um para outro.

– Eu sou o Porquinho de Natal e este é o Menino-Pijama. Ele é um boneco articulado.

– Com poder sobre o sono e os sonhos – completou Jack.

– Hmm – Bússola fungou. – Bom, não vai ter muito de nenhuma das duas coifffas esta noite. Dormir é procurar encrenca. Então, vamos lá!

E, sem mais delongas, ela rolou com tal velocidade que Jack e o Porquinho de Natal tiveram de correr para acompanhá-la, escorregando e patinando nos pedregulhos nevados do Refugo. Os pés descalços de Jack logo estavam machucados de correr em pedras afiadas e geladas.

– Agora, precifffo avifffar, efffistem algumas Coifffas estranhas aqui no Refugo – disse Bússola para eles. – Algumas são quafffe tão ruins quanto o próprio Perdedor!

– Sério? – disse Jack, nervoso.

– Ah, sim. Veja bem, ninguém liga se essas Coifffas sumiram... Na verdade, algumas foram perdidas de propófffito e eu até entendo os donos delas! Sinceramente, tem Coifffa que não vale a pena guardar!

Ela parou subitamente e se virou para eles, de cenho franzido.

– Quem tá chacoalhando?

– Ah, sou eu – disse o Porquinho de Natal, que vinha segurando a barriga, como sempre, tentando impedir que seus feijões saltassem. – Tenho feijões na barriga.

– Bom, mantenha esses feijões quietos, tá bom?

– Vou tentar – disse o Porquinho de Natal, segurando a barriga com mais força ainda.

Eles correram de novo. A borda de metal da bússola fazia tanto barulho rolando no chão pedregoso que Jack pensou que tinha sido meio injusto da parte dela brigar com o Porquinho de Natal por causa dos feijões na barriga. Como se lesse os pensamentos dele, Bússola disse aos dois:

– Não é o ideal ser feita de bronfffe, porque o Perdedor tem uma audição muito afiada, mas, para falar a verdade, gosto muito da emoção que dá quando ele aparece! Mas não se preocupem – acrescentou ela, vendo o olhar de medo de Jack para o Porquinho de Natal –, ninguém jamais foi devorado enquanto estava comigo! Eu *adoro* tapear o Perdedor nas capturas. Ele me *odeia*, sabia?

– Como você foi perdida, Bússola? – perguntou, ofegante, o Porquinho de Natal.

– Caí de uma mochila – falou a bússola alegremente. – Na realidade, foi a segunda vez que ele me deixou cair. Na primeira, ele rachou meu vidro e tirou meu ponteiro do eixo e não funcionei bem depois disso, então quando ele me perdeu de novo numa selva, nem se deu ao trabalho de me procurar. Agora estou enferrujando ao pé de uma bananeira e duvido que um dia seja encontrada. Quem vai querer uma bússola quebrada?

– Mas você *sabe* o caminho para a Cidade dos Saudosos? – Jack ofegava. Já sentia uma dorzinha do lado do corpo, porque corria rápido demais.

– Ah, sim, não se preocupe com isso – disse Bússola alegremente –, mas talvez tenhamos de fafffer algum fffigue-fffague, para a vida ficar interessante. De todo modo, descobri novas maneiras de guiar as Coifffas desde que cheguei ao Refugo. Adivinha o que elas são?

– Não sei – disse o Porquinho de Natal, que corria com a velocidade que suas patas conseguiam carregá-lo.

– Eu invento histórias com morais e máximas. Quer ouvir uma das máximas?

– Sim, por favor – disse Jack arquejando, porque sabia que era o que Bússola queria que ele dissesse.

– "Está tudo muito bem com o nor-noroeste, mas só os sábios se enrolam" – disse altivamente a bússola.

Jack não entendeu nada daquilo, então ficou feliz quando o Porquinho de Natal disse:

– É bem verdade.

– É, não é? – disse Bússola, parecendo satisfeita. – E posso lhes contar uma história com moral, se quiffferem.

– Ah, sim, por favor – disse o Porquinho de Natal, sem fôlego.

– Era uma vez três bússolas – disse ela –, uma grande, uma média e uma pequenininha. A grande liderava a subida de uma montanha, e a média condufffia um barco pelo mar, mas a pequenininha caiu em uma área com vegetação. E a moral da história é: "Nunca faça amifffade com um rabanete."

Jack e o Porquinho de Natal soltaram ruídos para mostrar que ficaram interessados e impressionados, o que parece ter agradado Bússola, e eles continuaram correndo na pedra tomada de neve e nas pedras soltas, e a pontada no corpo de Jack doía mais do que nunca.

Eles lutaram para atravessar a escuridão gelada pelo que pareceram horas. De vez em quando, Jack ou o Porquinho de Natal tropeçava e um ajudava o outro a se levantar. O sono que tiveram dentro da lancheira parecia ter acontecido há muito tempo, mas Jack estava assustado demais para sentir cansaço. De vez em quando via formas se agigantando no escuro, e tinha medo de que fossem o Perdedor ou algumas das Coisas estranhas sobre as quais Bússola os alertou, mas quando se aproximavam, eram sempre moitas de cardo.

– Onde está seu cobertor? – disse o Porquinho de Natal, notando que Jack tremia de pijama.

– Deixei por engano no latão de lixo – Jack ofegou. – Eu estou bem.

Se eles conseguissem atravessar o Refugo em segurança sem serem devorados pelo Perdedor, Jack encontraria OP. A ideia de abraçar o corpo familiar e mole d’O Poto e respirar seu cheiro amistoso mantinha Jack correndo, apesar do frio e dos pés doloridos.

E então um gemido horrível veio ecoando pelo Refugo.

– Isso foi o Perdedor? – disse Jack ofegante e em pânico. – Ele está vindo? Não precisamos nos esconder?

– Não – respondeu Bússola, ainda rolando. – Isso é uma Dor.

– Uma o quê? – perguntou Jack.

– Uma Dor – repetiu Bússola. – Uma Dor humana. É claro que seus donos ficam contentes quando se livram das Dores, então elas acabam aqui no Refugo, fffanfffando aos bandos e uivando. Eu sinto muita pena delas, sinceramente. Não deve ser muito divertido ser uma...

A bússola parou subitamente. Duas formas escuras tinham aparecido à frente deles, bloqueando o caminho.

Sra. Anjo Partido

As silhuetas das formas davam a Jack a impressão de se tratar de mãe e filho, mas ele não confiava mais em seus sentidos, e por isso ficou mais perto do Porquinho de Natal.

– Quem vem lá? – gritou Bússola.

– Quem é você? – chamou uma voz assustada de mulher.

Do escuro, surgiu um anjo de Natal. Uma das asas estava muito torta, o vestido dourado e cor de ameixa estava rasgado e escondia o rosto atrás da mão esquerda. O coelhinho azul que eles tinham visto sendo forçado rampa abaixo em Extraviada andava à frente do anjo. Estava sujo, como sempre, o pelo grudado de terra.

– Por que está escondendo seu rosto? – perguntou Bússola ao anjo, desconfiada.

– Porque vocês vão fugir se eu mostrar – disse o anjo. – Todas as Coisas para as quais eu mostrei fugiram, menos Coelhinho Azul.

– Isto não é hora de se esconder – disse Bússola com severidade. – Como vou saber se você não está espionando para o Perdedor?

O anjo baixou a mão. Sua cabeça estava rachada, o rosto quebrado. Faltava um dos olhos. Havia um grande buraco de perfuração na face. Quando ouviu Jack arquejar, uma lágrima escorreu do olho restante. Cobriu o rosto de novo e começou a chorar.

– Sei que sou feia! – soluçava. – Um cachorro me pegou!

Mas Jack não tinha arquejado porque não gostou do rosto dela. Ele havia ofegado porque tinha acabado de reconhecê-la. Aquele vestido roxo e dourado, os cachos lascados, aquelas asas de plástico cintilantes – este era o anjo de Natal *deles*, aquele que a vovó escolhera e que o-cachorro-Toby tinha comido. O que Jack não conseguia entender era por que estava aqui embaixo, na Terra das Coisas Perdidas, se o-cachorro-Toby a havia destruído...

– Ser partida não é motivo suficiente para ser mandada ao Refugo – disse Bússola, ainda mais desconfiada. – Tem muitas Coifffas lascadas e rachadas que são tão preciofffas que seus donos não as perderiam de vista!

– Eu nunca fui preciosa para a família! – disse sra. Anjo Partido, tentando conter o choro. – Eles me compraram para substituir um anjo que amavam! Compra feita às pressas porque as lojas estavam lotadas... A família não gostou de mim nem quando me comprou, eu notei!

Jack se sentiu terrivelmente culpado. Pelo menos o anjo tinha colocado a mão sobre o único olho, assim não pôde reconhecê-lo.

– Eles me colocaram no alto da árvore, mas nenhum dos outros enfeites foram simpáticos comigo – soluçava. – Todos lamentavam a perda do anjo antigo, que era amigo e líder deles! E então... então...

– O cachorro puxou a árvore – disse Jack, sem pensar.

– Sim! – sra. Anjo Partido arfou com espanto. – Como sabe disso?

– Eu adivinhei – disse Jack rapidamente.

– A árvore caiu e eu também. Fiquei embolada nos galhos. O cachorro tentou me arrastar para fora, mas eu estava presa, então ele mastigou o máximo de mim que conseguiu alcançar. Quando a família encontrou a árvore derrubada e viu pedaços de meu vestido e de meu rosto no chão eles acharam que o cachorro tinha me comido, como o antigo anjo. Não me viram pendurada de cabeça para baixo no fundo. Levantaram a árvore de novo e eu fiquei lá, perdida entre os galhos, fora de vista.

“Ninguém sente a minha falta, ninguém se importa”, disse o anjo, recomeçando a chorar. “Quando jogarem a árvore fora, vão me jogar fora também!”

O Porquinho de Natal se aproximou e pôs uma pata no ombro do anjo, enquanto o coelhinho acariciava com tristeza sua mão restante.

– Também sou um Substituto – disse-lhe o Porquinho de Natal. – Ainda pode ficar tudo bem. Eles podem te achar e consertar!

– Precifffamos nos mexer – disse Bússola antes que o anjo choroso pudesse responder. – Venham conosco, se quiffferem – acrescentou ela ao anjo e ao coelhinho azul. – Quanto mais melhor, mas vocês têm de nos acompanhar.

A História do Coelhinho Azul

E então eles correram. Depois de um tempo, Jack notou que o coelhinho azul que pulava ao lado dele o olhava com admiração.

– Peço desculpas por ficar olhando – disse timidamente Coelhinho Azul –, mas você é tão novo e tão cheio de detalhes! Deve ter sido caro! Nunca vi nada tão refinado como você no Refugo.

O coelhinho azul era um brinquedinho muito malfeito, com olhos tortos e braços costurados de um jeito desconjuntado.

– O que você é, se não for grosseria minha perguntar? – indagou o brinquedo agora.

– Um boneco articulado – respondeu Jack. – O Menino-Pijama, com o poder sobre o sono e os sonhos. Tenho meu próprio desenho animado – acrescentou ele, porque

o Porquinho de Natal agora falava com sra. Anjo Partido, então não podia ouvir.

– Que maravilha! – Coelhinho Azul suspirou, os olhos escuros brilhando. – Mas por que você está no Refugo? É claro que seu dono está procurando por você em tudo que é canto.

– Ele é muito mimado – Jack repetiu o que o Porquinho de Natal dissera a Lentes. – Tem um monte de brinquedos. Nem notou que nos perdeu.

– Que coisa horrível – disse o coelhinho, triste. – Nunca pensei que um brinquedo como *você* seria tão maltratado. Os que são como *eu* não esperam grande coisa, mas você é diferente. Seu próprio desenho animado! Você é famoso!

– Seu dono não gostava de você? – perguntou Jack, porque não queria mais perguntas sobre o desenho. Não conseguia pensar em nenhuma aventura que envolvesse dormir.

– Não – suspirou Coelhinho Azul. – Ele me ganhou em um sorteio, num parque de diversões. Cada ingresso valia um prêmio. Meu dono queria a bola de futebol, mas em vez disso ficou comigo. Ele resmungou quando me entregaram a ele, depois me enfiou no bolso e me levou para casa. Nunca brincou comigo. Fiquei deitado numa prateleira até que um dia um dos amigos dele apareceu. O amigo me jogou pela janela aberta em um canteiro de flores, de brincadeira. – A voz do coelhinho falhou. – Ninguém procurou por mim. Ninguém se importou. Fiquei semanas jogado no canteiro. Choveu. Fiquei com tanto frio, tão molhado, mas não tinha escolha, só ficar deitado na lama e esperar.

– Não entendo – disse Jack.

– Fiquei preso entre dois mundos, entendeu? – disse Coelhinho Azul. – Acontece às vezes, se não está claro se

você foi jogado fora ou está perdido. Fiquei empacado, sem pertencer a lugar nenhum, congelado e sujo, esperando que meu dono se lembrasse de mim. Se ele acreditasse que tinha me jogado fora, eu deixaria de existir. Se pensasse que tinha me perdido, eu desceria à Terra das Coisas Perdidas. Na véspera de Natal – continuou Coelhinho Azul –, o menino estava embrulhando um brinquedo de pelúcia para levar à casa dos avós e de repente se lembrou de que tinha me perdido, mas não se importou, nem pensou em me procurar. Neste momento meu destino foi selado. Caí direto aqui e os Reguladores de Perdas me apanharam. Eles me empurraram para a rampa que dá no meio do Refugo. Eu estava sozinho e sentia muito medo, mas depois de um tempo conheci sra. Anjo Partido. Estivemos vagando pelo Refugo juntos desde então. Foi bom ter alguém que compreende como me sinto. Pode parecer uma bobeira para uma Coisa como você...

– Não parece, não – disse Jack. – Tenho um amigo que sempre entende tudo, mas eu o perdi e isso estragou tudo...

O Porquinho de Natal olhou de soslaio para Jack, com uma expressão estranha. Receando que o Porquinho de Natal estivesse prestes a lhe dizer para não falar em OP, ele mudou de assunto.

– Pode ser que você seja encontrado por outra pessoa – disse Jack a Coelhinho Azul. Através do turbilhão de neve, ele via trechos de escuridão onde não brilhava nenhuma estrela, que ele tinha certeza de que eram aberturas para a Terra dos Vivos.

– Não vou, não – Coelhinho Azul suspirou. – Meu corpo ainda está no jardim, coberto de lama, nem dá para ver. A família foi passar o Natal fora. Não tem ninguém para me encontrar agora. Eu pertenço ao Perdedor, mas sra.

Anjo Partido e eu combinamos de enfrentar o fim juntos, e isso serve de algum conforto.

Jack sentiu muita pena e desejou poder levar o coelhinho azul para casa, a seu próprio quarto, mas começava a aprender as leis da Terra das Coisas Perdidas e tinha certeza de que isso não seria permitido.

E então, antes que alguém pudesse dizer mais alguma palavra, explosões barulhentas vindas do escuro soaram ao redor deles.

– Perigo! – gritou Bússola, rolando de volta a eles. – Fiquem juntos e preparem-se! É a gangue dos Maufffábitos!

Os Maus Hábitos

Bússola, Jack, o Porquinho de Natal, sra. Anjo Partido e Coelhinho Azul ficaram bem juntos, costas com costas, enquanto um enxame de sombras escuras e pontos vermelhos flamejantes os cercava. Vozes resmungavam e emergiu subitamente o cheiro desagradável de fumaça no ar.

– O que eles são? – perguntou Jack, muito assustado. Parecia ser um bom número de Coisas: os pontos vermelhos flamejantes pareciam olhos, e ele ouvia resmungos e rosnados.

– Já te disse: Maufffábitos! – respondeu Bússola. – Cuidado, porque eles costumam jogar...

Splat! Ela foi atingida por algo viscoso e enorme.

– O que é isso? – Coelhinho Azul guinchou.

– É catarro! – disse Bússola furiosamente, raspando o muco enquanto rolava sem sair do lugar. – Sei que foi

você, Cutuca!

As Coisas que os cercavam uivaram de rir e vários outros catarros gigantes apareceram voando enquanto Jack e os demais voando tentavam se esquivar. *Splat, splat, splat*, faziam os catarros. Depois algo duro e afiado atingiu o rosto de Jack e ele gritou de dor.

– O que houve? – perguntou o Porquinho de Natal.

– Jogaram alguma coisa pontuda em mim – disse Jack, olhando o objeto amarelo e afiado no chão com o formato de um bumerangue. – O que é isso?

– Um pedaço da unha do Roído! – disse Bússola. – *Podem parar com isso!* – gritou ela à gangue que os cercava e caçoava deles – ou o Perdedor vai nos ouvir e todos seremos devorados!

– É você, Bússola? – disse uma voz estridente. – Quem está contrabandeando desta vez?

As Coisas em volta deles agora chegavam mais perto. De certa forma, Jack queria que elas continuassem escondidas. Eram ainda mais estranhas que Pretenso, e muito mais assustadoras.

Todas pareciam meio humanas. Algumas Coisas eram bocas: uma mascava de forma barulhenta um chiclete e outras fumavam cigarros fedorentos, responsáveis pelos pontos vermelhos brilhantes e o cheiro ruim. Havia narizes, orelhas, um único dedo com a unha roída até se tornar um coto ensanguentado, do qual escorriam manchas de secreção tão nojentas que Jack nem suportou olhar, e alguns punhos que se projetavam do chão de um jeito ameaçador, como se estivessem loucos para bater em alguém.

– Ainda aqui, Formiga? – disse Bússola à maior das bocas. – Você jurou que ia passar o Natal em cafffa! Seu dono não quer você de volta, então?

– Dê um tempo a ele, dê um tempo a ele – disse a boca, revelando tocos de dentes escurecidos. – Ele logo estará cercado por chocolates e doces. Ele vai fraquejar e voltar a se empanturrar.

– Espere aí um minuto – disse uma voz estranhamente conhecida bem atrás de Jack. – Eu não conheço vocês dois?

O coração de Jack deu um salto. Embora estivesse furioso com ela, embora ela tenha jogado OP da janela do carro, ele nunca ficou tão feliz em ouvir aquela voz na vida. Pertencia ao lar e à Terra dos Vivos, e neste momento Jack só conseguia se lembrar de que antigamente ela era boazinha, quando ele se sentia muito pequeno e perdido.

– Holly! – exclamou ele, virando-se.

Mas Holly não estava em lugar nenhum. Em vez disso, ele se viu de frente para um punho do tamanho dele.

– Que coisa estranha – disse o punho com a voz de Holly.

– O que é, Mandona? – perguntou uma orelha gigante, numa voz dissimulada. Ela deslizou para mais perto. – *Adoro* ouvir coisas estranhas.

– Estou aqui embaixo porque joguei um porco de brinquedo igualzinho a ele da janela de um carro – disse Mandona, na voz de Holly. – E você me parece meio familiar também...

– Ele é um boneco articulado! – disse o Porquinho de Natal, rapidamente. – O Menino-Pijama, com o poder sobre o sono e os sonhos!

– Ele tem o próprio desenho animado! – intrometeu-se Coelhinho Azul.

Os Maus Hábitos vaiaram.

– Aposto que é papo-furado – disse Formiga.

– Não admira que não liguem para terem perdido essa coisinha – caçoou Espreme-Espinha.

– Que bela conversa de sua parte! – disse o Porquinho de Natal. – Seus donos ficaram *felizes* por se livrarem de vocês!

– Minha dona voltará a qualquer momento – rosnou Mandona. – Eu sou amiga dela, sou sim. Ela precisa de mim.

– Por que ela precisa de você? – perguntou Jack.

– Porque sim, *seu burro* – disse Mandona. – Eu faço com que ela se sinta melhor. A mãe dela quer que ela vá para as Olimpíadas. O problema é que Holly não gosta mais de ginástica. Ela quer fazer música. Acha que o pai poderia entender, mas ele foi roubado pelo meio-irmão novo dela. Bom, eu faço esse meio-irmão pagar, entendeu? Ele tem tudo, ele tem... uma mãe legal, o pai de Holly, ninguém o obriga a ganhar medalhas e ninguém briga com ele se não ganha... Ele merece castigo... Foi *por isso* que eu joguei o porco de brinquedo idiota dele pela janela do carro...

Jack estava admirado. Nunca imaginou que Holly achasse que ele tinha sorte.

– Só que agora Holly se sente muito culpada... Ela se livrou de mim e jurou que nunca mais iria atormentar o menino, mas ela vai sim...

– Claro que vai, claro que vai – disse a orelha, em sua voz dissimulada desagradável. – A *minha* dona é igualzinha. Ela foi pega lendo o diário da irmã e jurou que nunca mais ia xeretar e ouvir a conversa dos outros... Mas de que outro jeito ela vai descobrir segredos? Os segredos são divertidos. O que mais gosto na vida são os segredos. Quem quer saber de um bom segredo que ouvi hoje, quando estava xeretando os arredores de Alguém-Se-Importa?

Todos os Maus Hábitos clamaram para ouvir o segredo.

– Eu estava sentada em um arbusto na beira do Refugo – disse a orelha. – É um bom lugar para se ouvir coisas, porque os Reguladores de Perdas patrulham por ali para garantir que nenhum Excedente tente sair furtivamente do Refugo e suba a montanha.

– Conte logo! – rosnou Mandona.

– Bom, eles estavam falando de duas Coisas que estão foragidas – disse Furtiva. – Coisas que não deveriam estar aqui na Terra das Coisas Perdidas. E sabe o que são essas Coisas?

– O quê? – perguntaram várias bocas.

– Um porquinho de pelúcia e um boneco articulado! – disse a orelha. – *Exatamente* como...

Mas neste momento um enorme BUM ecoou no Refugo. A terra estremeceu e todos os Maus Hábitos gritaram.

– Começou a caçada! – gritou Bússola, alegremente. – É o Perdedor! Vocês quatro, fiquem comigo! Agora, CORRAM!

O Perdedor

Bússola rolou muito rápido e os Maus Hábitos se dispersaram, aos gritos, para a escuridão, assim como sra. Anjo Partido e Coelhinho Azul, mas por alguns momentos Jack ficou tão apavorado que não conseguiu se mexer nadinha.

Dois gigantescos faróis de busca moviam-se pelo céu sobre o Refugo. Os dois fachos idênticos varreram o chão, iluminando as muitas Coisas apressadas que corriam a esmo para longe do Perdedor. Os faróis de busca eram os olhos dele e oscilavam pelo Refugo nevado quando o Perdedor virava a cabeça gigantesca de um lado para outro. Ele era tão alto que Jack podia ouvir o topo de sua cabeça raspando o céu de madeira enquanto os olhos ofuscantes percorriam a terra em busca de Coisas para comer.

Era difícil saber se o gigante era um homem ou um robô. Ele não andava sobre pés, mas em pontas de aço, feito uma aranha de duas pernas. O corpo, os braços e as pernas eram cobertos por milhões e milhões de Coisas quebradas, e assim ele brilhava todo com engrenagens, molas, cabos, antenas, botões, tampas e outras partes dos corpos que tinha feito em pedaços antes de comer.

O Perdedor soltou um grito terrível que abalou o chão e fez os rochedos tremerem. Era um uivo de fúria, mas também de angústia, como se tivesse perdido algo que amava e nunca, jamais, o teria de volta.

E então ele atacou.

A mão enorme com dedos feito vigas de aço varreram o Refugo, apanhando as Coisas em fuga. Jack ouviu os gritos das Coisas quando o Perdedor as levou ao ar e examinou com a luz de seus olhos impiedosos.

– Jack, ANDA! – gritou o Porquinho de Natal, segurando a mão de Jack e puxando quando o Perdedor voltou a atacar. Os dedos de aço gigantescos passaram voando mais uma vez, chegando tão perto de onde Jack estava parado que ele viu as pontas serrilhadas dos dedos, com vidro e aço incrustados.

Jack deixou o Porquinho de Natal puxá-lo dali, mas suas pernas pareciam dormentes com o terror, e ele tropeçava sem parar. Os fachos dos olhos do Perdedor disparavam e faiscavam em volta deles e Jack ficou enjoado e tonto, e perdeu todo o senso de orientação. A qualquer momento, ele tinha certeza, ia sentir a mão gigante de metal do Perdedor aproximando-se dele e o levantando no ar.

– Onde está Bússola? – ele gritou enquanto o Porquinho de Natal o puxava.

– Não sei – gritou o Porquinho de Natal. – Corra, vamos encontrar um lugar para nos esconder!

O Perdedor gritou de novo e o farol dos olhos passou por eles, roçando no cotovelo de Jack. O menino ouviu a voz de Holly em algum lugar no escuro.

– Não, por favor... Não, por favor... Argh!

– Jack, vamos! – gritou o Porquinho de Natal, porque Jack tinha parado de correr e tentava se livrar da pata do Porquinho.

– Holly! – disse Jack. – Ele pegou Holly!

– Não é Holly, você sabe que não é Holly! – disse o Porquinho de Natal, arrastando Jack mais para dentro com as patas. – Era o Mau Hábito de Holly, e você devia ficar feliz por ele ter sumido!

Mas Jack detestou ouvir a voz de Holly tão desesperada e assustada, e só se distraiu quando viu sra. Anjo Partido à frente, correndo para salvar a própria vida, mas tropeçando no vestido rasgado, incapaz de enxergar direito com o único olho restante.

– Segure minha mão livre! – Jack gritou para sra. Anjo Partido

– Ah, obrigada! – ela exclamou.

Mas enquanto ela estendia o braço incólume para ele, os fachos dos olhos do Perdedor a encontraram. Sra. Anjo Partido tropeçou e o Perdedor atacou. Seu punho imenso e cintilante a apanhou e ela foi erguida no ar.

– Não há nada que a gente possa fazer! – disse o Porquinho de Natal duramente porque Jack tentava puxá-lo de volta. – Corra, Jack, corra, ou seremos os próximos!

Cardos

– Deite-se no chão! – disse o Porquinho de Natal, puxando Jack para trás de uma grande moita de cardo, para que eles ficassem escondidos na sombra. Amontoados no chão coberto de neve, eles espiaram pelas folhas pontudas. Agora os braços do Perdedor estavam cheios de Coisas e ele se afastava dos dois, o chão estremecendo enquanto ele andava.

– Anjo, a pobrezinha! – Jack arquejava, falando pelos lábios entorpecidos. – Se eu tivesse sido mais rápido ao segurar a mão dela, talvez não tivesse sido apanhada! O que acontece com essas Coisas? O que ele faz com elas? Talvez a gente possa resgatá-las!

– Não podemos – disse o Porquinho de Natal em voz baixa. – Ele as está levando para seu Covil. É lá que ele as despedaça e suga a parte Vivificada. Depois, se gostar dos corpos, torna parte de sua armadura.

– Mas e se elas forem encontradas agora, Lá em Cima? – quis saber Jack.

– Isso as salvaria – afirmou o Porquinho de Natal –, mas ninguém está procurando por elas, Jack. Ninguém se importa por ter perdido essas Coisas... As pessoas até ficam felizes por se livrarem delas. Que humano ia querer um anjo de Natal que está tão quebrado? Quem ia querer um hábito desagradável de tirar meleca do nariz?

– Mas depois que o Perdedor suga a parte Vivificada e quebra o corpo delas e usa os pedaços como parte do corpo dele, o que acontece com a Coisa Lá em Cima? – perguntou Jack. – O anjo ainda está embolado na árvore, não está?

– Não por muito tempo – disse o Porquinho de Natal. – Depois que o Perdedor sugar a parte Vivificada, ela vai desaparecer Lá em Cima. Não tem volta para uma Coisa que foi devorada pelo Perdedor. Você desaparece para sempre. É o que os humanos chamam de morte.

Jack sentia tanto frio, cansaço e medo, queria tão desesperadamente OP e se sentia tão culpado pela sra. Anjo Partido, que não conseguiu mais conter o choro. Ele desmoronou. Tentou não fazer barulho nenhum, mas não enganou o Porquinho de Natal, que pôs as patas em volta de Jack e o puxou para perto.

– Vamos congelar se não nos abraçarmos – disse o porco bruscamente. – Vamos ficar aqui... talvez algumas horas de sono... e depois, quando tiver luz, vamos procurar um caminho para a Cidade dos Saudosos.

– Mas como vamos achar o caminho sem Bússola? – perguntou Jack.

– Ainda não sei – confessou o Porquinho de Natal. – Mas pensaremos em alguma coisa.

Então Jack se enroscou ao lado do Porquinho de Natal, que o aconchegou, e aos poucos o menino começou a se

esquentar. Ainda tinha medo e se sentia péssimo, mas pelo menos estava mais aquecido.

– Obrigado, Porquinho de Natal – disse ele depois de um tempo.

– Não há de quê – disse o Porquinho de Natal, parecendo surpreso.

Depois de um curto silêncio, Jack falou:

– É um nome idiota.

– Qual? – perguntou o Porquinho de Natal.

– "O Porquinho de Natal" – disse Jack. – É comprido demais. Eu não teria chamado você assim, se ficasse com você. Não é um nome para usar todo dia.

– Como você me chamaria, então? – quis saber o Porquinho de Natal.

Jack pensou por um tempo.

– Talvez "PN" – disse ele. – Que significa "Porquinho de Natal".

– "PN" – repetiu o Porquinho de Natal. – Gosto disso.

– Posso pedir a Holly para chamar você assim, se você quiser – disse Jack, bocejando.

– Como assim? – perguntou o Porquinho de Natal.

– Quando eu der você a ela – disse Jack.

– Não estou entendendo.

– Você me fez prometer que te daria a Holly quando a gente voltar da Terra das Coisas Perdidas. Lembra?

– Ah – disse o Porquinho de Natal. – Sim, eu me lembro.

Eles ficaram um tempo deitados sem falar nada, mas Jack sabia que o Porquinho de Natal não estava dormindo.

– A gente ainda vai se ver – falou Jack, agora sonolento – quando chegar em casa. Talvez até brincar juntos. Você vai gostar de OP.

– Tenho certeza de que vou – disse o Porquinho de Natal. – Afinal, somos irmãos.

– Sim – disse Jack. – Não pensei assim no começo, mas vocês são mesmo muito parecidos. Você... – Ele bocejou. – Você acha que vamos achar OP logo?

– Tenho certeza de que vamos. Você vai ter saudade dele para sempre, então ele deve estar na Cidade dos Saudosos. É o único lugar que falta olhar.

– É – disse Jack. Ele estava à beira do sono e quase podia imaginar que estava aninhado com OP a seu lado. O Porquinho de Natal não tinha mais cheiro de novo: ficara sujo de se esconder na lancheira fedorenta e da longa caminhada deles pelo túnel de terra até o Refugo.

– Estou louco para ver OP. Ele não vai ficar surpreso quando perceber que eu viajei tudo isso para resgatá-lo? – perguntou Jack.

– Ele vai ficar espantado – respondeu o Porquinho de Natal. – Nenhum menino jamais fez isso por um brinquedo na história do mundo.

Jack estava na beiradinha do sono quando ouviu o chacoalhar dos feijões na barriga do Porquinho de Natal de novo.

– É o Perdedor que está vindo? – cochichou ele.

– Não – disse o Porquinho de Natal. – Não se preocupe. Durma.

Jack pensou ter ouvido uma fungadela.

– Está tudo bem com você, PN?

– Claro que está tudo bem comigo – disse o Porquinho de Natal.

Isso foi um alívio porque, por um momento, Jack pensou que o Porquinho de Natal chorava.

Trilhos de Trem

O sol nascia no teto de madeira alto que era o céu na Terra das Coisas Perdidas. Embora fosse só pintado, brilhava com intensidade suficiente para acordar Jack, que estava enroscado atrás dos cardos no Refugo.

Tinha parado de nevar, mas ainda fazia muito frio. O Refugo dos Esquecidos se estendia até onde a vista alcançava de todos os lados, coberto de neve, a ocasional moita de cardos balançando-se no vento gelado. Não havia sinal de Coisa alguma – nem do Porquinho de Natal.

Em pânico, Jack se esforçou para se levantar.

– PN? – ele chamou. – PN, onde você está?

– Está tudo bem, estou aqui! – O Porquinho de Natal correu de volta e ficou à mostra. – Encontrei uma coisa... Vem aqui ver!

Ele levou Jack a uma curta distância e apontou.

– Olha. Trilhos de ferrovia.

– Devem levar à Cidade dos Saudosos!

– Exatamente – disse o Porquinho de Natal. – O problema é que, sem Bússola, não sei para que lado ir.

Eles olharam o trilho de um lado e de outro, mas não havia nada que indicasse para que lado ficava Alguém-Se-Importa e para que lado ficava a Cidade dos Saudosos.

Um barulho atrás deles lhes deu um susto. Eles se viraram e viram Coelhinho Azul, sujo como sempre, embora as lágrimas tivessem criado riscos limpos no pelo enlameado.

– São vocês! – ele arquejou. – Ah, estou tão feliz de o Perdedor não ter apanhado vocês! – Ele abraçou primeiro Jack e depois o Porquinho de Natal, deixando os dois bem sujos de lama.

– Também estamos felizes por ver você – disse Jack.

– Onde está Bússola? – perguntou Coelhinho Azul.

– Não sabemos – disse o Porquinho de Natal. – Ela rolou para o escuro e não fomos velozes o bastante para acompanhar.

– Ah, meu deus – gemeu o coelhinho. – Tomara que não tenha sido apanhada. E estou muito preocupado com sra. Anjo Partido. Ela me disse para correr o mais rápido que eu pudesse, mas quando olhei para trás, não a vi mais. Procurei por ela a noite toda. Ela era minha melhor amiga. Vocês a viram?

– Não – disse o Porquinho de Natal, com um olhar de alerta a Jack. – Coelhinho Azul, será que você sabe para onde esses trilhos vão?

– Infelizmente, não – disse Coelhinho Azul, olhando os trilhos do trem. – Mas vou contar a vocês uma coisa estranha. Quando o trem está viajando para lá – ele apontou para o lado do horizonte que ainda estava

escuro –, as Coisas a bordo parecem tristes. Mas quando o trem está viajando para aquele lado – ele apontou para o lado do horizonte que brilhava em vermelho e dourado, onde nascia o sol pintado –, as Coisas a bordo parecem felizes.

Jack olhou para o Porquinho de Natal e entendeu que ele pensava exatamente o mesmo: isso certamente significava que as Coisas que viajavam para o leste, o lugar onde nascia o sol pintado, iam para a Cidade dos Saudosos e não para Alguém-Se-Importa.

– Acho que devemos andar para lá – disse o Porquinho de Natal, partindo pelos trilhos para o horizonte sempre iluminado.

– Posso ir também? – perguntou Coelhinho Azul.

– É claro que pode – disse Jack com gentileza, e assim o coelhinho foi pulando atrás deles.

Os Portões da Cidade

Durante horas eles andaram na direção do horizonte pelos trilhos do trem e não viram nada, a não ser mais chão coberto de neve e os trilhos se estendendo ao longe. Jack observava o céu pintado. O Porquinho de Natal tinha dito que um dia ali correspondia a uma hora na Terra dos Vivos, e Jack não conseguia deixar de pensar no aviso de Poema, de que eles tinham de sair da Terra das Coisas Perdidas antes que a véspera de Natal chegasse ao fim. A ideia de ficar preso ali embaixo para sempre, esperando que o Perdedor os apanhasse, era pavorosa. Mas Jack tinha certeza de que, se OP fosse encontrado, o brinquedo faria tudo ficar bem, como sempre fez, e assim continuou andando o mais rápido que pôde pelos trilhos, seguindo o Porquinho de Natal.

O sol pintado no alto deslizava lentamente pelo céu de madeira e descia em mais nuvens escuras. Começava a

nevar de novo.

Por fim, o Porquinho de Natal parou, com as patas protegendo os olhinhos pretos.

– Jack, está vendo alguma coisa? – cochichou ele. – Alguma coisa... cintilante?

Jack olhou o horizonte. E claro, bem longe dali, ele via algo brilhando.

– É o mar? – perguntou ele.

Eles andaram um pouco mais e logo os contornos nebulosos de uma linda cidade murada começaram a tomar forma. Eles viram torreões e pináculos, e o telhado dourado do que parecia um palácio.

Enfim chegaram perto o bastante para distinguir dois portões dourados na muralha da cidade. Tinham as mesmas trepadeiras e flores gravadas da porta dourada em Extraviada. Agora os trilhos se uniam a uma segunda ferrovia, que chegava de um lado diferente. Jack deduziu que a segunda ferrovia vinha diretamente de Extraviada, trazendo as Coisas que tinham passado pela porta dourada.

O Porquinho de Natal levantou uma pata, em alerta.

– Reguladores de Perdas! – sussurrou ele.

E lá estavam: uma adaga, uma lixa de unha e um quebra-nozes de aparência agressiva marchavam de um lado a outro na frente dos portões. Estes Reguladores de Perdas usavam os chapéus pretos mais elegantes que Jack já tinha visto: capacetes altos com plumas pretas longas saindo deles, enquanto o “P” nos capacetes era feito de ouro.

Jack, o Porquinho de Natal e Coelhinho Azul se agacharam para ficar fora de vista atrás de outra moita de cardo, a neve se acomodando em suas cabeças e nos ombros enquanto eles olhavam os portões e pensavam num plano.

– Quem sabe – cochichou Jack – a gente espera até o trem aparecer e pula na traseira dele?

– Vai passar rápido demais – disse o Porquinho de Natal. – Você se machucaria.

– Espere aí... Vocês vão tentar *entrar*? – perguntou Coelhinho Azul, espantado. Jack fez que sim com a cabeça.

– Eles nunca vão deixar vocês entrarem! – disse Coelhinho Azul. – Somos Excedentes! Não pertencemos a um lugar tão chique como aquele! É para lá que vão as Coisas verdadeiramente saudosas!

– Não tem nada de muito especial naqueles portões – disse o Porquinho de Natal, ignorando o coelhinho azul. – Me parecem bem comuns. O problema são os Reguladores de Perdas. Eles vão nos agarrar e nos entregar ao Perdedor no momento em que nos mostrarmos. Quem dera tivéssemos uma distração.

– Vocês só querem morar em casas bonitas? – perguntou Coelhinho Azul. – Ou existe outro motivo para quererem entrar?

– Existe – disse Jack, antes que o Porquinho de Natal pudesse impedi-lo. – Alguém de quem preciso está lá dentro. Ele se chama OP e é meu brinquedo de pelúcia preferido.

Por um bom tempo, Jack e Coelhinho Azul se olharam nos olhos e então o coelhinho soltou um longo suspiro de admiração.

– Você é um menino – sussurrou ele. – Você é real.

– Ele não é – disse o Porquinho de Natal, cheio de pânico. – Ele é um boneco articulado que se chama...

– Está tudo bem, Porquinho – disse Coelhinho Azul. – Não vou contar a ninguém, prometo. Você viajou mesmo tudo isso até a Terra das Coisas Perdidas para encontrar

seu brinquedo preferido? – perguntou ele a Jack, que fez que sim.

– Então eu serei sua distração – disse Coelhinho Azul. – Seria uma honra.

E antes que Jack ou o Porquinho de Natal pudessem impedi-lo, o coelhinho azul saiu do esconderijo e saltitou bem na frente dos Reguladores de Perdas, que pararam de marchar de um lado a outro e o olharam.

– Oiê! – disse Coelhinho Azul. – Por favor, posso entrar e morar na sua cidade?

– Deixe de ser burro – escarneceu a adaga, ameaçando apunhalar o coelho. Coelhinho Azul correu por uma curta distância e tentou de novo.

– Me deixem entrar, por favor! Eu sei fazer truques!

Ele tentou dar uma cambalhota, mas caiu de cabeça, o que amassou as orelhas. Os Reguladores de Perdas caçoaram, mas nem se deram ao trabalho de afugentá-lo dali.

Neste exato momento, ouviram-se três estouros do alto. Todo mundo olhou para cima – Jack, o Porquinho de Natal, Coelhinho Azul e os Reguladores de Perdas. Parecia que uma bola gigantesca quicava pelo céu pintado. Esta era a primeira vez que Jack ouvia um barulho da Terra dos Vivos. Eram pouquíssimos buracos de descoberta sobre o Refugo dos Esquecidos, mas por acaso tinha um deles bem acima de sua cabeça.

E então, de longe, muito longe, veio a voz de uma garotinha. Tinha um sotaque que Jack não reconheceu.

“Minha bola caiu do outro lado da cerca! Está no jardim do vizinho!”

“Se espreme por ela e pegue, então, Jeanie”, disse uma voz de mulher.

Jack, o Porquinho de Natal, os Reguladores de Perdas e Coelhinho Azul continuaram a olhar o buraco grande no

céu de madeira, por onde agora ecoavam passos. Depois ouviram a voz da garotinha de novo, mais alta e mais nítida do que antes.

“Caiu em um canteiro! Ainda bem que eles não estão em casa.”

E então um facho de luz dourada apareceu e bateu no coelhinho, que ficou paralisado, de boca aberta, com uma esperança louca brilhando nos olhos escuros.

“Mãe!”, disse a voz da menina. “Achei um coelho! Um coelhinho azul no canteiro!”

O coelhinho azul sujo se ergueu a alguns centímetros do chão, puxado para cima pela luz dourada. Olhou em volta, espantado, claramente incapaz de acreditar no que estava acontecendo.

“Deixe onde você achou, Jeanie!”, disse a mãe acima deles. “É de um dos meninos!”

“Deve estar aqui há séculos e séculos!”, disse a voz da garotinha. “Está todo coberto de lama!”

Coelhinho Azul se elevou um pouco mais no facho de luz dourada. Agora estava em pleno ar. Os três Reguladores de Perdas que deviam guardar o portão ficaram tão assombrados ao ver o que acontecia que avançaram para ter uma visão melhor do buraco acima deles, tentando obter um vislumbre da menina que era esquisita a ponto de gostar de um coelho azul cheio de lama.

“Mãe, eles deixaram aqui fora há semanas, eles não ligam para ele! Por favor, eu posso...”

“Jeanie, não, não se pertence a um dos meninos”, disse a voz da mãe.

Agora o quebra-nozes, a lixa de unha e a adaga estavam bem abaixo do coelhinho suspenso, claramente estarrecidos ao ver que uma Coisa tão suja e malfeita pudesse ter uma chance de ser encontrada.

– Jack, agora – cochichou o Porquinho de Natal. – Corra.

– Mas...

– É nossa única chance! – disse o porco. – Podemos passar pelos portões enquanto eles olham o coelhinho!

E então Jack se levantou devagar, depois correu para os portões reluzentes e o Porquinho de Natal foi atrás dele, segurando a barriga.

O coelhinho ainda pendia no ar, suspenso na luz dourada, entre a Terra dos Vivos e a Terra das Coisas Perdidas, e os Reguladores de Perdas estavam boquiabertos embaixo dele, olhando para cima.

“Por favor, mãe”, disse a voz da garotinha. “*Por favor*, me deixa ficar com ele. Vamos dar um banho nele e mostrar aos meninos e se eles o quiserem de volta, eu devolvo.”

– Eles não me querem de volta! – exclamou Coelhinho Azul, desesperado. – Ah, me leve, me leve, por favor, me deixe ser seu!

Mas é claro que nem a menina nem sua mãe podiam ouvir o coelho.

“Olha a carinha meiga dele, mãe!”, disse a menina.

Jack ouviu um tilintar mínimo atrás dele. O Porquinho de Natal abria os portões dourados. Jack passou por eles, ainda olhando o coelhinho por cima do ombro.

“Ah, *tudo bem*”, veio a voz da mãe, meio irônica, meio exasperada. “Só espero que ele não entupa a máquina de lavar!”

E com um *zás* súbito, Coelhinho Azul foi levado pelo buraco e saiu da Terra das Coisas Perdidas, mas não antes de acenar uma única pata enlameada a Jack, com uma alegria perplexa na cara.

PARTE SEIS
A Cidade dos Saudosos

A Cidade dos Saudosos

Não havia ruas do outro lado dos portões: apenas um canal ladeado por lindas casas altas com sacadas de ferro batido. Flutuando na água, várias gôndolas vazias, amarradas a um poste listrado que se projetava da água verde. A neve raiava as embarcações e pontilhava a água com flocos. Na gôndola mais próxima havia um cobertor de veludo azul-escuro dobrado no assento.

– Você primeiro! – o Porquinho de Natal cochichou a Jack. – Entre no barco e esconda-se embaixo daquele cobertor!

Jack obedeceu, deitando-se no fundo do barco e se cobrindo com o veludo grosso, que claramente tinha sido providenciado para manter os passageiros aquecidos. Jack sentiu a gôndola balançar quando o Porquinho de Natal também subiu a bordo e se contorceu sob o cobertor ao lado dele. Eles ficaram deitados e enroscados

juntos, torcendo para que ninguém notasse os calombos no veludo.

– Puxa vida – Jack ouviu um dos Reguladores de Perdas dizer.

– Pra você ver como são as coisas – disse outra voz.

– Um coelhinho sujo daqueles sendo encontrado! – disse a terceira.

– Quando foi a última vez que você viu algum Excedente ser salvo?

– Faz anos e anos.

– Bom, eu já disse isso e vou repetir – veio a primeira voz. – As crianças são estranhas. Imagine que aquela menina gostou de um monturo lamacento que esteve jogado em um canteiro de flores por séculos!

Um assovio distante penetrou a calmaria.

– Lá vem ele, bem na hora – continuou a voz. – O trem de Extraviada.

Jack ficou imóvel, enroscado ao lado do Porquinho de Natal, ouvindo o barulho do trem cada vez mais próximo. Logo ficou ensurdecedor. Depois, com um silvo alto e um guincho dos freios, o trem parou. Eles ouviram as portas do veículo se abrirem, depois os portões da cidade, em seguida várias vozes soltando “ohs” e “ahs” à vista das lindas gôndolas que esperavam para levá-las ao centro da cidade.

– Bem-vindos, bem-vindos! – exclamaram os Reguladores de Perdas. – Por aqui, senhor... Cuidado com o degrau aqui, Vossa Eminência... Talvez deva ter uma gôndola só para si, Alteza...

Jack nunca tinha ouvido Reguladores de Perdas tratarem Coisas perdidas com tanto respeito. Depois ele sentiu a gôndola balançar quando alguma Coisa entrou e se ajeitou no assento. Subitamente, um forte calor tomou

o veludo, como se a Coisa na gôndola estivesse em chamas. Jack não conseguia imaginar o que seria.

– Gostaria disto, Alteza? – veio a voz do quebra-nozes bem acima da cabeça de Jack. O menino e o porquinho se agarraram, apavorados, esperando que a coberta de veludo fosse arrancada deles.

– Não, obrigada, nunca sinto frio – disse uma voz de mulher.

Ouviram-se mais alguns rangidos de gôndolas e mais alguns “cuidado aqui, Excelências”, e em seguida surgiu a voz do Regulador de Perdas, vinda de onde Jack deduziu ser a gôndola da frente.

– Alteza, Eminência, Excelência, milordes, miladies e cavalheiros, bem-vindos à Cidade dos Saudosos! Peço que permaneçam sentados durante a nossa curta jornada, e em seguida mostraremos seus novos lares!

– Precisamos pensar em um jeito de sair deste barco assim que entrarmos na cidade – cochichou o Porquinho de Natal, com o focinho fungando na face de Jack quando a gôndola entrou em movimento.

– Será que dá para mergulhar enquanto ninguém estiver olhando? – cochichou Jack.

– E esta Coisa que está sentada na gôndola conosco? Pode nos ver e dar o alarme.

– É muito quente, seja lá o que for – cochichou Jack.

– Eu sei – disse o Porquinho de Natal. – Parece um carvão em brasa. Estou surpreso por não ter ateado fogo no...

De súbito, alguém roubou o veludo deles. Por um momento de pavor, Jack não conseguiu enxergar absolutamente nada, porque a gôndola estava tomada de uma luz dourada deslumbrante. Era como se o sol estivesse sentado ao lado deles.

– Não sou um carvão em brasa – disse a voz de mulher de antes, uma voz que saiu bem do centro da luz ardente. Era tão forte que Jack teve de fechar os olhos por um momento, mas ele conseguia enxergar a Coisa, mesmo através das pálpebras. – Sou Felicidade.

– Felicidade? – repetiu Jack.

– Sim – disse ela –, agora levantem-se e desfrutem da vista. É uma linda cidade!

– Não podemos nos sentar – cochichou Jack, com os olhos lacrimejando de novo ao tentar olhar para Felicidade. – Nós... não deveríamos estar aqui.

– Foi o que deduzi – disse ela –, mas ninguém conseguirá ver vocês enquanto estiverem perto de mim, porque eu brilho demais. Sentem-se e podemos desfrutar do passeio juntos!

Jack e o Porquinho de Natal se projetaram até o assento de frente para Felicidade. O calor que ela emanava era maravilhosamente reconfortante depois das horas que eles passaram no Refugo nevado e, se não a olhassem diretamente, eles conseguiam ver os arredores que iluminava.

A Cidade dos Saudosos era diferente de tudo que eles tinham visto até agora na Terra das Coisas Perdidas. As escadas das mansões de cada lado do canal desciam à água marulhada. Anoitecia e correntes de luzes de Natal estavam penduradas no alto. De algum lugar ao longe, vinha o som de um coro cantando músicas natalinas. Havia muito mais buracos de descoberta sobre a Cidade dos Saudosos do que no Refugo dos Esquecidos, e Jack ficou feliz por vê-los. Depois que encontrassem OP, talvez conseguissem voltar para a Terra dos Vivos com muita facilidade.

As gôndolas passaram embaixo de uma ponte de pedra, por onde um gordo relógio de bolso prateado

rolava, seu reflexo cintilando como uma lua caída. Um colar de esmeraldas reluzente acenava o fecho aos recém-chegados de uma janela no alto, enquanto uma moeda de ouro brilhava em uma soleira. Jack esticou o pescoço e olhou a toda volta, mas não conseguiu ver nenhum brinquedo velho em lugar algum nem qualquer sinal de OP. Havia, porém, outras Coisas, quase tão estranhas e magníficas quanto Felicidade.

– O que elas são? – perguntou Jack ao Porquinho de Natal ao passarem por uma gôndola na direção contrária. Continha um longo rolo de papel, cheio de números impressos, e um trono dourado. Essas duas Coisas estranhas conversavam em voz baixa.

– O papel é uma Fortuna perdida – disse Felicidade, virando-se para olhar. – Algum humano Lá em Cima perdeu todo o seu dinheiro. Fortuna está conversando com um Reino perdido. Muito tempo atrás, um monarca na Terra dos Vivos perdeu seu trono.

Os olhos de Jack se adaptavam ao brilho extremo de Felicidade e ele descobriu que, se a olhasse de lado, podia perceber a forma de uma mulher sorridente no meio da luz deslumbrante.

– Como você se perdeu? – perguntou ele timidamente.

– Por descuido. – Felicidade suspirou. – Minha dona era atriz. Encantadora e talentosa, mas ela não era tão gentil como deveria com as pessoas de quem gostava, nem trabalhava tanto como poderia, embora adorasse seu trabalho. Seus dons lhe trouxeram amigos e sucesso no passado, mas, por preguiça e egoísmo, eles lhe escaparam e agora, infelizmente, ela me perdeu também.

– E como ela vai conseguir a senhora de volta? – perguntou o Porquinho de Natal.

– Será difícil – disse Felicidade – porque ela está procurando por mim nos lugares errados e, como não está acostumada a admitir seus defeitos, receio que talvez eu fique muito tempo na Cidade dos Saudosos... Talvez para sempre. Vão me contar o que *vocês* estão fazendo aqui? – prosseguiu Felicidade. – Ou é um segredo?

– É um segredo – disse o Porquinho de Natal, antes que Jack pudesse responder.

– Foi o que pensei. Neste caso – disse Felicidade, baixando o tom –, talvez vocês queiram sair daqui. Parece que estamos mais devagar, mas vou emitir um brilho a mais, assim eles não conseguirão ver vocês.

Jack e o Porquinho de Natal olharam em volta. Felicidade tinha razão: as gôndolas sem dúvida diminuíam seu ritmo.

– Vamos – cochichou Jack ao Porquinho de Natal, preparando-se à ideia de entrar na água gelada –, vamos pular pela lateral.

– Boa sorte! – disse Felicidade.

Jack e o Porquinho de Natal pularam cuidadosamente pelo lado da gôndola, deslizando para a água congelante e soltando o barco, que vagou para longe, e Felicidade brilhou mais do que nunca, assim ninguém os viu partindo.

Ofegante na água gelada, Jack conseguiu nadar até uma escada que levava à margem do canal. Porém, quando olhou para trás, tudo o que pôde ver do Porquinho de Natal foi seu focinho, que subia e descia na superfície. O Porquinho de Natal se afogava.

Seguidos

Jack nadou de volta bem a tempo de impedir que o porquinho afundasse para sempre. Usando apenas um dos braços e batendo as pernas com força, Jack conseguiu arrastar o porco encharcado pela água e subir a escada de pedra.

– Obrigado, Jack – disse, ofegante, o Porquinho de Natal, cujo corpo atoalhado agora estava esverdeado da água. – Você nada muito bem! Não gostei nem um pouco dessa experiência – admitiu ele, espremendo-se e, assim, criando uma pequena poça sob suas patas.

– Por que não me disse que não sabia nadar? – perguntou Jack, que tremia violentamente agora que saíra da água e estava de pé na nevasca.

– Eu não sabia que não sabia nadar até começar a afundar – disse o Porquinho de Natal –, e depois a água estava na minha boca, então não pude contar a você. –

Depois de torcer as orelhas, o que as deixou meio tortas, o Porquinho de Natal falou: – Vem. Vamos encontrar OP.

Uma coisa boa do mergulho no canal foi que os feijões da barriga do Porquinho de Natal não faziam o barulho de sempre, pois estavam grudados. Ele e Jack partiram juntos pelas ruas estreitas da Cidade dos Saudosos.

Com calçamento de pedras e ladeadas por lindas mansões, as vielas eram tão bonitas quanto os canais. Guirlandas natalinas cintilantes estavam penduradas nas portas e árvores de Natal iluminadas por velas brilhavam nas janelas. Jack e o Porquinho de Natal passaram por algumas Coisas ao atravessarem as praças agora cobertas de neve no escuro crescente, mas nenhuma delas demonstrou muita curiosidade por eles. Um magnífico broche de diamante em formato de unicórnio curvou-se educadamente quando entrou em sua mansão, e um lindo livro com gravações douradas sacudiu as páginas em um aceno informal enquanto passava, mas, como em Alguém-Se-Importa, Jack ficou perturbado com a ausência de brinquedos.

– Acha que eles colocam os bichos de pelúcia em uma parte diferente da cidade? – perguntou Jack ao Porquinho de Natal.

– Talvez sim – disse o Porquinho. – Esta parece ser uma cidade maior do que as outras. Mas acho que estamos chegando mais perto do lugar onde cantam músicas natalinas...

– Sim – disse Jack, que ainda tremia por causa do mergulho gelado no canal. – Acha que é uma festa?

– Talvez – disse o Porquinho de Natal. Ele olhou para trás, como se fosse dizer alguma coisa, mas pareceu ter mudado de ideia. – Vem, vamos ver se conseguimos descobrir onde estão os brinquedos.

Eles continuaram andando, mas quanto mais avançavam, mais forte era a sensação de Jack de que não estavam sós. Por duas vezes, ele olhou para trás e não viu nada, mas na terceira pensou ter visto de relance alguma coisa preta, afastando-se por uma esquina e saindo de vista.

– PN, viu isso? – cochichou Jack.

– Sim – disse o Porquinho de Natal, que olhou para trás ao mesmo tempo que Jack. – Eu *pensei* que tinha algo nos seguindo. Acho que vamos ficar mais seguros se nos misturarmos com a multidão... Vamos até os cantores. Vamos, rápido.

Os Artistas

Eles correram ao local de onde vinha a canção natalina e, depois de alguns minutos, encontraram-se em uma arcada que parecia dar em uma praça grande e bonita, coberta de fileiras de luzes de Natal prateadas e cintilantes como os canais. Um coro de instrumentos cantava em um lado da praça. Todos eles – de trompas e violinos a flautas e tubas – agora tinham vozes humanas, e Jack nunca tinha ouvido músicas natalinas tão bem cantadas. Por alguns segundos, ele se esqueceu do frio que sentia por causa do pijama molhado e simplesmente admirou a visão e os sons maravilhosos.

A praça ficava na frente de um palácio branco imenso, que tinha telhado dourado e janelas em arco. Nos lados das portas do palácio estavam dois Reguladores de Perdas, um apontador e uma marreta que, assim como os Reguladores de Perdas que guardavam os portões da

cidade, usavam chapéus pretos com plumas pretas e longas.

Uma sacada se estendia por toda a extensão do palácio, e Jack viu Coisas em formato de pessoas de pé ali, ouvindo o coro de instrumentos. Como Felicidade, cada uma dessas Coisas emitia luz. Uma era escarlate, outra verde e várias brilhavam azuis. Jack estava longe demais para conseguir enxergar como eram as figuras no meio das luzes coloridas, mas sabia que deviam ser extremamente importantes para morar no palácio de telhado dourado.

Enquanto isso, bem à frente de Jack e do Porquinho de Natal, havia uma multidão de outras Coisas espremendo-se na neve que caía, suas sombras longas na luz do dia moribundo. Pareciam assistir a uma espécie de apresentação que acontecia em meio a elas.

– Vamos nos esconder naquela multidão – cochichou o Porquinho de Natal, olhando de novo por cima do ombro. – Mantenha os olhos abertos para o caso de OP aparecer!

E assim eles partiram para a praça, Jack com os pés descalços gelados deixando pegadas e as patas do Porquinho de Natal deixando pontos molhados na neve; nenhum deles percebeu a figura de manto preto que deslizou de trás de uma coluna de mármore para segui-los.

Nenhuma das Coisas na multidão prestou muita atenção em Jack e no Porquinho de Natal conforme eles se misturavam ao grupo. Quando por fim conseguiram ver o que a multidão assistia, Jack e o Porquinho de Natal também pararam e prestaram atenção.

Todos os artistas eram transparentes e tinham forma humana, como Pretenso. Um bufão fazia malabarismos e dava saltos mortais, enquanto um baixinho de bigode comprido girava pratos em varas longas. Um chef virava

panquecas, pegando-as sempre, enquanto uma bailarina rodava em piruetas intermináveis. Um velho amarrava um pedaço de corda em nós complicados e outro fazia truques com um baralho.

– O que eles são? – Jack se perguntou em voz alta ao lado de um smartphone novo em folha.

– Talentos Perdidos – disse o celular. – Truquezinhos inteligentes que os humanos podem fazer, mas que, com o envelhecimento e as lesões, a memória fraca ou a falta de prática, perdem-se.

– Eles não os conseguem de volta? – perguntou Jack.

– Às vezes – disse o telefone. – Ontem, um truque de mágica muito inteligente zuniu de volta à Terra dos Vivos enquanto estávamos assistindo. Uma decepção, porque ele não tinha terminado. Sempre lamentamos perder Talentos, porque eles fazem um show para nós nesta época, toda noite... mas os Talentos fazem só o número de abertura. Espere só para ver o Talento de hoje!

E pronto: os Talentos Perdidos finalmente fizeram uma mesura sob fortes aplausos e correram, rolaram, saltaram e saíram em pirueta da praça e de vista.

Agora uma mulher muito transparente, que usava um vestido coberto de pedras preciosas, chegou ao meio da praça. Alguns espectadores aplaudiram, mas o telefone gemeu.

– Você está sem sorte. Eu torcia por uma de nossas Histórias... elas sempre são muito divertidas... mas é uma Voz.

Voz respirou fundo e começou a cantar numa língua que Jack não entendia. A música ecoou nos arcos de pedra e na parede do palácio, tinindo nos ouvidos de Jack. Ele supôs que Voz fosse muito talentosa, a julgar pelo jeito como todas as joias e livros refinados

suspiravam de admiração, mas o telefone se inclinou para Jack e disse:

– Ela foi perdida por uma cantora de ópera, Lá em Cima. Não sou muito chegado em ópera. Acho que vou para casa.

O telefone saiu aos saltos. Jack teria preferido acompanhá-lo, porque a música de Voz fazia seus ouvidos tinirem, mas neste momento uma Coisa sussurrou em seu ouvido:

– Com licença. São vocês que estão procurando um porco de brinquedo?

O Convite do Rei

Jack se virou e ficou de frente para uma figura que parecia ser uma mulher. Um manto preto a escondia da cabeça aos pés, mas uma luz violeta escapava do capuz e por baixo da bainha. Notando que Jack tinha se virado, o Porquinho de Natal fez o mesmo e, quando viu a figura de manto, tirou as patas que tampavam as orelhas e segurou o braço de Jack, pronto para fugir.

– Não fiquem alarmados – disse a voz feminina embaixo do manto. – Fui enviada para buscar vocês por alguém que lhes quer bem.

– Foi Felicidade? – perguntou Jack.

– Sim, Felicidade – disse a mulher –, mas se não quiserem envolvê-la em problemas, guardem isso como um segredo. Uma Coisa pode ser devorada por ajudar vocês dois. Vocês causaram muitos problemas. Venham comigo e explicarei.

O Porquinho de Natal ainda estava desconfiado, mas eles seguiram a figura para longe da voz e da multidão, entrando nas sombras abaixo de uma arcada. Ali a figura misteriosa jogou o capuz para trás. Emitia uma luz violeta tão forte quanto a luz dourada de Felicidade, mas não calor. O rosto dela parecia mais velho que o de Felicidade e bem menos gentil.

– Sabe onde OP está? – perguntou Jack.

– Infelizmente, não – disse a mulher –, mas o rei sabe. Sua Majestade convida os dois a um jantar em seu palácio, onde tudo será explicado.

– Que rei é esse? – perguntou o Porquinho de Natal, desconfiado. – O Perdedor é quem manda aqui embaixo. Todo mundo sabe disso.

– O Perdedor está no comando geral – disse a mulher violeta –, mas temos uma família real aqui na Cidade dos Saudosos. E eu sou embaixatriz de Sua Majestade. Se realmente quiserem encontrar seu porco, o rei é o único que pode ajudar... Era de se pensar que vocês pelo menos ficariam felizes por terem um abrigo – acrescentou ela, porque Jack batia os dentes e a água verde ainda escorria do Porquinho de Natal.

– Seria bom me aquecer – admitiu Jack, mas o Porquinho de Natal ainda estava desconfiado.

– Pode nos dar licença por um momento? – disse ele à mulher violeta.

– Certamente – respondeu ela, embora não parecesse satisfeita.

– Sei que ela não é muito simpática, mas ela deve ser boa, se Felicidade a mandou aqui – murmurou Jack no ouvido do Porquinho de Natal, depois que os dois se afastaram um pouco. Ele tinha dificuldades para se fazer ouvir porque a voz ainda ecoava pela praça, mas pelo menos isso significava que a mulher violeta não podia

entreouvi-los. – OP pode estar dentro do palácio! Eu o amo demais, eles podem ter deixado que ele morasse lá! Talvez ele tenha virado rei!

– Não acredito nisso – disse o Porquinho de Natal, cujo focinho úmido aos poucos congelava no ar da noite. – Nunca ouvi falar de nenhum rei aqui embaixo, a não ser pelo Perdedor. E como essa mulher sabe quem estamos procurando? Nunca contamos a Felicidade que estávamos atrás de OP!

– Acho que a notícia se espalhou – disse Jack. – Perguntei ao xerife Lentes e à peça de xadrez sobre ele.

– Ainda não gosto disso – disse o porco. – Para mim, tem cheiro de cilada.

– Esta é a primeira vez que alguém nos diz saber onde OP está! – Jack começava a se enfurecer. – Você ouviu o que Poema disse! Temos de conseguir antes do dia de Natal, ou ficaremos presos e nunca poderemos levar OP para casa! Não deve restar muito tempo!

Já que o Porquinho de Natal não respondeu, Jack disse:

– Tudo bem, você não precisa ir... mas eu vou!

E com essa, Jack se virou e andou a passos firmes até a mulher violeta, que ardia na arcada escura como uma chama roxa. Jack ouviu os feijões da barriga do Porquinho de Natal e entendeu que ele o acompanhava.

O Palácio

A mulher violeta recebeu a notícia de que eles estavam prontos a acompanhá-la com um breve sorriso, que mostrou seus dentes muito pontudos, em seguida os levou ao palácio, o manto preto voando atrás dela na brisa.

– Como vamos conseguir passar pelos Reguladores de Perdas? – perguntou Jack enquanto eles se aproximavam das portas douradas do palácio.

– Ah, não precisa se preocupar com eles. – A mulher violeta abriu um sorriso altivo. – O rei manda nos Reguladores de Perdas aqui na Cidade dos Saudosos e sou representante de Sua Majestade. Uma boa noite para vocês! – disse ela com eloquência ao apontador e à marreta, que se curvaram enquanto cada um abria uma porta. A cabeça da marreta era tão pesada que ela quase tombou, mas se salvou agarrando-se à maçaneta.

– Boa noite, Excelência – disseram eles juntos.

Um calor maravilhoso envolveu Jack e o Porquinho de Natal quando eles passaram pela soleira do palácio. Agora estavam em um carpete carmim grosso, macio sob os pés congelados e machucados de Jack. Dois fogos ardiam em duas lareiras de mármore de cada lado de uma escadaria magnífica com corrimões dourados. Ao pé da escada, estavam os mesmos brincos de diamantes que Jack tinha visto em Extraviada. Agora pareciam trabalhar como serviçais, porque pegaram o manto preto da mulher violeta, curvaram-se, depois saíram, desaparecendo por uma porta lateral.

– Por aqui – indicou a mulher violeta a Jack e ao Porquinho de Natal, subindo a escada.

– Podemos saber seu nome, Excelência? – questionou o Porquinho de Natal enquanto eles a seguiam, repetindo o título que ouvira dos Reguladores de Perdas. Agora que ela estava sem o manto, sua presença enchia o saguão com a luz violeta. Uma mulher alta e magra, ela os olhou de cima ao falar:

– Meu nome é Ambição.

– Como alguém perde a ambição? – perguntou-se Jack em voz alta.

– Sendo um tolo – disse Ambição com frieza. – Minha dona e eu alcançamos grandes coisas juntas. Ela é política... ou melhor, era. Sofreu um pequeno revés... perdeu uma eleição banal... Mas isso não deveria ter importado! – exclamou Ambição, parando subitamente, de modo que Jack quase tropeçou nela. Seus olhos emitiam faíscas, e por um momento Jack a achou muito assustadora. – Podíamos ter nos recuperado daquele revés e ascendido juntas a alturas ainda maiores! Mas não... Ela me perdeu, aquela tola de vontade fraca! –

gritou Ambição, sacudindo o punho para o buraco de descoberta no teto.

O som de suas palavras ecoando nas paredes de mármore pareceu fazer com que Ambição se recompusesse. Ela respirou fundo várias vezes.

– Peço desculpas – disse ela severamente. – Já vivo aqui no palácio há vários anos, esperando que ela me encontre de novo. Às vezes temo que jamais vá acontecer... Mas nada disso o ajudará a achar seu porco.

Ela voltou a subir a escada. Jack e o Porquinho de Natal se entreolharam, depois a seguiram. Jack sabia que agora o Porquinho de Natal tinha mais dúvidas ainda a respeito de Ambição e, para falar a verdade, ela também deixava Jack muito nervoso. Mas ele não queria voltar atrás, então tentou parecer animado e despreocupado.

No alto da escada, eles encontraram mais portas duplas, que foram abertas por um par de facas para peixe de ouro maciço.

– Excelência – disseram elas em voz baixa e respeitosamente, enquanto Ambição entrava no salão seguinte. Jack e o Porquinho de Natal a acompanharam, olhando com curiosidade para as facas reluzentes.

A Família Real

O salão em que eles entravam agora era ainda maior do que o saguão, com colunas douradas e espelhos. O teto em abóbada era decorado com pinturas das três cidades da Terra das Coisas Perdidas: as casas de madeira baixas de Descartável, os chalés cobertos de neve de Alguém-Se-Importa e as mansões e canais da Cidade dos Saudosos. Abaixo do teto pintado, havia uma mesa comprida iluminada por velas, arrumada com pratos dourados e taças de cristal para quinze Coisas. À cabeceira da mesa, um trono grande e dourado, que no momento estava desocupado.

Na frente de outra lareira, em uma esfera de luz esmeralda, estava um jovem muito bonito que se olhava no espelho acima do console. Parecia encantado com o que via ali.

– Boa noite – disse ele, sem tirar os olhos do próprio reflexo, mas virando a cabeça para um lado e outro, para ter uma visão melhor do próprio perfil.

– Este é Beleza – disse Ambição, apontando o homem verde – e este – disse ela, apontando uma esfera de luz laranja, dentro da qual havia um jovem com um rosto roliço e sorridente – é Otimismo. Eles irão entreter vocês enquanto digo a Sua Majestade que os convidados chegaram.

Ambição saiu rapidamente do salão e deixou Jack e o Porquinho de Natal com a aflitiva sensação de estarem extremamente maltrapilhos frente a todo aquele esplendor. Porém, no momento em que as facas para peixe douradas fecharam as portas após Ambição passar, Otimismo veio saltitando até Jack e o Porquinho de Natal, com um sorriso de orelha a orelha. Tinha olhos redondos e inocentes e, como Felicidade, emitia um calor agradável. Depois de segurar a mão de Jack e apertá-la, e fazer o mesmo com a pata do Porquinho de Natal, ele exclamou:

– Que maravilha conhecer vocês! Que alegria as boas Coisas são! Sinto que conheço vocês desde sempre! Vamos ser grandes amigos!

– Oi – disse Jack timidamente.

– Soube que estão procurando um velho porco de brinquedo, é verdade? – disse Otimismo, quicando animadamente nos calcanhares.

– Sim – respondeu Jack.

– Bom, tenho *certeza absoluta* de que vão encontrá-lo! Tudo vai se resolver de um modo esplêndido! E vocês vão amar o nosso rei! Ele é uma Coisa muito boa... – Por um segundo, o sorriso de Otimismo falhou, mas ele logo ficou radiante e sorridente como nunca – ... no fundo, sabem como é!

– Será que *alguém* vai me admirar? – perguntou Beleza, indignado, virando-se do espelho para olhar Jack e o Porquinho de Natal.

– Ah... er... sim – disse o Porquinho de Natal. – Você é muito bonito.

– O que não pode ser dito de vocês dois – disse Beleza com um sorriso malicioso, olhando do agora emporcalhado Porquinho de Natal, com suas orelhas tortas, para os pés descalços e sujos de Jack e seu pijama enlameado. – A *sua* beleza deve estar aqui, em algum lugar! Ou quem sabe nunca tenham tido nenhuma para perder?

Com essa observação grosseira, Beleza voltou ao espelho. E então uma porta se abriu do outro lado do salão. Uma esfera de luz índigo adentrou. Por um momento, Jack pensou que pudesse ser o rei, mas, enquanto a luz se aproximava, ele viu uma senhora muito idosa arrastando-se no meio dela.

– Boa noite – disse ela em uma voz aguda e estrondosa.

– Boa noite – disse o Porquinho de Natal.

– Esta é Memória – disse Otimismo.

Memória olhou o Porquinho de Natal por um ou dois segundos, depois falou:

– Oitenta e cinco anos atrás minha dona ganhou um porco, mas o dela era de porcelana; o que chamamos de cofrinho de porco. Tinha as laterais pintadas com florezinhas azuis e ela costumava guardar seus trocados ali. Em uma tarde de domingo, 84 anos atrás, a irmã mais nova de minha dona, Amelia Louise...

– Memória – disse Beleza com um bocejo –, ninguém está interessado. Ninguém se importa.

– Ah, estou certo de que será uma história sensacional! – disse Otimismo, ainda sorrindo. Jack se perguntou como

ele podia sorrir tanto sem sentir dor no rosto.

– ... quebrou aquele cofrinho com as florezinhas azuis...

– Já ouvimos isso pelo menos umas mil vezes – gemeu Beleza enquanto Memória ainda resmungava.

A porta do outro lado do salão se abriu novamente. Entraram seis esferas de uma intensa luz azul, cada qual contendo um homem idêntico, todos baixos, elegantes e de aparência séria. Não é possível que *todos* eles sejam o rei, pensou Jack, ficando mais confuso a cada segundo que passava.

– Boa noite – disseram os seis homens azuis, falando numa só voz e tragando a voz de Memória, que ainda murmurava a história sobre o cofrinho de porco. – Somos os Princípios.

Eles se curvaram juntos e Jack, não sabendo o que mais fazer, curvou-se também, assim como o Porquinho de Natal, cujos feijões da barriga, agora secando no calor da lareira, soltaram estalos.

– Pensei que o rei tivesse dito a vocês para ficarem em seus quartos – disse Beleza, franzindo a testa para os reflexos dos princípios no espelho.

– Depois de refletir cuidadosamente sobre a ordem de Sua Majestade – disseram os Princípios, falando juntos como antes –, decidimos que ficar em nossos quartos contrariaria a nós mesmos.

Jack cochichou para o Porquinho de Natal:

– O que são Princípios?

Parece que os Princípios o ouviram, porque responderam juntos:

– Somos as Coisas que fazem os humanos se comportarem com honestidade e decência. Ali, nosso dono... um executivo... nos perdeu um por um em busca de riquezas. Agora ele é um vigarista rico. Gosta do dinheiro, entretanto é infeliz, porque sabe que era mais

amado e respeitado quando ainda nos tinha. Infelizmente, os Princípios perdidos estão entre as Coisas mais difíceis de se encontrar, assim acreditamos que viveremos aqui para sempre. Temos, portanto, um novo cargo. Tentamos manter o rei no caminho da retidão.

– E o rei costuma precisar da ajuda de vocês? – perguntou o Porquinho de Natal.

Mas antes que os Princípios pudessem responder, houve uma fanfarra alta e as portas atrás deles se abriram.

O Rei

Agora todo o salão de jantar se encheu de uma luz escarlate, que refletiu nas taças de cristal e transformou os pratos em vermelho-sangue. A figura carmim parada na soleira fazia até Ambição, que entrou no salão atrás dele, parecer desbotada em comparação.

Beleza, Otimismo e os Princípios fizeram uma reverência, e Jack e o Porquinho de Natal os imitaram, enquanto Memória curvou-se em uma mesura profunda e, enfim, se calou.

– Este – disse Ambição com orgulho a Jack e ao Porquinho de Natal – é Poder, nosso rei. Majestade, estes são os dois que Vossa Alteza esteve esperando: aqueles que procuram pelo porco perdido.

Estreitando os olhos, Jack conseguiu distinguir a figura que emitia a luz escarlate. Era um homem parrudo de

aparência feroz, com uma expressão austera e maxilar saliente.

– Bem-vindos – disse ele numa voz ribombante. – O que acharam da minha cidade? Gostaram?

– É muito bonita, Majestade – disse o Porquinho de Natal. Jack estava com medo demais para falar.

– Bonita? – disse Poder, que parecia insatisfeito. – Muitos lugares são bonitos. Considero minha cidade magnífica. Estupenda. *SUBLIME!*

Ele trovejou a última palavra e todos se sobressaltaram.

– Essas coisas também! – guinchou o Porquinho de Natal.

Poder virou-se para os Princípios.

– Eu *PENSEI* – gritou ele – ter dito a vocês para ficarem em seus *QUARTOS*!

– Contrariava a nós mesmos ficar em nossos quartos – repetiram os Princípios, falando, como antes, em uníssono.

As imensas mãos de Poder se fecharam em punhos e ele cerrou os dentes. Jack e o Porquinho de Natal deram um passo para trás.

– Majestade – disse em voz baixa Ambição, colocando a mão no braço grosso de Poder. – Peço que se recorde de nosso objetivo.

O toque de Ambição parece ter feito Poder pensar melhor e não gritar com os Princípios.

– Tem toda razão, Ambição. Vocês todos, *SENTEM-SE*! – ribombou o rei, e foi à cabeceira da mesa, assumindo seu lugar no trono.

Jack se sentou entre o Porquinho de Natal e Beleza, que agora se admirava na parte de trás de uma colher reluzente. Otimismo sentou-se de frente para Jack, com o sorriso largo de sempre.

– Não precisa ficar nervoso! – disse ele do outro lado da mesa. – Sei que tudo vai terminar maravilhosamente bem!

– Excelente – rosnou Poder, em resposta a algo que Ambição cochichara em seu ouvido. Até seu tom de voz normal era tão alto que fazia os talheres tilintarem. – E a porta está trancada?

– Estará, depois que os criados confirmarem que ela foi dormir – disse Ambição. – Quanto à outra... Bom, infelizmente não consegui encontrá-la. Vossa Majestade sabe que ela sempre esvoaça rumo a cantos escuros, para onde nenhuma Coisa decente iria. Mandei os Reguladores de Perdas à sua caç... quero dizer, à sua procura – ela se corrigiu, com um olhar de relance a Jack –, mas infelizmente eles não tiveram êxito.

Jack deduziu que Poder e Ambição falavam das Coisas que deveriam estar sentadas nos dois lugares vagos que restavam à mesa, mas tinha medo demais para fazer perguntas.

Agora Poder bateu palmas duas vezes com as mãos enormes. Prontamente, uma procissão de Coisas entrou apressada pela porta dos criados, todas carregando comida, e era um sortimento muito estranho delas.

Havia uma única hortelã do tamanho da cabeça de Jack, algumas batatas chips gigantescas, uma fatia de bolo de aniversário que parecia um travesseiro, pedaços de pipoca do tamanho de uma couve-flor e, o maior de todos, um enfeite de árvore de chocolate embrulhado em papel-alumínio colorido e no formato de um Papai Noel gordo. A pinça para torrões de açúcar que o carregava gemeu ao baixá-lo na mesa.

– É claro que a única comida aqui é comida perdida – ribombou o rei pela mesa para Jack, enquanto as Coisas que tinham trazido a refeição saíam às pressas do salão.

– Nós, as Coisas, não precisamos de comida... mas *VOCÊ* vai querer comer – disse ele, fuzilando Jack com os olhos –, porque *VOCÊ*, naturalmente, é um *MENINO DE VERDADE*!

O Plano de Poder

Assim que Poder gritou “menino de verdade”, estalos altos e metálicos soaram das duas extremidades do salão e Jack percebeu que os criados do lado de fora tinham trancado as portas.

– Tivemos receio de algo assim – murmuraram juntos os Princípios.

– Ele não é um menino de verdade – disse o Porquinho de Natal num tom estridente. – Ele é um boneco articulado!

– É isso mesmo – disse Jack, que agora tinha a boca seca. – O Menino-Pijama, com o poder sobre o sono e os sonhos.

– Ele tem o próprio desenho animado! – disse o Porquinho de Natal.

– Nós reprovamos mentiras – disseram os Princípios em uníssono.

– Oitenta anos atrás – intrometeu-se Memória –, a irmã de minha dona, Amelia Louise, foi apanhada mentindo quando...

– *SILÊNCIO!* – gritou Poder, batendo o punho imenso na mesa.

Uma das taças de cristal caiu e se quebrou. Memória se calou de novo. Poder se levantou, ardendo em um vermelho mais escuro e mais profundo do que nunca, e todas as Coisas em volta da mesa ficaram nervosas, a não ser Ambição, cujos olhos faiscaram novamente e cujos dentes pontudos se revelaram em um largo sorriso.

– Você *SABE* – trovejou Poder, encarando Jack – por que eu estou *AQUI*, na Terra das Coisas Perdidas?

– Não – respondeu Jack num sussurro.

Embaixo da mesa, o Porquinho de Natal estendeu uma pata para segurar a mão de Jack.

– Meu dono – disse Poder, que agora andava de um lado a outro – me perdeu por não conseguir pisar com força suficiente – ele bateu o punho imenso na outra mão – em seus *INIMIGOS*!

“Juntos, governamos todo um *PAÍS*! Para ficar comigo, meu dono manteve o *POVO*”, enquanto Poder berrava estas palavras, torceu a face com nojo e ódio, “em seu devido lugar, isto é, *DE JOELHOS*!”, trovejou, com um brilho louco nos olhos vermelhos. “Mas *DEPOIS*”, berrou, “um menino como *VOCÊ* teve o atrevimento de *DESAFIAR* meu dono em *PÚBLICO*! *E AQUELA CRIANÇA*”, gritou Poder, “deu ao *POVO* coragem para se *REBELAR*!”

A voz de Poder se elevou a um grito.

– *E EU FUI SUGADO PARA CÁ, PARA A TERRA DAS COISAS PERDIDAS!*

– Poder, meu caro – disse Beleza –, *pare* de gritar. Além da barulheira, isso o deixa pavorosamente feio.

– Então Vossa Alteza nos atraiu para cá para se vingar de meninos de verdade, foi isso? – perguntou o Porquinho de Natal, ainda segurando a mão de Jack embaixo da mesa.

– É claro que não! – desdenhou Ambição. – Não nos interessam as vinganças insignificantes! Nosso objetivo é fazer o que devemos para ascender, para ganhar mais prestígio, para alcançar um sucesso maior...

– Para aumentar nosso *PODER*! – rugiu o rei. – Sabemos o que você procura: aquele chamado OP...

– Onde ele está? – perguntou Jack, desesperado. – O senhor sabe?

– *SIM, EU SEI!* – gritou Poder. – *MAS VOCÊS NUNCA O ENCONTRARÃO, NUNCA, PORQUE ESTOU PRESTES A NEGOCIAR VOCÊS COM O PERDEDOR! EM TROCA, ELE ME RECOMPENSARÁ E, COM AMBIÇÃO AO MEU LADO COMO RAINHA, GOVERNAREI TERRITÓRIOS AINDA MAIS VASTOS, ATÉ QUE MEU PODER RIVALIZE COM O DELE!*

– Calma, Majestade, calma – disse Ambição, de novo colocando a mão ossuda no braço de Poder. – Precisamos de votos para avançar, lembre-se... Agora, escutem, todos vocês – disse ela, dirigindo-se a Beleza, Otimismo, Memória e aos Princípios. – Se negociarmos estes dois com o Perdedor, ele pode nos dar coisas em troca. Talvez um palácio maior, com mais espelhos ainda... – Ela olhou para Beleza. – ... ou uma garantia de que ele ficará fora das muralhas da cidade! Podemos até ter permissão de julgar quem entra na Cidade dos Saudosos! De vez em quando chegam algumas Coisas que não são do padrão que esperamos... Vocês todos se lembram daquela horrível Poema, tenho certeza disso, e do horripilante e comum Pretenso. Beleza, qual é o seu voto?

– Sabe, receio demasiado que isso se transformará numa briga – disse Beleza, levantando-se. – E eu *nunca* brigo. Alguém fica descabelado e, em casos graves,

dentes podem ser arrancados. Irei dormir. Votem sem mim.

– Você não vai a lugar nenhum – rosnou Poder. – As portas estão trancadas. Vote, ou *eu* arrancarei seus dentes. Quer que eu os entregue ao Perdedor, sim ou não?

– Ah, bom, se isso significa mais espelhos, sim – suspirou Beleza, voltando a se sentar. Pegou a colher e voltou a admirar seu reflexo.

– Memória, minha cara – disse Ambição –, você concorda, estou certa disso, que devemos entregar esses fugitivos ao Perdedor?

– Sessenta e nove anos atrás – disse Memória, em sua voz aguda e rachada –, minha dona e sua irmã, Amelia Louise, foram ver um filme chamado *O fugitivo*...

– Memória, concentre-se – esbravejou Ambição. – Estamos fazendo uma votação. Devemos entregar o menino e o porco ao Perdedor, sim ou não?

A velha senhora que brilhava em uma luz índigo voltou o olhar para Jack e o Porquinho de Natal. Fez-se um longo silêncio. E então Memória falou:

– Não. *Eles* não me impedem de me lembrar de nada. Gosto deles.

– Obrigado, Memória – sussurrou o Porquinho de Natal, ainda agarrado à mão de Jack embaixo da mesa.

– E você, Otimismo? – exigiu saber Poder.

– Eu disse a eles que tudo ia acabar maravilhosamente bem! – disse Otimismo, com o lábio trêmulo. – Eu disse a eles que você era bom e gentil, Poder!

– *VOTE!* – trovejou Poder.

– Bom, eu voto “não” – disse Otimismo com um leve soluço. – E tenho certeza de que, no fundo, Poder... bem no fundo... existe uma partezinha boa em você, e quando

você pensar bem, vai mudar de ideia e deixará que eles vivam no palácio conosco!

– *CALE-SE!* – rugiu Poder. – E vocês, Princípios? Vocês percebem que estes dois infringiram as leis da Terra das Coisas Perdidas? Seres vivos são proibidos de entrar aqui!

– É verdade – disseram os Princípios, falando todos juntos, como sempre. – Desaprovamos a infração das leis.

– Então vocês votam "sim"? – perguntou Ambição avidamente, mas antes que os Princípios pudessem responder, ouviram-se mais dois estalos metálicos e uma voz conhecida falou da extremidade do salão:

– Por que fui trancada em meu quarto?

Um clarão de luz dourada encheu o salão de jantar com a entrada de Felicidade.

As Duas Últimas Convidadas

– Eu... eu pensei que precisava de um descanso depois de sua longa viagem, Alteza – disse Ambição, nervosa, se curvando em reverência enquanto Felicidade entrava no salão, lançando a luz dourada ao seu redor. – Pensei que Vossa Alteza não ia querer ser incomodada por este assunto tedioso na mesma noite de sua chegada.

– Como foi que você *SAIU*? – exigiu saber Poder. – E por falar nisso... como foi que você passou por *AQUELAS* portas?

– *Eu* as destranquei – disse uma segunda voz. – Sabe muito bem que nenhuma tranca pode me conter, Poder.

Jack não tinha notado a segunda Coisa que entrou no salão, porque a radiância de Felicidade o ofuscou por um momento, mas agora via uma mulher alta como Ambição, porém de constituição muito mais forte. Era

muito bonita, mas a luz rosa e suave que emanava brilhava menos do que a luz das outras Coisas. Ao contrário de seus companheiros reais, tinha asas: não asas rígidas e erguidas de plástico dourado, como aquelas da sra. Anjo Partido no Refugo, mas asas amplas e emplumadas de um branco com nuances de rosa-escuro, e a seguiam pelo chão como uma cauda.

– Que prazer vê-los de novo – disse Felicidade, sorrindo para Jack e o Porquinho de Natal. – Esta – disse ela, apontando para a companheira – é minha amiga, Esperança.

A mulher rosa também sorriu para Jack e o Porquinho de Natal e, embora apavorados, eles fizeram o mesmo. Esperança e Felicidade sentaram-se nas duas cadeiras que restavam vagas à mesa.

– Ouvimos que vocês colocaram em votação se entregarão nossos hóspedes ao Perdedor – disse Felicidade. – Continuem, por favor. Será um prazer para nós tomar parte disto.

– Muito bem – disse Ambição. – Este menino de verdade e seu porco infringiram a lei em busca de um objetivo impossível. O único jeito de uma Coisa perdida voltar à Terra dos Vivos é ser encontrada Lá em Cima, e como OP *nunca* será encontrado Lá em Cima...

– Por que não? – disse Jack.

– Porque um caminhão o atropelou na estrada – disse Ambição, com um sorriso cruel. – Só o que resta de seu OP na Terra dos Vivos são alguns feijões espalhados e um pedaço de pelúcia. Ele não pode ser encontrado, então permanecerá conosco para sempre.

– Não – sussurrou Jack –, não acredito nisso. Não pode ser verdade.

Ao dizer isso, porém, ele se lembrou do meneio mínimo de cabeça que o vovô fez à vovó quando voltou

ao carro depois de procurar por OP.

– Você ainda *pode* tê-lo de volta – disse o Porquinho de Natal enfaticamente, ainda segurando a mão de Jack embaixo da mesa. – Eu prometo, Jack, você pode salvar OP.

– Muito bem dito, porco – disse Esperança. – Ambição esqueceu que noite é lá na Terra dos Vivos. – Virando-se para o rei, ela prosseguiu: – Esses dois vieram corajosamente à Terra das Coisas Perdidas na esperança de realizar o impossível e esta noite, a noite dos milagres e das causas perdidas, eles têm uma chance.

– Que eles merecem muito – disse Felicidade. – Voto contra entregá-los ao Perdedor.

– Eu também – disse Esperança.

– Então – disse Ambição, colocando a mão novamente no braço de Poder, porque o rei dava a impressão de estar prestes a explodir de fúria mais uma vez – temos três votos para entregá-los ao Perdedor e quatro contra. Os votos decisivos cabem aos Princípios.

Ela se virou para os seis homens azuis pequenos e idênticos.

– Vocês concordam que esses dois infringiram a lei?

– Concordamos – disseram os Princípios, falando em uníssono, como sempre.

– Mas entregar um menino de verdade ao Perdedor seria assassinato, e este é o pior crime que existe! – disse o Porquinho de Natal.

– Também é verdade – disseram os Princípios, juntos.

– Só quero OP de volta! – disse Jack, desesperado. – Eu nunca quis fazer mal nenhum!

– Como votam, Princípios? – exigiu saber Ambição, ignorando Jack. – O que deve acontecer com mentirosos e infratores que tentam desobedecer à antiga lei da Terra das Coisas Perdidas? Não importam os motivos deles,

vocês não concordam que pertencem ao Perdedor para que sejam punidos como ele julgar adequado?

– Sim – disseram três dos Princípios, mas o restante respondeu "não".

– Sete a seis... Vencemos! – cochichou Jack ao Porquinho de Natal, mas neste momento Poder se levantou de um salto.

– *EU VOTO QUE OS VOTOS NÃO CONTAM!* – rugiu ele, jogando a hortelã gigante no chão, com os dentes arreganhados e os punhos cerrados. Beleza afundou lentamente para baixo da mesa, saindo de vista e levando consigo a colher reluzente. Memória começou a murmurar algo sobre Amelia Louise, mas ninguém ouviu o que era porque Poder agora gritava: – *REGULADORES DE PERDAS! LEVEM ESSAS COISAS AO PERDEDOR!*

A Briga

Com essas palavras, os dois pares de portas nas extremidades do salão se abriram de rompante, e com grande clamor e algazarra entrou correndo o maior grupo de Reguladores de Perdas que Jack viu desde Extraviada. Havia navalhas, tesouras, pinças e facas; alicates de corte, cinzéis e a imensa marreta, todos com o chapéu preto emplumado da guarda do palácio. Jack e o Porquinho de Natal se levantaram rapidamente das cadeiras. Jack pegou uma pipoca, pronto para atirá-la, e o Porquinho de Natal pegou a hortelã gigante.

– *PRENDAM-NOS!* – rugiu Poder, e por um momento Jack teve certeza de que eles seriam capturados e levados ao Covil do Perdedor, e que ele nunca mais veria mamãe ou OP.

Mas então, para seu assombro, Jack sentiu que um braço quente e forte o rodeava, ouviu um grande silvo de

asas e se sentiu erguido no ar, bem acima do estrondo e embate de todas as Coisas de metal embaixo. Esperança tinha apanhado Jack em um braço e o Porquinho de Natal no outro e agora voava com as asas imensas pelo salão, enquanto Poder gritava de cólera. Felicidade intensificou sua luz deslumbrante, confundindo as Coisas que os perseguiam, e Esperança voou pelas portas duplas na extremidade do salão, pegando um corredor escuro.

– Para onde vamos? – perguntou Jack, agarrado ao braço forte de Esperança em pleno voo, enquanto os Reguladores de Perdas corriam em tropel, em perseguição aos três.

– Até OP – disse Esperança. – Não tenho permissão para entrar no lugar onde ele vive: só os mais preciosos na Terra das Coisas Perdidas podem colocar os pés lá. Posso levar vocês pela maior parte do caminho, mas terão de percorrer a última parte sozinhos. Pegue aquela tapeçaria na parede! – acrescentou ela, e Jack estendeu o braço e a puxou. O tecido pesado se soltou e ondulou atrás deles. Era tão pesado que Jack precisou de toda sua força para segurá-lo, e aquilo reduziu um pouco o progresso deles. Jack ouvia os gritos e estrondos dos Reguladores de Perdas e achou que eles ganhavam terreno, mas Esperança subiu voando uma escada em caracol, com a tapeçaria na esteira deles, até chegarem a uma porta trancada com ferrolho.

Jack tinha certeza de que eles estavam encurralados, mas enquanto Esperança voava alto naquela direção, o ferrolho voou para trás, a porta se abriu com estrondo e eles voaram em direção à neve que caía do lado de fora.

– Rápido – disse Esperança, pousando no telhado dourado do palácio e baixando Jack e o Porquinho de Natal. – Enrolem-se nesta tapeçaria, assim posso

carregar vocês com mais facilidade. A jornada será fria e vocês já estão molhados.

Jack e o Porquinho de Natal enrolaram-se na tapeçaria pesada. Esperança voltou a abrir suas poderosas asas, apanhou o tecido e voou mais uma vez para o ar, agora os carregando abaixo dela numa espécie de rede.

Através da tapeçaria grossa, Jack ouvia os gritos de fúria dos Reguladores de Perdas que corriam pelo telhado atrás deles, e o berro de Poder: "*VOLTEM AQUI! TRAGAM OS DOIS DE VOLTA!*"

Mas Esperança continuou voando e logo os gritos ficaram distantes, depois sumiram completamente. Agora só o que eles conseguiam ouvir era o bater das asas largas e fortes de Esperança.

A História de Esperança

Apesar da poeira, era aconchegante dentro da tapeçaria, porque Jack e o Porquinho de Natal estavam bem juntinhos. Depois de sua disparada assustadora pelo palácio de Poder, Jack achou reconfortante sentir as patas do Porquinho de Natal ao seu redor. Ele nem se importou com o cheiro da água estagnada do canal que emanava do Porquinho de Natal.

Só agora, a salvo, foi que Jack percebeu que estava, enfim, a caminho de OP, e em sua empolgação ele deu um apertão no Porquinho de Natal.

– Estamos quase conseguindo! – disse ele. – Fiquei com muito medo lá atrás, você não ficou?

– Muito medo – disse o Porquinho de Natal. – Temos de agradecer a Esperança. Sem ela, estaríamos agora a caminho do Covil do Perdedor.

– Eu sei – disse Jack e, elevando a voz, disse: – Muito obrigado, Esperança!

– Não há de quê – veio a voz acima deles. – Estão confortáveis?

– Muito – disse Jack.

– Não somos pesados demais para a senhora, somos? – perguntou o Porquinho de Natal.

– Ah, não – disse Esperança. – Já carreguei muito mais peso do que vocês.

– Como a senhora foi perdida, Esperança? – perguntou Jack.

– Esta é uma história triste, infelizmente – veio a voz de Esperança, acima do bater de suas asas. – Minha dona está na prisão.

– Na prisão? – Jack arquejou. – O que ela fez?

– Nada de errado – disse Esperança. – Ao contrário, ela estava fazendo uma coisa boa: protestando contra um governante muito parecido com Poder. O governante ficou furioso, então a trancafiou, fingindo que ela havia infringido a lei. O juiz teve medo demais para contrariar o presidente, então minha dona no momento está em uma cela com outras dez pessoas, onde não há o suficiente para comer e mal tem espaço para se deitarem.

– Que coisa horrível! – disse Jack.

– É mesmo – concordou Esperança. – Neste momento, ela não consegue ver como as coisas melhorarão para ela, porque lhe disseram que ela ficará na prisão por vinte anos. Ela me perdeu quando soube do tamanho de sua sentença, mas vai me encontrar novamente, e antes até do que imagina.

– Como sabe disso? – perguntou Jack.

– Ela tem uma família maravilhosa e muitos amigos fora dos muros da prisão – disse Esperança. – Quando ela perceber que eles estão se esforçando muito para libertá-

la, vai me reencontrar e vou ajudá-la a suportar sua situação, por mais medonha que seja. Talvez eu não brilhe tanto quanto minha amiga Felicidade, mas é mais difícil extinguir minha chama.

Jack e o Porquinho de Natal balançavam-se suavemente na tapeçaria enquanto Esperança os levava para o interior. Jack começava a sentir muito sono. Depois de um tempo, pensou ter ouvido um som novo, como a respiração de alguma fera imensa e adormecida, e sentiu um cheiro vagamente conhecido. Mudando um pouco de posição, conseguiu espiar pela beira da tapeçaria. Bem abaixo, viu o mar, escuro como a noite que os recobria. A neve ainda caía e Jack viu as asas largas e claras de Esperança refletidas nas ondas.

– Aonde estamos indo, Esperança? – perguntou Jack.

– À Ilha dos Amados – disse Esperança. – Só algumas Coisas no continente sabem que ela existe. Os verdadeiramente amados nunca são transferidos da ilha, então as Coisas nas cidades não os conhecem. Mas eu sei onde fica, porque já a sobrevoei. Agora durmam, porque temos uma longa viagem pela frente. Acordarei vocês quando chegar a hora de seguirem sozinhos. Vocês agiram muito bem, completarão sua missão antes do dia de Natal! Penso que estarão de volta a sua casa pelo menos uma hora antes da meia-noite!

Então Jack se contorceu para dentro da tapeçaria, fechou os olhos e permitiu que seu rosto pressionasse o do Porquinho de Natal.

– Todas aquelas mentiras que Ambição contou pra gente sobre eu não poder ter OP de volta! – murmurou ele na orelha molhada do Porquinho de Natal. – Quero agradecer a você também, PN. Eu nunca teria conseguido chegar a OP sem você.

– Está tudo bem – disse o Porquinho de Natal numa voz estranhamente abafada. – Agora, durma. Você ouviu Esperança. Ainda temos um longo caminho pela frente.

Jack fechou os olhos, apertou-se contra o Porquinho de Natal de novo, sentiu os familiares feijões da barriga e respirou seu cheiro agradável e sujo. Logo Jack estava à beira do sono e em seus lábios havia o sabor de uma umidade salgada, e ele entendeu que devia estar sonhando com o mar, lá embaixo, bem lá embaixo.

PARTE SETE
A Ilha dos
Amados

A Ilha dos Amados

Muitas horas depois, Jack foi acordado pela voz de Esperança, que o chamava.

– Jack, está na hora – disse ela. – Prepare-se. Infelizmente vocês terão de se molhar, mas não posso levá-los mais adiante!

Jack mal conseguia abrir os olhos porque a luz que se infiltrava pelas pontas da tapeçaria era ofuscante como a de Felicidade. A própria tapeçaria tinha esquentado e seu pijama estava aquecido e seco outra vez. Até os pés estavam quentes. Ele percebeu que haviam chegado a um lugar onde o sol brilhava intensamente.

– Prontos? – disse Esperança. – Liberem os pés primeiro: não é uma queda longa, vou voar o mais baixo que puder!

– Vamos, PN! – disse Jack.

– Você primeiro – disse o Porquinho de Natal, e Jack, que imaginou que ele tinha medo de pular no mar porque não sabia nadar, disse:

– Estarei lá quando você cair na água, PN, não se preocupe!

Jack se contorceu à ponta da rede de tapeçaria. O cheiro do mar era mais forte ainda, e ele podia sentir o calor do sol nos pés descalços. Respirando fundo, ele se atirou do tapete.

Como Esperança prometera, a queda foi curta, e, segundos depois, ele se viu até os joelhos no mar cristalino, quente como um banho. Olhando em volta, viu uma linda ilha com palmeiras balouçantes e areia branca e macia. O céu sem nuvens tinha um tom de lavanda e era pontilhado com muitos buracos de descoberta. E ali, correndo pela praia na direção dele, à frente de uma multiplicidade de brinquedos antigos que se apressavam para ver o que acontecia, estava OP.

– OP! – gritou Jack, rindo e chorando ao mesmo tempo. – OP, sou eu!

OP estava exatamente como sempre foi: cinza, de orelhas tortas e olhos de botão, e sorria radiante ao correr pela praia e entrar no mar. Jack corria respingando água, com os braços bem abertos, os olhos de botão de OP vertendo lágrimas, e eles se alcançaram e se abraçaram com a força que um menino e seu brinquedo se abraçam, e Jack sentiu o cheiro de cama, de jardim e o traço do perfume de mamãe em OP, de onde ela lhe dava um beijo de boa-noite.

– OP, eu te achei, eu te achei! – Jack soluçava, e atrás do velho porquinho cem brinquedos antigos e amassados festejavam e aplaudiam com mãos, patas e cascos, e um pequeno papagaio deu uma cambalhota. – Vai ficar tudo bem de novo! Holly jogou você fora e eu fiquei com

muita raiva, eu sabia que você estava sozinho na estrada e eu não pude aceitar, então gritei e arrebentei meu quarto...

– Eu sei, Jack, eu sei – disse OP, com um carinho nas costas do menino. – Mas agora está tudo bem. Você me encontrou! Vamos para a minha casa!

Passando a velha e surrada pata no ombro de Jack, OP o guiou para a praia, enquanto todas as Coisas amadas que olhavam ainda aplaudiam.

– Eu moro ali – disse OP, apontando uma casinha amarela de praia – com alguém que você conhece.

Para espanto de Jack, ele viu o antigo anjo de rolo de papel higiênico espiando pela janela com um largo sorriso na cara barbuda.

Por dentro, a casa de praia era clara, iluminada e arejada. As janelas tinham uma vista maravilhosa para o mar e as palmeiras.

– É tão bonito aqui, OP! – disse Jack.

– É mesmo, né? – disse OP. – E você se lembra de nosso velho amigo Anjo de Rolo de Papel Higiênico?

– Sim! – disse Jack. – Mas pensei... pensei que você tivesse sido comido pelo cachorro-Toby.

– Eu fui – disse Anjo de Rolo de Papel Higiênico, que tinha uma linda voz musical. – Ele me fez em pedaços. E o que resta de mim Lá em Cima é um pouco de lã, que você vai encontrar embaixo de seu segundo maior presente, se procurar.

– Mas... não entendo – disse Jack. – Você está *aqui*.

– A parte Vivificada de mim, sim – disse Anjo de Rolo de Papel Higiênico. – Mamãe me amava tanto que tive permissão de viver para sempre aqui na Ilha dos Amados.

– Mas então... – disse Jack, virando-se para OP, enquanto lhe ocorria uma ideia horrível. – Isso quer dizer

que...? OP, Ambição me disse que um caminhão te atropelou!

– Infelizmente... infelizmente é verdade, Jack – disse OP em voz baixa. – O vovô se colocou em perigo Lá em Cima quando tentou me pegar, mas um caminhão apareceu e passou por cima de mim. O vovô me viu estourar. E só o que resta de mim agora na Terra dos Vivos são alguns feijões e um pedaço de tecido sujo.

– Mas você está *aqui* – disse Jack. – Posso tocar em você! Posso sentir você! Eu sinto o seu *cheiro*!

– Sim – disse OP, levando Jack a um sofá listrado e se sentando ao lado dele –, você fez isso acontecer por me amar tanto. Esta ilha é um lugar familiar para mim, sabe? As Coisas que são profundamente amadas caem direto na Ilha dos Amados sempre que são perdidas. Não precisamos nem passar por Extraviada! Tenho amigos aqui há anos porque – os velhos olhos de botão de OP cintilaram –, bom, você *me perdeu* muito, sabia, Jack?

– E o Perdedor nunca vem aqui? – perguntou Jack.

– Nunca – disse OP. – Ele não tem permissão de colocar os pés nesta ilha e, mesmo que tivesse, não poderia nos fazer mal. O amor de nossos humanos nos tornou imortais.

– Mas, se você estourou com o caminhão, como posso te levar para casa? PN prometeu que eu podia ter você de volta!

Agora OP e Anjo de Rolo de Papel Higiênico trocaram um olhar grave.

– Bom... meu irmão tem razão – disse OP. – Você *pode* me levar para a Terra dos Vivos esta noite, se realmente quiser. Ainda é véspera de Natal Lá em Cima: a noite dos milagres e das causas perdidas. Mas...

– PN, conseguimos! – exclamou Jack, virando-se para o Porquinho de Natal.

Mas o Porquinho de Natal não estava ali.

A Verdade

– PN? O Porquinho de Natal? Para onde ele foi? – Jack olhou a sala, depois deu um pulo do sofá e correu à janela. – Ele caiu no mar bem atrás de mim, não foi? Ah, não... – Jack arquejou – ... ele não se *afogou*, né? Não era muito fundo, achei que ele ia ficar bem!

Agora que pensava nisso, Jack se deu conta de que não ouvira o barulho do Porquinho de Natal caindo na água atrás dele, estava muito mais interessado na visão de OP na praia. Olhando pela janela, viu algo no céu, algo que parecia uma ave gigantesca voando para longe da ilha, e percebeu que era Esperança, voltando ao continente com a trouxa de tapeçaria ainda se balançando abaixo dela.

– O Porquinho de Natal não pode vir para cá, Jack – disse Anjo de Rolo de Papel Higiênico em sua voz

cantarolada. – Este é o lugar para as Coisas que são profundamente amadas lá na Terra dos Vivos.

– Mas por que ele foi embora voando? – perguntou Jack, de repente com medo. – Preciso levá-lo para casa. Prometi que ia dar PN à Holly!

– Jack – disse OP, colocando a pata nos ombros de Jack de novo –, meu irmão sempre soube que não conseguiria voltar para a Terra dos Vivos com você. Agora que meu corpo foi destruído Lá em Cima, o único jeito de eu poder sair da Terra das Coisas Perdidas é se um brinquedo igual a mim compensar os números do Perdedor. O Porquinho de Natal decidiu assumir o meu lugar. Todas as Coisas sabem que é assim que funciona... mas nunca ouvi falar de uma Coisa se apresentando voluntariamente para fazê-lo.

– Por que ele faria isso? – sussurrou Jack. – *Por quê?*

– Ele queria fazer você feliz – disse OP.

– Ele não tinha como querer isso – disse Jack numa voz muito baixinha. – Eu o joguei no armário. Pisei nele. Eu... tentei arrancar a cabeça dele.

– Ele entendeu por que você fez essas coisas – disse OP com gentileza. – Era um Substituto, e os Substitutos, depois de Vivificados, entendem tudo sobre seu dono desde o comecinho. Tudo que sei sobre você, ele sabe, e ele sempre o amou, tanto quanto eu.

– Mas... Mas por que ele não me contou? – sussurrou Jack, e os olhos voltaram a lacrimejar. – Ele fingiu que podia voltar comigo! Me fez prometer que eu daria ele à Holly!

– Ele mentiu porque não queria que você se sentisse mal pelo que ele ia fazer – disse OP. – PN é um porco modesto. Ele conhecia seu coração desde o início e acreditava que nunca poderia ser o que eu sou para

você. Então decidiu se sacrificar, porque a sua felicidade era mais importante para ele do que a própria felicidade.

– Ele devia ter me contado! – Jack tinha um bolo duro como uma pedra na garganta. – Pensei que íamos poder voltar para casa juntos! Eu pensei que ainda o veria! O que ele vai fazer quando voltar para o continente?

– Vai para o Refugo – disse OP em voz baixa. – Se vou me libertar, então o Porquinho de Natal deve me substituir na Terra das Coisas Perdidas. Como ele infringiu a lei não só uma vez, mas muitas, qualquer Coisa que o ajudar agora certamente será devorada. Ele sempre soube que teria de enfrentar o Perdedor se quisesse me salvar. Receio... Receio que o tempo dele seja curto.

Jack virou-se para a janela, com os olhos baços de lágrimas. Esperança agora era um pontinho mínimo no horizonte.

– Ele devia ter me contado! – repetiu Jack, com as lágrimas escorrendo pelo rosto. – Não foi justo ele não me contar!

Ele se lembrou dos holofotes do Perdedor percorrendo o Refugo e da história pavorosa que o Porquinho de Natal havia contado, do Perdedor sugando a parte Vivificada de uma Coisa.

É o que os humanos chamam de morte.

Jack voltou trôpego para o sofá listrado de OP, sentou-se e chorou sem parar.

– Eu não queria isso! – Ele soluçava. – Nunca quis que ele fosse apanhado pelo Perdedor!

– Sei que você não queria, Jack. – OP sentou-se ao lado dele e o envolveu com as patas. O anjo de rolo de papel higiênico se sentou do outro lado de Jack. Não podia passar o braço ao redor do menino porque não tinha braço nenhum, mas suspirou fundo, com tristeza.

Jack não conseguia parar de pensar em tudo o que ele e o Porquinho de Natal tinham enfrentado juntos. Lembrou-se de que o Porquinho de Natal fingira não gostar muito dele e percebeu que PN fez isso para que Jack não se sentisse culpado neste momento; pensou em PN salvando os dois de Esmaga com seu raciocínio rápido e em seu focinho pequeno afundando na água verde da Cidade dos Saudosos antes de Jack o resgatar. Agora ele percebia que o gosto que sentiu na noite passada na tapeçaria foi das lágrimas de PN. Enquanto Jack ficava todo animado e feliz com a ida à Ilha dos Amados, PN estivera chorando, porque sabia que era a última vez que veria Jack e que, quando chegassem à Ilha dos Amados, eles se separariam para sempre.

Nesse tempo todo, Jack achava que se encontrasse OP ficaria feliz de novo, mas ele não se sentia nada feliz. Agora, já tarde demais, Jack percebeu que passara a amar PN – não no lugar de OP, mas separadamente – por sua coragem e bom caráter. Neste momento, Jack entendeu verdadeiramente como era ser Vivificado, porque entendeu o que deveria fazer.

– OP... preciso resgatar PN.

OP sorriu, o que fez seu focinho enrugar exatamente como o de PN.

– Eu esperava que você decidisse isso, Jack. Fico feliz.

– Você vai... vai vir comigo?

– Você sabe que não posso, Jack – disse OP baixinho, colocando a velha pata cinza sobre a mão de Jack. – Você só pode levar um de nós para casa... mas se salvar PN, ficarei a salvo aqui, para sempre, nesta linda ilha. É um lugar maravilhoso e todo dia penso em você e fico agradecido por você ter me amado.

Jack jogou seus braços ao redor do velho amigo. Precisava tanto de OP, e precisou por tanto tempo, que

parecia impossível conseguir deixá-lo. Mas logo Jack pensou em PN e no quanto PN precisava dele agora, então soltou OP e disse, chorando:

– Como vou voltar ao Refugo? Esperança foi embora!

Por um momento, ninguém disse nada. E então Anjo de Rolo de Papel Higiênico se intrometeu:

– Acho que conheço alguém que pode ajudar. Venham comigo.

Um Amigo Famoso

Jack e OP seguiram Anjo de Rolo de Papel Higiênico, saindo da casa em frente à praia, rumo à cidade que ficava atrás dela. Todas as construções na Ilha dos Amados eram pintadas em tons de sorvete, as ruas eram muito limpas e os outros brinquedos antigos – não parecia haver nenhum outro tipo de Coisa ali – sorriam e cumprimentavam quando passavam. OP parecia ter muitos amigos e não havia nenhum Regulador de Perdas. Eles passaram por árvores de Natal com conchas e estrelas-do-mar, e lojas vendendo baldes e pás, e um pequeno mercado onde se podia comprar bolas de praia e óculos escuros. Tinha até um Salão de Cuidados, onde os antigos brinquedos podiam ter rasgos em seu pelo costurados e recolocados os olhos, por bonecas e ursinhos de pelúcia vestidos de médico.

– Chegamos – disse por fim Anjo de Rolo de Papel Higiênico, apontando uma casa gigantesca feita de madeira, bem no meio da cidade. A placa na porta dizia “A Gruta”. Como Jack estava encolhido ao tamanho de OP e a porta era para um humano, ele não tinha esperança de conseguir alcançar a campainha.

– Quem mora aqui? – perguntou ele.

– Você verá – disse Anjo de Rolo de Papel Higiênico. – Vocês dois precisam bater. Não tenho braços.

– Sim, me desculpe por isso – disse Jack. – Eu só tinha quatro anos quando fiz você.

E assim Jack e OP bateram na base da porta, mas só os nós dos dedos de Jack fizeram algum barulho, porque as patas de OP eram moles demais.

Jack ouviu passos do outro lado: passos muito altos, como se fossem de um gigante. Por fim, uma fresta na porta se abriu.

Ali, erguendo-se sobre eles, estava um velho de barba branca como a neve, com uma camiseta branca e calça escarlate.

– *Papai Noel?* – Jack arquejou. – O que *você* está fazendo aqui?

– Er... – Por um momento Papai Noel deu a impressão de que não sabia o que dizer. – Bom... as Coisas merecem um Natal também, sabe, então eu... tenho uma casa de férias aqui. Mas um menino de verdade na Terra das Coisas Perdidas? Nunca teria acreditado nisso... Nem achei que seria possível, sendo sincero!

– Só é possível esta noite – disse Jack, se ainda é véspera de Natal Lá em Cima.

– Sim – disse o Papai Noel, olhando o relógio. – Sim, ainda falta uma hora.

– Graças a deus. Então, por favor – disse Jack –, pode me ajudar a resgatar o Porquinho de Natal para que eu

possa levá-lo para casa? Ele foi para o Refugo dos Esquecidos e preciso salvá-lo do Perdedor!

– Ah – disse Papai Noel. Ele afagou a barba por alguns segundos, depois suspirou e falou: – Essa é uma coisa que não posso prometer, infelizmente.

– Oh – disse Jack, mordendo o lábio para não chorar de novo.

– Não tenho permissão de colocar os pés no continente, veja bem – explicou Papai Noel. – O Perdedor e eu... Bom, é complicado: eu dou e ele tira. Lá em Cima, eu faço as coisas do meu jeito. Aqui Embaixo, ele faz do jeito dele. Posso levar você voando ao Refugo dos Esquecidos em meu trenó... desde que eu não pouse... mas depois terei de deixá-lo. Tem certeza de que não prefere ir para sua casa, para a sua cama? Seria muito mais seguro e posso fazer isso acontecer facilmente.

– Não – disse Jack, balançando a cabeça. – Preciso salvar o Porquinho de Natal.

– Neste caso – disse o Papai Noel –, você é um menino muito corajoso e prepararei meu trenó. Espere aqui.

Papai Noel voltou para dentro de casa e fechou a porta, e Jack, OP e Anjo de Rolo de Papel Higiênico ficaram no sol, esperando que ele reaparecesse. Havia um sentimento estranho entre eles: Jack ainda segurava o choro. Havia muito que queria dizer a OP, mas não conseguia encontrar as palavras.

Por fim, eles ouviram o barulho de cascos e um tilintar, e pelo canto da casa de madeira apareceu Papai Noel, agora com o gorro, o casaco e as botas, conduzindo as oito renas que puxavam seu trenó, que trazia uma pilha alta de presentes. Quando viram o trenó, para não falar de Papai Noel de gorro e botas, os brinquedos que passavam se reuniram em volta da casa para vê-lo partir.

Jack, com tantas Coisas olhando, achou ainda mais difícil colocar em palavras tudo que queria dizer a OP.

– Pronto, Jack? – perguntou Papai Noel.

– Sim – disse Jack. – Eu... Eu só queria me despedir.

Ele se virou para Anjo de Rolo de Papel Higiênico.

– Vamos sentir sua falta no alto da árvore.

– Obrigado, Jack – disse o anjo em sua voz cantarolada. – Terei saudades de ficar lá.

Jack se virou para OP.

– Queria que você pudesse ir para casa também – sussurrou ele.

Pela última vez OP pôs as patas em volta do pescoço de Jack e o menino respirou seu cheiro encardido de lugares escondidos e da caverna quente embaixo do cobertor, com um vestígio do perfume de mamãe, de quando ela lhe dava um beijo de boa-noite.

– Perder faz parte da vida – sussurrou OP no ouvido de Jack. O focinho fungava em seu cabelo. – Mas alguns de nós vivem mesmo quando estamos perdidos. É isso que o amor faz. Sempre estarei aqui, na Ilha dos Amados, e quando você abraçar o Porquinho de Natal, estará me abraçando também, porque somos gêmeos, Jack, e tudo que ele sente, eu sinto também. Mas se quiser salvá-lo – continuou OP – deve se apressar. De todas as Coisas no Refugo, a que o Perdedor mais quer é o Porquinho de Natal, como um aviso a qualquer Substituto que tente passar a perna nele no futuro.

– Adeus, OP – disse Jack, e soltou seu mais velho amigo.

Jack agora era tão pequeno que Papai Noel teve de colocá-lo no trenó.

– Fico feliz por ter visto onde você mora – disse Jack a OP, enxugando as lágrimas de novo. – Eu sempre soube que você adorava a praia!

– Eu adoro! – disse OP, os olhos de botão molhados como os de Jack. – Boa sorte, Jack, e transmita meu amor a meu irmão! Agradeça pelo que ele tentou fazer! Diga que ele é o melhor e mais corajoso porco que já existiu no mundo!

A Viagem de Trenó

Quando o trenó entrou em movimento, mais brinquedos ainda saíram correndo de casa para ver. As renas começaram a galopar e o vento quente batia no cabelo de Jack. Ele olhou para trás: OP e Anjo de Rolo de Papel Higiênico ficavam cada vez menores, e então, com um retinir dos arreios e uma lufada de ar quente, o trenó partiu e Jack viu a Ilha dos Amados encolher abaixo deles. Logo não passava de um pontinho dourado no vasto mar azul.

Além de ser muito maior do que ele, já que Jack ainda estava do tamanho de um brinquedo, Papai Noel era a pessoa mais famosa que Jack conhecera na vida, o que o deixou sem fala. Felizmente, Papai Noel não precisava de nenhum encorajamento para falar.

– Depois que eu deixar você, terei de ir Lá em Cima e ficarei ocupado entregando presentes – disse ele,

sorrindo para Jack.

– Como você consegue rodar o mundo todo e entregar tantos brinquedos em uma única noite? – quis saber Jack. Ele sempre se fez essa pergunta.

– Ah – disse Papai Noel com os olhos brilhando –, isso é segredo. Lamento, mas envolve magia, como imagino que você tenha adivinhado.

– Foi o que pensei – Jack assentiu.

– Você, é claro, pediu uma bicicleta nova – disse Papai Noel.

– Pedi – disse Jack. – Mas, na verdade, não ligo para a bicicleta, desde que eu consiga o Porquinho de Natal de volta.

– Bom, se você *conseguir* resgatá-lo, trate de levá-lo para um passeio – disse Papai Noel. – Ele é um porco que gosta muito de passeios de bicicleta, mas ainda não sabe disso, sendo tão novo.

– Faz sentido – disse Jack, imaginando pedalar acelerado por sua rua, com o Porquinho de Natal metido na frente do moletom, a cabeça de PN aparecendo por cima. – Ele é um porco bem *corajoso*, não é?

– Muito corajoso – concordou Papai Noel –, para desafiar o Perdedor como está fazendo.

– De onde veio o Perdedor? – perguntou Jack.

– Essa – o Papai Noel agora não sorria – é uma pergunta muito boa. Ninguém sabe ao certo. Alguns dizem que foi criado por pessoas, que existe tanta ganância e crueldade Lá em Cima que uma parte vazou aqui para baixo, onde ele começou a raptar Coisas para ajudar a formar seu corpo. Outros dizem que o Perdedor está aqui desde a aurora dos tempos, uma espécie de monstro que tem tanta inveja dos humanos e de todas as coisas inteligentes que eles criam, que rouba o que pode. Acima de tudo, ele deseja Coisas que são valiosas e

amadas, como aquelas da Ilha dos Amados, mas não pode tocar nelas, o que o deixa mais furioso ainda. Agora procure entre os presentes aí atrás, Jack, e pegue algo para se aquecer.

Jack apalpou os presentes em busca de algo que fosse mole e, por fim, desenterrou um ursinho de pelúcia vestido em um suéter que coube perfeitamente nele. Jack ficou feliz com isso, porque alguns minutos depois o ar quente começou a esfriar. Aos poucos, o céu pintado no alto passava do azul-vivo ao cinzento. O sol desapareceu atrás das nuvens e logo a neve rodopiava ao redor de Jack de novo.

Eles voaram, com os arreios das renas tilintando, o ar gelado deixando o rosto de Jack dormente. Seus pensamentos estavam tomados por PN, que certamente a essa altura já havia chegado ao Refugo dos Esquecidos. Estaria vagando por lá, sentindo falta de Jack, amando Jack, mas acreditando que ele já retornara à Terra dos Vivos, feliz demais com OP para se importar com o que seria feito de seu Substituto.

A Volta ao Refugo

Enfim, quando o céu tinha passado do cinza ao preto e a neve caía tão densa que grudava na barba de Papai Noel e nos cílios de Jack, eles localizaram as luzes da Cidade dos Saudosos. Sobrevoaram o telhado dourado do palácio de Poder, os canais refletindo o trenó de Papai Noel e as renas voadoras, e logo estavam voando sobre o escuro e vasto Refugo.

Papai Noel agora tinha pendurado um lampião dourado em um gancho para lançar alguma luz no terreno abaixo. Jack olhou em volta, na esperança de ver o Porquinho de Natal. A sombra do trenó ondulava no terreno nevado e pedregoso, mas não havia sinal de Coisa alguma até que, de relance, eles viram vagar um pequeno ponto vermelho de luz.

– Maus Hábitos – disse Jack ao Papai Noel, apontando o pequeno grupo de partes corporais zanzando, que ainda

incluía uma boca fumante. – Eles não são muito legais... Acho que o Perdedor apanhou alguns – acrescentou Jack, voltando a olhar os Maus Hábitos enquanto o trenó voava. – Tinha mais deles quando nos encontramos antes.

Eles continuaram a voar o mais baixo que Papai Noel se atrevia no Refugo, percorrendo a paisagem desolada em busca de PN, mas Jack não conseguia vê-lo em lugar algum. Agora um medo horrível agarrava seu coração: teria chegado tarde demais? Será que PN já tinha sido apanhado?

– Bússola! – gritou Jack de repente, quando a luz oscilante da lanterna iluminou o corpo redondo de bronze, que rolava com a velocidade de sempre. – Papai Noel, me deixe perguntar a Bússola se ela viu PN!

Papai Noel virou o trenó e eles voltaram até Bússola, que ficou olhando fixamente aquela visão.

– *Papai Noel!* – exclamou ela.

– Eu mesmo – disse Papai Noel, sorrindo. – Que bom saber que ainda está conosco, Bússola!

– Ah, vocês sabem o quanto eu gosto da perseguição – disse ela, virando-se para olhá-los enquanto eles circulavam. – Mas o que vocês dois estão fafffendo aqui?

– Vim procurar o Porquinho de Natal – gritou Jack. – Você o viu?

Nisso, o ponteiro de Bússola foi para o sul, o que conferia a ela uma expressão muito triste.

– Bom... Sim, Menino-Pijama, eu vi – disse ela.

– Onde ele está? – Jack começava a ficar tonto porque o trenó voava em círculos estreitos.

– Infelizmente – disse Bússola – ele foi apanhado, meia hora atrás. Nem mesmo fugiu. Gritei que corresse, mas ele ficou parado ali, esperando que o Perdedor o pegasse.

– Ah, não – Jack sussurrou.

Era tudo culpa dele. Devia ter chegado mais cedo, mas perdeu tempo decidindo o que fazer e agora...

– Então ele está no Covil do Perdedor? – gritou Papai Noel.

– Está lá, se estiver em algum lugar – disse Bússola –, mas já pode ter sido devorado. O Perdedor ficou radiante quando pôs as mãos nele. Nunca o vi tão feliz!

– Bússola, sabe onde fica o Covil do Perdedor? – gritou Jack.

– Claro que sei – ela respondeu.

– Pode me levar lá?

– Você quer ir ao Covil do Perdedor? – Bússola se espantou.

– Quero. – Jack se preparou para pular. – PN é meu porco e, se ele ainda estiver Vivificado, vou levá-lo para casa!

– Jack – disse Papai Noel, enquanto Jack se preparava para saltar –, se eu puder, ajudarei você mais tarde... Talvez eu possa fazer alguma coisa por você Lá em Cima. Nesse meio-tempo, tenha cuidado. Nada agradará mais ao Perdedor do que apanhar um menino de verdade!

– Terei cuidado – prometeu Jack. – Adeus, Papai Noel, muito obrigado!

E Jack saiu do assento do trenó e pulou no Refugo.

Caiu em uma moita de cardo que não tinha visto no escuro e, embora tenha sido um pouso desconfortável e espinhento, era melhor do que cair nas lascas e pedras afiadas.

– Adeus, Jack. Boa sorte! – disse Papai Noel e voou no trenó, o lampião dourado diminuindo cada vez mais até desaparecer.

Bússola encarava Jack, assombrada.

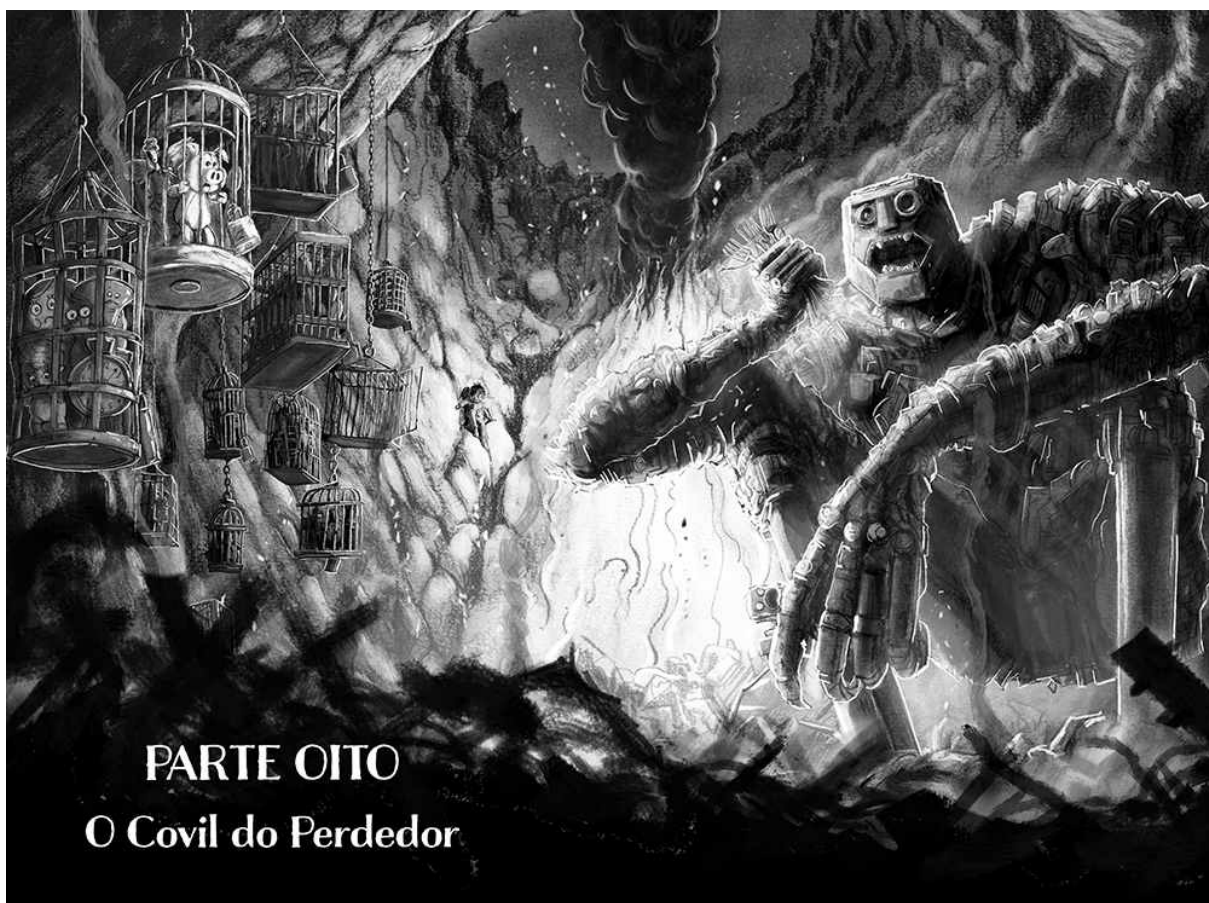
– *Do que* o Papai Noel te chamou? – Ela rolou para mais perto. – Um *menino de verdade*?

– Sim – disse Jack. – Sou humano. Desci aqui para encontrar OP, mas ele está feliz na Ilha dos Amados. Agora quero salvar o Porquinho de Natal. Por favor, me leve ao Covil do Perdedor, se conhece o caminho.

Bússola encarou Jack por mais um tempo, depois sua voz soou no Refugo:

– Vão falar nisso por séculos! O menino de verdade que entrou no Covil do Perdedor para encontrar seu porquinho e... Bom, não sabemos como termina a história, sabemos?

– Ainda não – disse Jack –, mas por favor, se conhece o caminho, me mostre!

Bússola partiu e Jack correu atrás dela pelo terreno congelado, a neve caindo densa e veloz em seus rostos.

PARTE OITO
O Covil do Perdedor

A Cratera

– Não fica muito longe, não se preocupe! – disse Bússola, seu estojo de bronze chacoalhando nas pedras.

Mesmo assim, Jack logo sentiu um puxão de novo e os pés doloridos congelavam, mas ele não se importava nem um pouco. Só pensava em PN, que ficou parado e deixou que o Perdedor o apanhasse porque pensou que Jack não o amava.

Eles tinham corrido apenas um curto trajeto quando viram um brilho vermelho e intenso no horizonte, que ficava maior e mais intenso à medida que se aproximavam.

– Fica bem ali à frente – disse Bússola. – Está vendo aquele fogo? O Perdedor mora em um buraco no meio de uma cratera e deixa um fogo acefffo o ano todo. Depois que suga a parte Vivificada de uma Coifffa e pega o que quer dos corpos, ele queima o resto nas chamas.

Jack sentiu um estremecimento de medo, mas não reduziu o passo. Tinha de salvar PN, se pudesse: não havia como voltar atrás.

Quanto mais perto eles chegavam do Covil do Perdedor, maior e mais intenso era o brilho ardente, e por fim o terreno caiu em um declive. Jack via um buraco largo no meio da cratera, como um vulcão, do qual saía uma fumaça acre e preta. Ele olhou o céu acima do Covil do Perdedor. Não havia nenhum buraco de descoberta ali.

– Pare, Bússola – Jack disse ofegante, parando. – Agora eu vou sozinho.

– Que absurdo – disse Bússola, toda animada. – Nunca estive no Covil do Perdedor. Que emoção! Que aventura! Sabe qual é o meu lema?

– Alguma coisa sobre um rabanete? – perguntou Jack, que não se lembrava muito bem.

– Isso é uma moral – disse Bússola. – Eu quis difffer, "meias no norte e guarda-chuva de abrigo, mas quando descer, arrume um amigo". Você não pode conhecer o Perdedor sofffinho!

– Eu posso, Bússola – disse-lhe Jack. – Preciso. Você é importante demais para ser perdida. As Coisas precisam de uma heroína aqui no Refugo, e você é a única com inteligência e coragem para sobreviver.

– Mas que... que coifffa linda de se difffer – comentou Bússola. – As Coifffas nunca me elogiam. Normalmente elas fogem tão rápido que se esquecem.

– Bom, eu não vou me esquecer de você, aconteça o que acontecer – disse Jack. – Adeus, Bússola, e obrigado por tudo.

E ele escorregou rápido pela ladeira até o buraco no chão, virando-se só uma vez para acenar porque sabia que Bússola ainda podia vê-lo.

Jack desceu a ladeira íngreme, escorregando e cambaleando em pedras soltas. Seguia com a maior velocidade a que se atrevia, meio cego pelo fogo e a fumaça que saíam do buraco no meio da cratera, e logo o pijama tinha secado completamente no calor e Jack tossia com a fumaça densa e preta, que não tinha o cheiro de uma fogueira de madeira, mas fedia a plástico, tecido e espuma queimados.

E então, justo quando se perguntava quanto mais teria de seguir, com os pés agora ardendo por causa do entulho quente, Jack escorregou em cascalho solto e, incapaz de parar, viu-se caindo no buraco. E lá foi ele despencando pela fumaça para o covil subterrâneo, e, por alguns segundos, Jack teve a certeza de que iria pousar nas chamas e que nunca mais veria mamãe nem PN.

O Covil do Perdedor

Para sua imensa sorte, Jack escapou do fogo e caiu em um monte quente, macio e flexível ao lado dele. Levou alguns momentos para perceber que estava deitado em enchimentos e fiapos de tecido que o Perdedor havia descartado das Coisas que comera. Estavam fumacentos e fumegantes por causa da proximidade das chamas. Jack engatinhou com a rapidez que pôde para uma parede de pedra distante, escorregando e derrapando pelos montes de pelúcia e tecido queimado, até chegar à lateral do buraco subterrâneo.

Foi quando ele ouviu os gemidos e gritos que foram tragados pelo crepitar da fogueira enorme que havia ao seu lado. Jack estreitou os olhos para conferir a sua volta.

O Covil do Perdedor era uma caverna subterrânea gigantesca onde no meio ardia a fogueira imensa. Havia jaulas penduradas nas paredes, todas apinhadas de

Coisas que o Perdedor ainda não tinha devorado, e eram os gritos de algumas destas Coisas aprisionadas que ele ouvia, embora nem todas gritassem. Muitas simplesmente se amontoaram no fundo das jaulas, em silêncio e tristes, sabendo que o fim estava quase chegando. Eram Coisas baratas e feias, a maioria delas: criadas e perdidas aos milhões, indesejadas, não amadas, existindo apenas para preencher espaço por algum tempo até serem sugadas para a Terra das Coisas Perdidas.

E havia também o Perdedor.

Era tão gigantesco que Jack, que estava concentrado nas jaulas, por um ou dois segundos nem percebera que ele estava ali, mas tinha levado seu corpo enorme a outra pilha de lixo. O Perdedor estava agachado do outro lado das chamas, a cabeça horrível raspando o alto do Covil como raspava o céu de madeira no Refugo. Os olhos de holofote não estavam acesos: não precisava deles ali, porque o fogo ardia com muita intensidade, lançando sombras bruxuleantes nas paredes. Os olhos vítreos e vazios do Perdedor refletiam a dança das chamas, que também iluminavam a casca cintilante de seu corpo. Evidentemente o Perdedor ficava apenas com as partes mais duras das Coisas mortas: aço, plástico, vidro e pedra, o que lhe conferia a aparência de um robô medonho. Neste momento, ele se fartava com um punhado de garfos velhos, e pedaços deles voavam de sua boca conforme ele os mastigava com suas presas brilhantes, que pareciam duras como diamantes.

O Perdedor não tinha notado a queda de Jack no Covil, porque Jack caíra do outro lado do fogo e tinha ficado escondido pela densa fumaça preta. Agora Jack olhava freneticamente todas as jaulas, tentando localizar o Porquinho de Natal e torcendo desesperadamente para

que ele já não tivesse sido feito em pedaços, seus feijões da barriga e seus enchimentos perdidos nos montes abaixo dali.

Mas Jack não conseguia ver nenhum bicho de pelúcia: só pequenos brinquedos de plástico que eram oferecidos de brinde em lanchonetes, carregadores de eletrônicos que não funcionavam mais e revistas velhas; objetos perdidos sem remorsos, cuja falta jamais era sentida. A cada segundo aumentava o medo de ter chegado tarde demais.

E então, de súbito, Jack o viu. PN estava dentro de uma das jaulas mais altas na parede, segurando as grades com as patinhas e vendo o Perdedor comer os garfos velhos. Com ele estava sra. Anjo Partido, arriada em um canto da jaula, a única mão restante cobrindo o rosto espatifado. PN agora estava surrado, depois de todas as aventuras com Jack: não era mais felpudo e cor-de-rosa, mas sujo, esverdeado e tinha as orelhas tortas.

– Estou chegando, PN – sussurrou Jack, esforçando-se para se levantar.

E então o Perdedor mastigou os últimos pedaços de metal torcido e falou, a voz ecoando na caverna:

– *Agora* está com medo, Porco?

Sua voz era a mais terrível que Jack já ouvira na vida. Parecia o guincho de freios, estridente e dolorosa, e fez Jack pensar que o Perdedor devia sofrer quase tanto quanto as Coisas que esperavam pela morte.

PN respondeu, em sua querida voz familiar:

– Não, já te falei. Não tenho mais nada a perder, o que faz uma Coisa corajosa. Pode me devorar quando quiser. Não me importa mais.

– Você acha que perder o menino é pior do que ser dilacerado? – disse o Perdedor em sua voz estridente. –

Pior do que voltar ao nada, a não sentir nada, a *ser* um nada?

– Não sentir nada seria melhor do que o que sinto agora – respondeu o Porquinho.

– Não diga isso! – sussurrou Jack, embora soubesse que o Porquinho de Natal não podia ouvir.

O Perdedor andou nas pontas de metal que lhe serviam de pés.

– Vai ter medo de mim antes de morrer – prometeu.

Ele arrancou a tranca de uma jaula lotada ao lado daquela onde estavam o Porquinho de Natal e sra. Anjo Partido, e pegou cinquenta canudinhos de plástico torcidos em cores vivas, uma pipa barata e frágil e um vaso de vidro feio, todo coberto de nós e espirais. Jack ouviu os gritos de protesto enquanto o Perdedor afundava em um sofá, abria a imensa boca de metal e jogava as Coisas nela, uma por uma.

Desesperado, Jack procurou um jeito de alcançar o Porquinho de Natal. As paredes eram ásperas e escarpadas, e ele pensou que talvez conseguisse encontrar apoio suficiente para escalar, se tentasse; assim estendeu os braços para cima, encontrou rachaduras onde se agarrar, depois começou a se impelir para o alto.

Era uma subida lenta. A pedra ardia sob os dedos das mãos e dos pés, e, atrás, ele ouvia o crepitar do fogo e a trituração das mandíbulas do Perdedor, que comia plástico e vidro.

Enfim Jack chegou ao mesmo nível das jaulas mais altas. Era mais difícil se agarrar à pedra quente lá em cima, e ele tinha medo de que as pobres Coisas dentro das jaulas o notassem e gritassem de surpresa, alertando o Perdedor para a presença de Jack. Porém, a maioria cobria os olhos, tentava não ver o Perdedor, que agora

palitava cacos afiados de vidro dos dentes e os prendia a sua casca, fazia isso lambendo-os com a horrenda língua de borracha preta, que parecia coberta de uma espécie de cola, depois grudando-os por cima de engrenagens e tampas que já estavam ali.

Jack começou a atravessar o alto das jaulas quentes, saltando de uma à outra. As grades queimavam as solas de seus pés, mas ocorreu-lhe um novo problema quando ele se aproximou do Porquinho de Natal, cujos olhinhos pretos seguiam fixos, sem piscar, no Perdedor. Todas as jaulas tinham cadeados pesados, e aquele pendurado na jaula de PN era o maior de todos.

Finalmente Jack conseguiu pular para a jaula que aprisionava o Porquinho de Natal e sra. Anjo Partido.

– PN – cochichou ele. – PN, sou eu. Olhe para cima.

PN olhou para cima e por alguns segundos ficou petrificado, os olhinhos pretos arregalados de espanto, e sra. Anjo Partido descobriu o rosto meio comido e também encarou Jack.

– Jack – ofegou o Porquinho de Natal. – O que... O que você...

– Vim te resgatar... vocês dois! – disse Jack, engatinhando pelo teto da gaiola para segurar o cadeado gigante. – Vocês dois pertencem a mim e vou levá-los para casa!

– Mas... e OP?

– Agora nós nos despedimos direito – disse Jack, puxando o cadeado, que continuava fechado. – Ele quis que eu fizesse isso. Vou tirar vocês daí!

Mas ele não conseguia abrir o cadeado.

– Jack, não entendo, você queria tanto OP!

– Eu pensei que precisava dele – disse Jack. – Mas você precisa mais de mim.

– Você precisa sair daqui! Não tem nada em toda a Terra das Coisas Perdidas que o Perdedor vá gostar mais do que de comer um menino de verdade! Você seria o maior prêmio que ele já pegou!

– Não vou sair sem vocês. – Jack ainda tentava quebrar o cadeado, mas ele não se alterava.

– É tarde demais! – disse o Porquinho de Natal, as lágrimas agora escorrendo pela cara. – Jack, só faltam alguns minutos até o dia de Natal... Você precisa ficar embaixo de um buraco de descoberta! Não existe esperança para nós, mas você ainda pode escapar!

Mas antes que Jack conseguisse responder, o Perdedor soltou o berro mais alto e mais apavorante que Jack ouvira na vida. Seus olhos arderam em brasa novamente enquanto ele se levantava nos pés pontudos de metal. Jack, o Porquinho de Natal e sra. Anjo Partido foram apanhados, petrificados, em seus fachos potentes.

O Perdedor viu o menino de verdade.

A Última Esperança

– O que é isto que espio? – disse o Perdedor na pavorosa voz guinchada. – Um Substituto muito diferente de qualquer um que eu já tenha apanhado!

Jack enfiou a mão entre as grades da jaula e segurou uma das patas do Porquinho de Natal. Sra. Anjo Partido segurou a outra pata, e o trio se agarrou com força um ao outro enquanto o Perdedor ia lentamente na direção deles, atravessando a caverna, espalhando pedaços de Coisas mortas com os pés pontudos de aço. Por todas as paredes, as Coisas nas jaulas gemeram e ofegaram porque perceberam o que acontecia e sabiam que Jack, o Porquinho de Natal e sra. Anjo Partido seriam os próximos na boca do Perdedor.

– Eu sabia que você viria. Diga-me, criança – disse o Perdedor –, o que faz os humanos amarem tanto as Coisas?

O hálito do Perdedor varreu Jack como um vento fedido e quente. O cheiro dava a impressão de que todas as lixeiras do mundo estavam no estômago do monstro, um fedor de poeira, decomposição e panos podres, de ácido de bateria e borracha queimada, do fim de todas as Coisas feitas pela humanidade.

– Não amamos todas as Coisas – disse Jack em uma voz trêmula. – Só as que são muito especiais.

– E o que – disse o Perdedor, aproximando-se mais, a cabeça gigantesca maior do que todo o corpo de Jack, os olhos de holofote brilhando tanto que o menino mal conseguia enxergá-lo – faz um porco barato e sujo ser digno de amor?

– Ele é o melhor e mais corajoso porco do mundo, isso sim – disse Jack bravamente.

– Você... você me ama? – sussurrou o Porquinho de Natal.

Jack segurou sua pata com mais força do que nunca ao falar.

– Sim, eu amo!

– Mas... mas OP!

– A gente pode amar mais de uma Coisa! – disse Jack. Virando-se para o Perdedor, ele disse: – Deixe PN ir embora, e sra. Anjo Partido também! Eles não merecem ser comidos. Eles nunca fizeram mal a ninguém, nunca fizeram nada de errado! Deixe eles voltarem para casa comigo!

O Perdedor recuou a cabeça, abriu a boca horrenda e revelou a imensa língua de borracha, estendida como uma enguia preta e grossa entre as presas reluzentes, e riu. Depois virou os olhos brilhantes e ofuscantes para Jack e gritou:

– Ninguém te explicou o que sou, menino? Eu pego, pego e pego sem parar! A véspera de Natal está quase

no fim... – O Perdedor se aproximava mais, os dentes pavorosos de diamante bruto brilhando sob a luz vermelha do fogo, o hálito uma rajada nojenta. – E, na última badalada da meia-noite, você ficará preso aqui para sempre, sem nenhuma esperança de voltar. Depois vou engolir você, e quem sabe isso me faça amar as Coisas como as pessoas amam!

Por todas as paredes, as Coisas baratas e não amadas gemeram, tremeram e choraram nas jaulas.

– O menino não! *O menino não!*

– Estão implorando por ele? – zombou o Perdedor, os olhos de holofote percorrendo as jaulas onde as pobres Coisas baratas se encolhiam. – Os humanos as fizeram, jogaram fora e se esqueceram de vocês... é por culpa deles que vocês foram mandadas para o Refugo! São Coisas baratas e feias, e seus donos não viam valor nenhum em vocês! Deviam ficar felizes de ver um humano morrer antes de eu mastigar todas em pedacinhos!

Mas Jack acabara de ter uma ideia. Sabia que podia ser tarde demais, mas foi a única coisa em que conseguiu pensar que podia dar certo.

– Escutem! – gritou ele às Coisas nas jaulas, ainda agarrado à pata do Porquinho de Natal. – Sou humano e me importo com vocês! Vocês não são lixo para mim e sei como tirá-las daqui!

E com estas palavras, o cadeado gigante na gaiola do Porquinho de Natal se espatifou. As Coisas por todas as paredes da caverna arfaram em choque, e depois, um por um, em toda a caverna, mais cadeados estouraram, depois mais e depois mais ainda. O Perdedor guinchou de raiva e choque, mas Jack sabia o que tinha acontecido. Ele dera às Coisas uma esperança que nenhum cadeado

podia conter. Agora algumas das mais corajosas saíam das jaulas, ajudando umas às outras.

– Existe uma saída para todos vocês, eu garanto! – gritou Jack a todas as Coisas trêmulas que ainda tinham medo demais de deixar sua prisão. – Vocês só precisam acreditar!

– Voltem! – guinchou o Perdedor, enfurecido ao ver as Coisas escapando. – É mentira dele! Voltem! VOLTEM! Comerei todos aqueles que saírem primeiro!

– Não é mentira minha! – gritou Jack. – Se todos tiverem esperança e acreditarem...

E então aconteceu algo extraordinário – algo simplesmente magnífico. Só podia ter acontecido na noite dos milagres e das causas perdidas, e só porque Jack se recusou a desistir da esperança, pois nada pode estar perdido para sempre se a esperança é a última que morre...

No céu escuro acima do Covil do Perdedor, onde não havia nenhum buraco de descoberta, o céu rachou. O monstruoso Perdedor olhou para cima ao ouvir o céu se abrir e gritou de fúria. Um buraco tinha aparecido ali, mas não era escuro, como um buraco de descoberta comum. Uma luz cintilante zunia dentro dele, como se contivesse magia em movimento, e Jack sabia que magia era aquela, porque uma vez, muito tempo atrás, quando tinha apenas três anos, ele imaginou OP zunindo dentro de um buraco como aquele em uma bicicleta mágica.

– Este é seu caminho de volta à Terra dos Vivos! – gritou ele. – Continuem com esperança!

O buraco aumentava cada vez mais. Era largo e dourado, e então aconteceu a verdadeira magia: em vez de lançar um único facho de luz dourada e salvar uma Coisa só, a luz ofuscante e circulante desceu em uma espiral e sugou para dentro centenas e centenas de

Coisas maravilhadas e boquiabertas. Fora de suas jaulas elas subiam, o latão e o papelão, a madeira, o papel e o plástico, cada uma delas rindo ao ser atraída para o ciclone cintilante e espiralado. O Perdedor, furioso e perplexo, não entendia o que acontecia e, embora girasse e tentasse apanhá-las, elas escorregavam de seus longos dedos de aço e subiam para o novo buraco que a esperança tinha aberto no teto.

– Elas serão recicladas! – gritou Jack, enquanto a criatura monstruosa tentava pegar as Coisas que subiam rápido demais para suas mãos. – Elas serão renovadas, Lá em Cima, e viverão de novo!

– Não! – gritou o Perdedor, louco de fúria. – As pessoas não podem ficar com elas! São minhas, elas são minhas, elas pertencem a mim...

De algum lugar no canto, acima do buraco cintilante onde desapareciam as Coisas salvas, veio o badalar de um relógio distante. Era meia-noite na Terra dos Vivos. A véspera de Natal estava finalmente terminando.

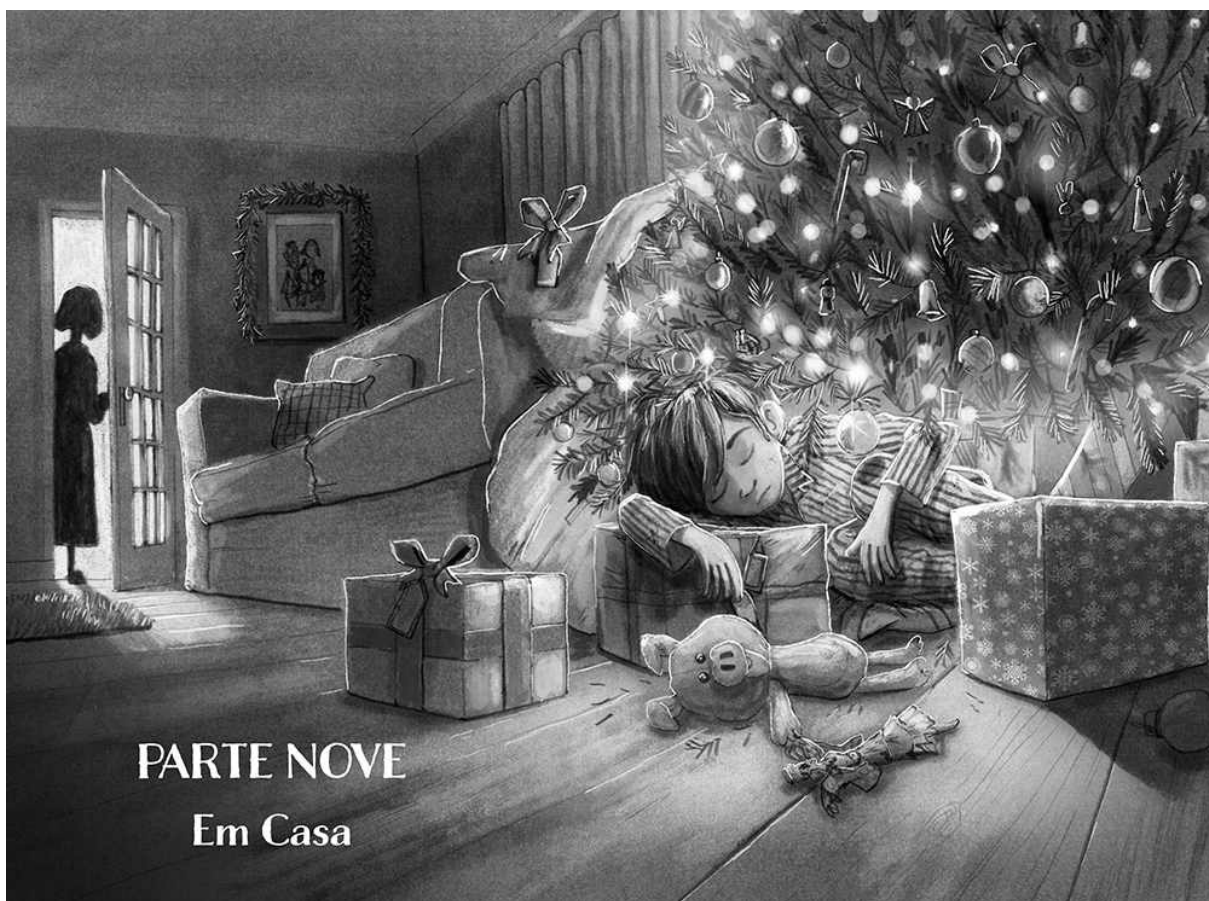
– Se não posso tê-las – gritou o Perdedor enfurecido –, eu terei *você*!

O Perdedor estendeu a mão feito garra, com os dedos compridos como vigas de aço, e Jack ouviu o badalar e entendeu que agora a esperança não bastaria. O único conforto que restava no mundo era a sensação da pata do Porquinho em sua mão, e ele fechou os olhos enquanto os holofotes do Perdedor chegavam mais perto e ficavam mais brilhantes.

E então ele se sentiu

cair...

cair...

e cair...

PARTE NOVE
Em Casa

Encontrado

O cheiro do hálito do Perdedor tinha desaparecido. Jack ainda caía, de olhos bem fechados, agarrado à pata do Porquinho de Natal, e sentia arranhões de galhos afiados que cheiravam a pinheiro, e eles caíam, caíam, caíam até que Jack sentiu um carpete embaixo dele. Uma voz distante chamava seu nome, uma voz que ele conhecia.

– Esperança? – murmurou ele.

Uma porta se abriu.

– Jack? – disse a voz, e depois: – Jack! O que está fazendo embaixo da árvore? Procuramos você em todo canto!

Jack abriu os olhos. Estava enroscado no chão embaixo da árvore de Natal, em casa, no meio de todos os presentes, as luzes da árvore brilhando no escuro acima dele. Agulhas de pinheiro estavam espalhadas a toda volta, e ele retornara ao tamanho normal. O suéter do

ursinho de pelúcia tinha arrebentado do corpo de Jack e agora jazia no chão como uma minúscula bolinha de tricô. Sua mão ainda segurava a pata do Porquinho de Natal e ali, com a mão incólume estendida no carpete e tocando a outra pata do porquinho, estava sra. Anjo Partido.

– Brendan, eu o achei! – chamou mamãe, ajoelhando-se para ver Jack através dos galhos. – O que está fazendo aí embaixo, Jack? Fui até seu quarto para te dar um beijo e você tinha sumido. Fiquei doente de preocupação!

Ela estendeu a mão e Jack engatinhou para sair de debaixo da árvore com PN em uma das mãos e sra. Anjo Partido na outra, mamãe o puxou em um abraço e Jack retribuiu. Era maravilhoso estar em casa de novo.

– Eu sinto muito por OP – sussurrou mamãe. – O vovô me contou o que aconteceu. Quando não achei você na cama, pensei que tivesse fugido para procurar por ele e eu...

– Eu *fui* procurar OP! – disse Jack. – E agorinha mesmo quase fui devorado pelo Perdedor e escapei, não sei como...

Mas então Jack viu a bicicleta nova e reluzente com uma grande fita vermelha encostada na parede ao lado da árvore, o guidom tocando os galhos, e se desvencilhou da mãe para apontar para ela.

– Foi *isso*! Papai Noel *disse* que ia poder me ajudar depois! Ele derrubou sra. Anjo Partido!

– O quê? – disse mamãe, confusa.

Jack mostrou à mãe o anjo mastigado com a asa torta.

– Ela ficou presa nos galhos no fundo da árvore, está vendo? Mas quando Papai Noel colocou minha bicicleta nova aqui, ele sacudiu a árvore de propósito e soltou o anjo! Então ela não estava mais perdida e me puxou com o Porquinho de Natal de volta para a Terra dos Vivos!

– Jack, *do que* você está falando? – disse mamãe, meio rindo, meio preocupada. Brendan agora entrava às pressas na sala e batia a mão sobre o coração.

– Graças a deus – disse ele, olhando para Jack. – Pensamos que você estava perdido, amigão!

– Eu *estava*! – disse Jack, enquanto Holly entrava na sala atrás de Brendan. Seus olhos ainda estavam inchados de tanto chorar, mas ela suspirou de alívio quando viu Jack são e salvo ao lado da árvore de Natal.

– Eu estava na Terra das Coisas Perdidas! – Jack disse a todos eles. – Eu e PN fomos para lá juntos! Encontrei OP e ele estava feliz... Eu sempre *soube* que ele gostava de praia... E conheci muitas Coisas diferentes... E teve todas aquelas cidades diferentes e o Perdedor quase me pegou, mas então sra. Anjo Partido nos salvou... Temos que ficar com ela! – disse Jack, metendo o anjo mutilado embaixo do nariz da mãe.

– Bom – disse mamãe, rindo um pouco enquanto pegava o anjo dele –, ela parece mesmo pertencer a esta família, isso é verdade. Acho que era meio grandiosa demais pra gente antes do cachorro-Toby pegá-la.

– Pode fazer um curativo nela, não pode? – disse Jack. – Como você fez com OP, quando costurou os olhos novos nele?

– Claro que sim – disse mamãe. Depois ela farejou e disse: – Por que você está com cheiro de fumaça? E por que seu pijama está tão enlameado?

– Ah, o cheiro é da fogueira do Perdedor e a lama é do lugar onde Coelhinho Azul me abraçou – disse Jack. – É difícil ficar limpo na Terra das Coisas Perdidas.

– Bom, não sei de nada disso, mas este porco sem dúvida precisa de um banho.

– Ainda não – disse Jack, abraçando o Porquinho de Natal no peito. – No momento ele tem muito medo de

água, porque não sabe nadar. Por isso ele está verde. Ele quase se afogou em um canal. Vou precisar explicar sobre a máquina de lavar antes de você colocar ele lá, ou ele vai ficar muito assustado. Mas antes disso quero levá-lo para passear na bicicleta nova. Ele gosta de passear de bicicleta. Papai Noel me contou.

– Você teve um sonho e tanto – disse mamãe. – E ainda não devia ter visto essa bicicleta. Ainda não é Natal.

– Na verdade – disse Brendan, olhando o relógio –, é sim. Agora é meia-noite e um minuto.

– Estou com fome – disse Jack. – Fiquei fora três noites e não pude comer a comida da Terra das Coisas Perdidas, porque isso teria provado que eu era um menino de verdade. Vocês não acreditam em mim. – Jack olhou da mãe para Brendan. Os dois sorriam daquele jeito irritante dos adultos, quando pensam que sabem mais que você, embora você tenha estado lá e visto tudo.

– Por que não fazemos um chocolate quente? – disse mamãe, ainda sorrindo. Ela levou sra. Anjo Partido da sala. Brendan acendeu a lareira elétrica e foi ajudar na cozinha, deixando Holly a sós com Jack.

– *Eu* acredito que você esteve na Terra das Coisas Perdidas – disse Holly com a voz rouca. – Acredito de verdade, Jack. E fico feliz por você ter visto OP e por ele estar feliz. E eu peço desculpas... peço mil desculpas... por ter atirado ele da janela do carro.

– Bom... está tudo bem – disse Jack. – Ele agora mora em uma casinha bonita na praia com Anjo de Rolo de Papel Higiênico. E eu tenho PN. OP disse que ele é o melhor e mais corajoso porquinho que já existiu no mundo, e ele tinha razão.

– O que mais aconteceu enquanto você esteve na Terra das Coisas Perdidas? – perguntou Holly, e ela e Jack ficaram sentados perto da lareira, e Jack contou a Holly

tudo sobre Descartável e o xerife Lentes, sobre Lancheira e Inalador, sobre Alguém-Se-Importa, Genda e Poema, sobre sua longa jornada através do Refugo dos Esquecidos, Bússola, Coelhinho Azul, as Coisas estranhas que ele viu na Cidade dos Saudosos e sua fuga do Covil do Perdedor.

– Sei que eu fui horrível com você, Jack – disse Holly quando ele enfim parou para respirar. – E prometo que não vou te atormentar nunca mais.

– Acredito em você – disse Jack, lembrando-se de Mandona, da qual ele não falou. PN estava sentado no joelho de Jack, assim podia se aquecer com a lareira também. – Mas acho que você devia largar a ginástica. Sei que não está mais gostando e prefere a música.

– Como... *Como* você sabe disso? – disse Holly, surpresa. – Não contei a *ninguém*!

– A gente descobre coisas na Terra das Coisas Perdidas – disse Jack com sabedoria.

– Sempre achei que eu queria ir para as Olimpíadas – disse Holly, olhando para o fogo –, mas na verdade não quero mais. Prefiro ver meus amigos nos fins de semana, em vez de treinar e treinar o tempo todo.

– Não tem nada de errado em perder a ambição – disse Jack. – Conheci a ambição Lá Embaixo, sabe? Ela era horrível, mas sei que você pode arrumar uma nova.

– Eu queria aprender violão – disse Holly.

– Bom, que sorte – disse Brendan, que voltara à sala trazendo duas canecas de chocolate quente. – Judy e eu concordamos que cada um de vocês pode abrir um presente antes de ir para a cama. Holly, acho que devia desembrulhar aquele grande, de papel dourado.

Jack desfez o laço vermelho da bicicleta nova e mostrou ao Porquinho de Natal todas as características que faziam dela uma bicicleta particularmente boa

enquanto Holly rasgava o papel de seu maior presente, revelando um violão preto e reluzente. Depois, enquanto Holly aprendia seu primeiro acorde, Brendan ajudou Jack a ajustar o selim da bicicleta e mamãe reapareceu segurando sra. Anjo Partido.

Ela havia enrolado uma tira de gaze no rosto do anjo para esconder o pedaço que faltava, desentortou a asa e fez um curativo no braço sem mão. Depois Brendan, que era o mais alto, pegou o anjo e o colocou de volta no topo da árvore de Natal, onde sra. Anjo Partido sorriu para eles com orgulho, como se fosse destinada a ter curativos o tempo todo.

– Gosto dela – disse mamãe. – Ela parece boazinha, não é? Muito bem, vocês dois, está na hora de dormir, se já terminaram esse chocolate. Vamos acordar daqui a algumas horas mesmo.

Então Jack e Holly subiram a escada e trocaram um boa-noite amistoso no patamar. Depois Holly desapareceu no quarto de hóspedes e mamãe entrou no quarto de Jack para lhe dar um beijo de boa-noite.

Nenhuma das Coisas ali falava ou se mexia mais, e nenhuma delas tinha olhos ou braços, exceto aquelas que sempre tiveram. Jack se aconchegou embaixo do edredom e mamãe deu um beijo nele, depois no Porquinho de Natal. Ela apagou a luz e fechou a porta.

Jack ficou deitado e aconchegado na cama sentindo o cheiro de PN, um cheiro de água de canal e fumaça, com um leve vestígio do perfume de mamãe. Ele teria de ir para a máquina de lavar logo, mas Jack sabia que um dia teria o cheiro do lar e da caverna quente embaixo do cobertor de Jack.

– Boa noite, PN – sussurrou Jack. – Feliz Natal.

Exausto das aventuras, Jack caiu no sono quase instantaneamente.

Não era mais véspera de Natal, a noite dos milagres e das causas perdidas, ainda assim duas patas pequenininhas abraçaram o menino no escuro.

– Boa noite, Jack – sussurrou o Porquinho, cujas lágrimas de felicidade escorriam no travesseiro. – Feliz Natal para você também!

Agradecimentos

Jack e o Porquinho de Natal, que levou anos para ser escrito, é uma história que mora no fundo do meu coração. Poder finalmente libertá-la foi uma experiência feliz e catártica.

Tenho uma enorme dívida de gratidão com Aine Kiely, uma de minhas mais antigas e queridas amigas, que funcionou como minha bússola pessoal ao me lembrar, em um momento sombrio alguns anos atrás, que o Natal acontece todos os anos, resgatando assim minha sanidade. Graças à Aine eu adorei escrever este livro da forma como escrevi.

Ruth Alltimes foi a perfeita editora para trabalhar neste projeto. Sua percepção, entusiasmo e empatia tornaram o processo de edição um prazer total. Também sou imensamente grata à Emily Clement na Scholastic por suas contribuições, tudo para melhorar a história.

Minha gratidão, como sempre, ao meu amigo e agente, Neil Blair e a todos na The Blair Partnership que estiveram envolvidos com *Jack e o Porquinho de Natal.*

Muito obrigada a minha indispensável equipe de gestão, Nick Stonehill, Rebecca Salt e Mark Hutchinson, por terem deixado que lhes contasse a história toda durante o almoço. No futuro, limitem-me a dois copos.

Sem Fiona Shapcott, Di Brooks, Angela Milne e Simon Brown, provavelmente eu ainda estaria escrevendo o último livro, exceto um. Obrigada por tudo que fazem.

Jim Field foi o ilustrador perfeito para este projeto. Não sou capaz de agradecer-lhe o suficiente por ter conseguido retratar Jack. Eu costumava engasgar ao ver seus desenhos, pois combinavam exatamente com aquilo que eu via em minha mente.

Finalmente, e mais importante, agradeço a minha família. *Jack e o Porquinho de Natal* foi de fato Vivificado quando os cinco Murray sentaram-se na areia da praia e eu lhes expliquei sobre a Terra das Coisas Perdidas. Seu entusiasmo, interesse e perguntas lógicas (Dec) me mantiveram escrevendo. O que me resta dizer é que qualquer semelhança entre as Coisas nestas páginas e as Coisas que nossa família pode ter perdido ou achado é, com certeza, totalmente intencional.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

R788j
Rowling, J. K., 1965-
Jack e o porquinho de natal [recurso eletrônico] / J.K. Rowling ; [ilustração Jim Field] ; tradução Ryta Vinagre. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2021.
recurso digital

Tradução de: The christmas pig
ISBN 978-65-5595-093-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção. 2. Literatura infantojuvenil inglesa. 3. Aventura e aventureiros - Literatura infantojuvenil. 4. Fantasia. 5. Livros eletrônicos. I. Field, Jim. II. Vinagre, Ryta. III. Título.

21-73831

CDD: 808.899282
CDU: 82-93(410.1)

Debra Hurford Brown © J.K. Rowling

J.K. Rowling

J.K. ROWLING é a autora da recordista e multipremiada série HARRY POTTER. Adorados por fãs do mundo todo, os sete livros superam a marca de 500 milhões de exemplares vendidos, foram traduzidos para 80 idiomas e transformados em oito filmes, todos sucessos absolutos de bilheteria. Ela escreveu também três livros complementares à série, incluindo *Animais Fantásticos & Onde Habitam*, que posteriormente inspirou uma nova série de filmes. A história de Harry Potter já adulto teve sua sequência na peça teatral *Harry Potter e a Criança Amaldiçoada,* que J.K. escreveu com o roteirista Jack Thorne e o diretor John Tiffany.

Em 2020, a autora voltou a escrever para o público jovem: um conto de fadas, *O Ickabog*, inicialmente publicado de forma gratuita on-line para entretenimento durante o lockdown; após o lançamento comercial, os royalties foram doados para sua instituição de caridade Volant, com a intenção de ajudar grupos vulneráveis afetados pela pandemia da Covid-19.

J.K. Rowling recebeu muitos prêmios e honrarias pelo seu trabalho literário, inclusive pela série policial protagonizada por Cormoran Strike e escrita sob o pseudônimo de Robert Galbraith. Ela apoia um grande número de causas humanitárias por intermédio da Volant e é a fundadora da instituição de caridade internacional Lumos.

Jim Field

JIM FIELD é ilustrador, designer de personagens e diretor de animação.

Ele ilustrou livros infantis premiados, incluindo *Oi Frog!* e *Um leão na caixa de cereais*, bem como a série de ficção infantojuvenil *Rabbit and Bear*, romances infantis de David Baddiel e também é autor do livro ilustrado *Monsieur Roscoe on Holiday*.

O artista foi criado em Farnborough, trabalhou em Londres e atualmente mora em Paris com a esposa e a filha.

Índice

O Ickabog

Rowling, J. K.
9786555950427
288 páginas

Com a altura de dois cavalos.
Olhos que brilham como bolas de fogo.
Garras afiadas e compridas feito navalhas.
O Ickabog está chegando…
O Ickabog está chegando... Um monstro mítico, um reino em perigo e uma aventura que irá testar a bravura de duas crianças. Descubra um conto de fadas brilhantemente original, divertido e irônico, sobre o poder da esperança e da amizade.
O reino da Cornucópia já foi o mais feliz do mundo. Tinha muito ouro, um rei com os melhores bigodes que você poderia imaginar, e açougueiros, padeiros e queijeiros cujas comidas deliciosas faziam uma pessoa dançar de prazer. Tudo parecia perfeito, mas nos pântanos enevoados ao norte, segundo a lenda, era o lar do monstruoso Ickabog.
Qualquer pessoa sensata sabia que o Ickabog era apenas um mito para assustar as crianças e fazê-las se comportar. Mas quando esse mito ganha vida própria, lançando uma sombra sobre o reino, duas crianças - os melhores amigos Bert e Daisy - embarcam em uma grande aventura para desvendar a verdade, descobrir onde está o verdadeiro monstro e trazer esperança e felicidade para Cornucópia mais uma vez.
Em uma bela edição, perfeita para compartilhar e presentear, *O Ickabog* conta com ilustrações coloridas dos 34 jovens vencedores do Concurso de Ilustração Ickabog, dos quatro cantos do Brasil.

Helena Gomes
a Adaga Mágica
Uma história da série
A Caverna de Cristais
ROCCO

A adaga mágica

Gomes, Helena
9788581225265
42 páginas

Depois de passar seis anos trancafiado no mundo dos elfos, Razeel ganha o melhor presente de aniversário de Lyriel: a liberdade, mesmo que temporária. Porém, sua aventura se torna bem mais complexa e reveladora do que ele podia imaginar. Ele é levado ao passado para salvar a vida de Drake, mas acaba diante de uma antiga paixão que poderá tirá-lo novamente dos eixos. *A adaga mágica,* sequência de *O primeiro guerreiro,* é uma história da série **A Caverna de Cristais,** uma das sagas de fantasia/ficção científica pioneiras dentro da promissora literatura fantástica brasileira. Helena Gomes já tem mais de trinta obras publicadas, algumas delas selecionadas para programas de leitura como o PNBE, e recebeu distinções importantes, como o selo Altamente Recomendável da FNLIJ.

Compre agora e leia

THALITA REBOUÇAS
FIQUEI COM UM FAMOSO
ROCCO DIGITAL

Fiquei com um famoso

Rebouças, Thalita
9788581224954
22 páginas

A história é narrada por Camila Fernanda, fã ardorosa de uma banda adolescente que teve sucesso fulminante, mesma banda que protagoniza a história do livro *360 dias de sucesso.* Camila Fernanda acompanhou toda a história da banda, desde o primeiro clipe, assistiu a inúmeros shows e conheceu seus ídolos pela internet e também ao vivo. Apaixonada por Pedro, o guitarrista, Camila realiza o sonho de ficar com ele. No entanto, esse sonho trará muita dor de cabeça para ela e para Pedro, que namora Babi.

Compre agora e leia

Helena Gomes
a Herança da Bruxa
Uma história da série
A Caverna de Cristais
ROCCO

A herança da bruxa

Gomes, Helena
9788581224022
20 páginas

Compre agora e leia

Décadas antes do nascimento do arqueiro Thomas, a jovem e inexperiente bruxa Couchet luta para sobreviver em Britanya, um reino dominado pelo preconceito e pela ignorância. Com a ajuda do elfo Razeel, a última bruxa da Ilha Média terá de se tornar a mestra de um poderoso guerreiro, peça-chave na luta desesperada que os aguarda no futuro contra os temidos nergals. *A herança da bruxa* é uma história da série **A Caverna de Cristais,** uma das sagas de fantasia/ficção científica pioneiras dentro da promissora literatura fantástica brasileira. Helena Gomes já tem mais de vinte obras publicadas, algumas delas selecionadas para programas de leitura como o PNBE, e recebeu distinções importantes, como o selo Altamente Recomendável da FNLIJ.

Compre agora e leia

LUIZA TRIGO
ROCCO
AS VALENTINAS
• UMA HISTÓRIA DE MEUS 15 ANOS •